

**Marcas sobre  
e sob a pele:  
biomaterialidades  
vestíveis**

Luisa Videira Filardi

Universidade Federal do Rio de Janeiro  
Centro de Letras e Artes | Escola de Belas Artes  
Departamento de Design Industrial  
Curso de Design Industrial – Projeto de Produto  
Relatório de projeto de graduação

**Marcas sobre e sob a pele:  
biomaterialidades vestíveis**

Luisa Videira Filardi

Rio de Janeiro  
Abril, 2024

**Universidade Federal do Rio de Janeiro**

Centro de Letras e Artes | Escola de Belas Artes

Departamento de Design Industrial

Curso de Design Industrial – Projeto de Produto

**Marcas sobre e sob a pele:  
biomaterialidades vestíveis**

**Luisa Videira Filardi**

Relatório de Projeto de Graduação em Desenho Industrial submetido à Banca de Avaliação do Departamento de Desenho Industrial da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Bacharel em Design Industrial / Projeto de Produto.

Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Deborah Chagas Christo

Rio de Janeiro

Abril, 2024

CIP - Catalogação na Publicação

Videira Filardi, Luisa

V953m Marcas sobre e sob a pele: biomaterialidades vestíveis /  
Luisa Videira Filardi. -- Rio de Janeiro, 2024.  
140 f.

Orientadora: Deborah Christo.

Trabalho de conclusão de curso (graduação)  
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Belas Artes,  
Bacharel em Desenho Industrial, 2024.

1. design. 2. biomaterial. 3. vestível. 4. pele. 5. marcas.  
I. Christo, Deborah , orient. II. Título.

Marcas sobre e sob a pele: biomaterialidades vestíveis

Luisa Videira Filardi

Relatório de Projeto de Graduação em Desenho Industrial submetido à Banca de Avaliação do Departamento de Desenho Industrial da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro como parte dos requisitos necessários para a obtenção do grau de Bacharel em Desenho Industrial / Projeto de Produto.

Aprovado por:

Documento assinado digitalmente  
 **DEBORAH CHAGAS CHRISTO**  
Data: 08/07/2024 14:53:44-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profª Drª Deborah Chagas Christo  
EBA, UFRJ  
*Orientadora*

Documento assinado digitalmente  
 **JEANINE TORRES GEAMMAL**  
Data: 15/07/2024 22:10:37-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profª Me. Jeanine Torres Geammal  
UFRJ – EBA - Design Industrial

Documento assinado digitalmente  
 **PATRICIA MARCH DE SOUZA**  
Data: 08/07/2024 16:33:22-0300  
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

---

Profª Drª Patrícia March de Souza  
UFRJ – EBA - Design Industrial

Rio de Janeiro  
Abril, 2024

## AGRADECIMENTOS

Foram muitas as pessoas que cruzaram e colaboraram com a pesquisa de forma direta e indireta, agradeço imensamente à elas e as trocas sinceras que me confiaram.

Obrigada do fundo do meu coração à minha família, meu pai João, que me ensina criar e reinventar com o que temos ao redor; minha irmã Laura, que me apoia e ajuda através de continentes; e especialmente à minha mãe Ana, que faz o impossível por mim, acompanhou de pertinho e contribuiu inúmeras vezes com o desenvolvimento e foi corpo para o vestível; foi em casa que conheci os modos mais criativos de se estar no mundo.

Às amigadas; que se interessam, são suporte e que viveram comigo a UFRJ; Anna Aparecida, Bia Lopes, Fernanda Arnaut, Giovana Roza, Gabriel Delman, Julia Ebel, Luísa Forain e Ursula Barreto. Principalmente a Bia Lopes, que caminhou em dupla comigo nessa formação, com quem aprendo e admiro tanto. Às amigas, que crescemos juntas e com carinho, há tanto delas em mim, Mari Mendes, Maria Coutinho, Lara Prata, Luísa Rainho, Luíza Lubiana, Luiza Portella, Catharyna Mendes, Giovana Kebian, Fernanda Caldas, Fernanda Braga, Alice Fatorelli e Duda Jackson.

À UFRJ, universidade pública que me ensinou e formou para além do design; me trouxe vivências, pessoas e possibilitou caminhos para quem sou hoje. Aos professores, que guiaram essa trajetória, instigaram e ofereceram seus conhecimentos. À Deborah, minha orientadora que acompanhou esse momento de se despedir da graduação e ter tanto a falar. À banca, professoras Patrícia e Jeanine, por estarem juntas à mim na conclusão dessa narrativa.

Aos profissionais interdisciplinares que com muito cuidado me auxiliaram; Maria do Carmo Rainho, Breno Tenório, Ana Paula Duarte Moreira e Valéria Peck.

FILARDI, Luisa Videira. Marcas sobre e sob a pele: biomaterialidades vestíveis. Rio de Janeiro, 2024. Relatório de Projeto de Graduação em Desenho Industrial - Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024

## RESUMO

O projeto de design elabora reflexões relacionadas à indústria da moda, consumo e sustentabilidade, gerando uma dinâmica investigativa que produz diálogos multilaterais entre a materialidade física e simbólica projetada pela 'roupa', e pela 'pele' – simbolizando a subjetividade do 'eu'. Explorando a liquidez simbiótica dos limites que se apresentam e a complexidade das escolhas individuais. A fundamentação foi colaborativa, instigada pelas marcas que transitam e habitam o corpo, reunindo uma série de relatos através de linguagens fotográficas, escritas e orais. Na busca por processos de produção cíclicos, orgânicos e compostáveis, resgata o fazer design interdisciplinar e adota para o projeto a execução de um material biodegradável de baixo impacto. Assim, os conceitos se apresentam em consonância através da materialidade plástica desenvolvida no biomaterial obtido a partir do resíduo da casca de laranja que se consolida e se materializa no corpo em uma instalação de design vestível.

Palavras-chave: design; biomaterial; vestível; pele; marcas.

FILARDI, Luisa Videira. Marcas sobre e sob a pele: biomaterialidades vestíveis. Rio de Janeiro, 2024. Relatório de Projeto de Graduação em Desenho Industrial - Escola de Belas Artes, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024

## ABSTRACT

The design project elaborates reflections related to the fashion industry, consumption, and sustainability, generating an investigative dynamic that produces multilateral dialogues between the physical and symbolic materiality projected by 'clothing,' and by 'skin' – symbolizing the subjectivity of the 'self.' Exploring the symbiotic liquidity of the boundaries that present themselves and the complexity of individual choices. The foundation was collaborative, instigated by the brands that transit and inhabit the body, gathering a series of narratives through photographic, written, and oral languages. In the pursuit of cyclical, organic, and compostable production processes, it retrieves interdisciplinary design practices and adopts for the project the execution of a low-impact biodegradable material. Thus, the concepts are presented in harmony through the plastic materiality developed in the biomaterial obtained from orange peel waste, which consolidates and materializes on the body in a wearable design installation.

Keywords: design; biomaterial; wearable; skin; brands.

# SUMÁRIO

1.	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
1.1	Motivações.....	11
1.2	Apresentação.....	11
1.3	Meio e modo.....	12
2.	<b>CONTEXTO</b> .....	14
2.1	Cenário indústria da moda.....	15
2.2	Consumindo moda.....	19
3.	<b>OUVINDO AS PESSOAS</b> .....	22
3.1	Questionamentos.....	23
3.2	Marcas.....	31
	3.2.1 As marcas são a memória da roupa sobre a pele.....	31
	3.2.2 Ornamentos das vivências.....	35
	3.2.3 Marcas que exibem.....	39
4.	<b>MATERIAIS</b> .....	40
4.1	Biomateriais.....	41
4.2	Receitas (materializando os materiais).....	45
5.	<b>IDEAÇÃO</b> .....	55
5.1	Referências visuais.....	56
5.2	Sensações imagéticas.....	57
5.3	Tramando conexões.....	61
5.4	Vestível.....	63
5.5	Experimentações.....	65
6.	<b>ENFIM, VESTÍVEL</b> .....	71
6.1	Biomaterialização vestível.....	73
6.2	Olhar sobre detalhes.....	79
6.3	Construção vestível.....	82
7.	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	87
8.	<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	90
9.	<b>APÊNDICES</b> .....	93

# 1. INTRODUÇÃO

## 1.1 MOTIVAÇÕES

A graduação de design de produto forma modos de projetar, desenvolvendo narrativas do início ao fim e construindo meios e formas de criar. Para além da elaboração de produtos, estimula um pensamento crítico, um modo de pensar, gerir e executar de acordo com as especialidades e motivações de cada pesquisa. Também é saber se adaptar, conduzir reflexões e expô-las em produções, como resultado, mas não necessariamente resolução de problemas. Compreender os processos com aptidão para contornar empecilhos, maleabilidade e criatividade para encontrar soluções com os recursos que se tem disponíveis e capacidade de explorar ferramentas diversas, do “usual” a gambiarra. A importância ainda de identificar e criar com o que se tem disponível.

Independente da área de atuação há a sagacidade de interpretar e compreender métodos de elaboração e a riqueza de mesclar conhecimentos diversificados e interdisciplinares. Esse projeto nasce dessa motivação, de unir interesses e aplicar conhecimentos com base no exercício de reflexão do design investigativo. Parte de uma grande problemática e nela vão sendo extraídos aspectos que tramam e dão forma a narrativa, com pesquisa e questionamentos do macro são filtradas nuances, e assim aspectos da subjetividade se sobressaem e se mostram como fio condutor.

Neste trabalho – conclusão de curso – percebo uma série de visitas a temas explorados ao longo das disciplinas feitas na graduação. Aproveito de fotografias tiradas, autores lidos, textos escritos e pensamentos hoje amadurecidos que me permitem novas abordagens e leituras, todos eles construíram o modo de criar desse projeto. Percebo uma constância nos assuntos já trabalhados e também uma narrativa de conexão em seus desenvolvimentos que fortalece a escolha do tema, como é conduzido e os aspectos que acabam por serem tangidos.

## 1.2 APRESENTAÇÃO

A elaboração da pesquisa é despertada a partir de próprios incômodos que sentia, lidando com um meio cheio de contradições que é a moda. Por um lado grande apreço, interesse e admiração pelos processos criativos, expressividade e pela ferramenta potente de comunicação; por outro a consciência da problemática envolvendo os impactos ambientais, sociais e exploratórios de sua cadeia produtiva. Um confronto de princípios pessoais que compreende quais são os fatores que movem esses impactos, mas também o sentimento de urgência por mudanças comportamentais. Com perspectiva pouco otimista da situação e do que se encontra como propostas de solução em larga escala, percebe-se o maquiamento com ‘discursos apropriados de consumo consciente’ dos

processos de produção por outros também insustentáveis, nem sempre de fato adotando e refletindo modos de produzir responsáveis e coerentes com seus impactos, mas sim transformando seus signos. O aumento da visibilidade e aderência das atitudes sustentáveis motivam a capitalização dos mesmos pela indústria que o transforma em tendências, fazendo necessário questionar o modo porém tendo a clareza de que em pequena escala estão sendo sim desenvolvidas, fabuladas e implementadas inovações criativas e conscientes. Gerar novos produtos não parece ser uma solução motivadora se não forem de fato renováveis e seu fluxo de consumo também seja repensado; o impacto dos resíduos, do modo e cadeia de produção já deixou suas sequelas, mas talvez projetar com os recursos de baixo impacto ambiental e dar novos significados aos produtos ao redor seja mais tentador, despertando vínculo com quem o consome e que esse se veja como agente ativo dentro dessa cadeia viva.

Então desprende-se inicialmente da noção resolutiva e solucionadora da questão, e sem essa amarra aproveita para explorar a materialidade e o conceitual que sustenta em seguida sua idealização.

- Como gera matéria? • Como ganham forma? • Quais processo usuais e quais seriam especulativos possíveis para investigar? • Quais aspectos se vinculam e podem ser explorados juntos? • E se tudo pode e deve funcionar de modo circular, como interligar esse ecossistema que se cria? • O que se espera de quem consome? • Como lidar com essa relação entre o consumir e o consumido?

Se propõe a trabalhar com o modo e meio de elaboração através da dinâmica investigativa e auto provocadora no sentido de buscar coerência com os princípios mencionados e maneiras de criar mais exploratórias do que já se havia – pessoalmente – projetado até o momento, formulando objetivos de acordo com os resultados e avanços obtidos. Se almejava o desafio projetual de participar da fabricação do material utilizado, para que essa etapa fundamental tivesse protagonismo, e as características sustentáveis, cíclicas e conceituais pudessem se consolidar conjuntamente.

### 1.3 MEIO E MODO

A narrativa projetual parte de um contexto abrangente, estudando e compreendendo aspectos da indústria da moda e modos de consumo, debruçando sobre informações para avaliar a construção do seu fluxo de desenvolvimento com caminhos e abordagens que poderia seguir.

Compreendeu-se que trabalhar com um tema amplo traz consigo múltiplas camadas, entendimentos e experiências questionadoras, assim observou-se a necessidade e oportunidade de envolver outras pessoas

para esse aprofundamento. Primeiramente, se estabeleceu uma dinâmica de perguntas e respostas sobre como as pessoas – com um recorte variado – vêm, entendem e lidam com roupas. Esse momento foi importante para definir que o modo de elaboração da pesquisa seria em diálogo com pessoas interessadas em colaborar com a narrativa em desenvolvimento.

A partir desse momento entende-se que o processo da pesquisa se daria de forma investigativa, **observando**; **instigando** questionamentos e reflexões; **reunindo** respostas; **relacionando** conceitos e diálogos; e **materializando** o desenvolvimento relatado ao fim.

A reunião e estruturação dos diálogos foi idealizada para que pudesse ser adaptada respeitando a abordagem mais confortável para o colaborante, mesclando o uso de diferentes canais textuais, imagéticos e verbais. De modo que o progresso ocorresse de acordo com os desdobramentos possibilitados por cada resultado encontrado. O uso de diferentes meios fortaleceu a coleta de signos e pôde relacionar o contexto conceitual às instigações desdobradas.

Os diálogos também fomentaram a interdisciplinaridade da pesquisa e conferiram respaldo científico, consultando especialistas de determinadas áreas de conhecimento, através de entrevistas semi estruturadas dispostas ao longo da monografia.

Para a fundamentação teórica foram reunidas referências que estimularam e lapidaram as reflexões, entre elas buscou-se em Rafael Cardoso narrativas no campo do design sobre o ciclo de vida de produtos; a leitura de Alexandre Nodari despertou interesse em provocar e ser provocada pelos limites; Paula Sibília desdobrou entendimentos sobre a intimidade e o 'eu' feminino; Tathiane Mendes acrescentou no contato da roupa a pele, com um viés já voltado ao campo biológico.

A fundamentação ainda aparece documentada através de referências imagéticas ao longo de inserções na pesquisa de intervenções e projetos de arte e design que contribuem para a compreensão dos conceitos elaborados.

Para a materialização, o processo investigativo evolui com experimentações, avaliação dos resultados, modificações, e implementação quando atingido o resultado satisfatório. Desenvolve, desde a matéria prima utilizada, forma de aplicação em resultado, e seu descarte.

Utiliza do design para ressignificar, propor, inovar elaborações projetuais que permitem explorar através de diferentes ferramentas, recursos e objetivos os modos de materialização. Refletindo outros modos de fazer design, que rejeitam os impactos negativos dos modos, meios e – às vezes até – suas produções.



## 2. CONTEXTO

## 2.1 CENÁRIO INDÚSTRIA DA MODA

Em um contexto global, as emissões de gases causadores de efeito estufa do passado já se tornaram irreversíveis e os impactos no planeta são significativos. Mudanças no clima, períodos de secas e extensas ondas de calor fazem parte do cenário mundial contemporâneo. Inserida em uma lógica de produção capitalista, a indústria da moda tem o seu papel como agravante neste processo.

Durante a Conferência das Nações Unidas sobre Mudança do Clima – COP 26, em 2021, foi assinada a Carta da Indústria da Moda para Ação Climática, com metas importantes para o setor. Entre elas está a redução da emissão de gases de efeito estufa até 2030; o plano de descarbonização; o uso de energia advinda de fonte renovável; o uso de matéria-prima de menor impacto; e a eliminação do carvão da cadeia de abastecimento (Conferência das Nações Unidas, 2021). Estas metas são um apelo à ação climática e incentivo às políticas de utilização de materiais ecologicamente corretos. Os pontos levantados, demonstram a gravidade dos impactos, sendo importante ressaltar que a crise climática também é agravada pelo desmatamento, contaminação das águas, descaso com descarte de resíduos, e de microplásticos utilizados em tecidos sintéticos, por exemplo.

Para que haja comprometimento e garantia de que as metas estejam sendo cumpridas se faz necessário que as grandes marcas de vestuário sejam transparentes e se responsabilizem de forma global pelos processos que atravessam toda a cadeia de produção. Principalmente multinacionais devem fiscalizar e disponibilizar dados dos impactos, não somente da sua confecção e transporte, mas também de seus fornecedores, considerar a cadeia produtiva desde a obtenção da matéria prima até o descarte, disponibilizando os dados de indicadores ambientais. Ao aplicar medidas de ação e comprometimento com os índices de transparência, demonstrariam a devida incorporação das metas climáticas tão necessárias e urgentes.

Sobre o descarte material, Rafael Cardoso em *Design Para um Mundo Complexo* (2011, p.113), diz que a questão do “pós-uso” remete à concepção equivocada que é feita normalmente do “ciclo de vida do produto”. De fato, de acordo com o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE, 2022), são produzidas 170 toneladas de resíduos têxteis por ano só no Brasil e 80% deste vai para aterros sanitários e lixões clandestinos, o que causa instabilidade do solo entre outros danos. O excesso do lixo têxtil se mostra um problema global que tenta ser ocultado, porém hoje já não consegue mais ser mascarado, visto situações como o “cemitério de roupas” no deserto do Atacama, Chile. Calcula-se que 300 hectares dessa área estejam cobertos por descartes.



Figura 1  
Roupas descartadas no  
Deserto do Atacama  
Fonte: Nicolás Vargas,  
2022

Na indústria da moda, sobretudo com a globalização, o livre mercado e a comercialização escalonada, o domínio econômico de grandes potências que descartam suas peças não aproveitadas, excedentes, ocasionadas pela superprodução ou defeitos de fabricação, em portos do sul global, é chamada “Colonialismo de Resíduo” (Laura A. Pratt, *Diminuindo o Despejo Sujo? Uma Reavaliação do Colonialismo de Resíduos Tóxicos e a Gestão Global de Resíduos Perigosos Transfronteiriços*), ou seja, quando há dominação de um grupo de pessoas na sua terra natal por outro grupo através de resíduos e poluição. Assim, nem as empresas, nem os governos se responsabilizam pelo devido descarte e consumo excessivo destes produtos. Questiona-se, portanto, de quem seria o compromisso de armazenar e lidar legalmente com este excedente?

Outra prática comum do descarte é a queima poluente como ‘solução’ para manter a exclusividade das peças e também para lidar com os acúmulos nos aterros sanitários clandestinos. Um estudo realizado pela

Ellen MacArthur Foundation, concluiu que a quantidade equivalente a um caminhão de lixo têxtil é incinerado ou descartado em aterros por segundo, acentuando o quadro de emissão de CO<sub>2</sub>, a contaminação da região entre outros impactos (*A economia têxtil: redesenhando o futuro da moda*, 2017, p.37).

*Fast fashion /*  
“uma consequência das dinâmicas do capitalismo global em busca do menor custo, em um menor espaço de tempo de fabricação, distribuição e venda, baseando-se em trabalho precário [...], na promoção do hiperconsumo e do descarte rápido de roupas [...] com impactos ambientais de grande extensão,[...] na difusão de uma sutil homogeneização do parecer, promovida pelas mídias de moda.”  
(Lilyan Guimarães, 2016)

Analisando esses descartes, pode-se constatar nos produtos, o uso massivo de poliéster, uma fibra sintética produzida a partir do petróleo – fonte não renovável e de extração poluente – muito utilizada por suas características de ser mais barata, pesar pouco, secar rápido e não amassar. Em contraponto, demora ao menos 200 anos para se desintegrar, requer 70 milhões de barris de petróleo todos os anos (BBC, 2017) e com a ação do tempo, começa a se desgastar e liberar microplásticos prejudicando ecossistemas com a contaminação de águas, intoxicando a fauna e influenciando a cadeia alimentar. Pesquisas do grupo ativista ambiental WWF (2019) indicam que a população mundial já ingere cerca de cinco gramas de microplásticos por semana, o equivalente a um cartão de crédito. A contaminação ocorre principalmente através da ingestão de frutos do mar e da água.

No cenário do *fast fashion* atual, – termo utilizado no varejo de moda para a produção de roupas em larga escala com ritmo de confecção, venda e descarte acelerado – mais da metade dos produtos são feitos inteiramente de derivados de petróleo. Problema mascarado por promoções como “O plástico está na moda”, da empresa brasileira Braskem, Organização Odebrecht, que atua no segmento petroquímico e se destaca por ser a maior produtora de resinas termoplásticas das Américas. A empresa tenta vender uma promessa de sustentabilidade através do uso do PET (Polietileno Tereftalato) proveniente de garrafas descartadas para a produção do fio na trama de tecidos. No entanto, isso não atinge de forma eficaz o problema, pois o poliéster em si é um tecido pouquíssimo reciclável. Logo, o processo quebra a cadeia circular e termina com o mesmo fim, o plástico que se torna roupa; a roupa que se torna descarte e acúmulo de lixo. Isso ocorre porque ao transformar a PET em têxtil e misturá-la com outras fibras, não é possível separá-la novamente para reciclagem, e além disso, “apenas 14% do poliéster utilizado no mundo não é virgem e essa porcentagem corresponde a tecidos produzidos a partir de garrafas pet – e não a partir de tecidos de poliéster descartados e reciclados”. (*Modifica*, 2019) Utilizar como matéria prima a PET de reuso, que já possui indústria de reciclagem estruturada, para fabricação de um produto que não seguirá o ciclo de reciclagem ao invés de olhar para o próprio resíduo da moda é maquiagem e exponenciar o real problema do uso inconsciente de materiais plásticos. Além de tudo, dissolve a responsabilidade dos fabricantes de PET pelo descarte do material e adia a urgência de se lidar e repensar o uso de matérias primas sintéticas na moda.

*Cadeia circular /*  
Propõe a reorganização dos sistemas de produção para que operem em ciclos fechados de recursos. Tratando todos os materiais como recursos recicláveis ou reutilizáveis.  
(Fundação Ellen MacArthur, 2013)

As consequências do descarte do plástico vem junto com a sua própria existência, à medida que sua produção cresceu ao longo das décadas, nunca se conseguiu reutilizar nem um décimo dos resíduos gerados.

• **Ansiedade Climática /**  
Segundo a Associação Americana de Psicologia (APA) é o medo crônico de sofrer um cataclismo ambiental que ocorre ao observar o impacto das mudanças climáticas gerando uma preocupação associada ao futuro de si mesmo e das gerações futuras.

Com consciência da situação atual, e sem perder de vista a previsão de um amanhã catastrófico, não é possível se manter alienado, resultando no crescimento da busca por termos como a ansiedade climática. É imprescindível o esforço de criar outros futuros possíveis. Sair da inércia, conversar ao seu redor, plantar ideias, repensar escolhas, fabular o imaginável e escolher a pegada, a marca, e no fim, o impacto que se quer deixar.

A obra abaixo de Minga Opazo, *Red-dress* (2021), pode ser vista como esse exercício do imaginário para “mostrar o problema” – como a própria descreve. Sensibilizada pelas alterações climáticas, propõe criar novas conexões com os materiais de segunda mão que utiliza. A artista demonstra o processo de decomposição dos resíduos têxteis unindo micologia e artes criadas com fibras e fungos para digerir e transformar resíduos de roupas em solo. Haley Clouser em entrevista para a Boston Art Review (2022), trás a leitura de que a escultura não se limita a regurgitar as questões das alterações climáticas na sua arte, mas aborda a sua prática como uma experiência científica para encontrar uma solução. É como se mostrasse uma arqueologia de uma composição geológica não natural, e por ser uma artista chilena é nítida a referência ao “cemitério das roupas” do Atacama. Faz um retrato de um passado crítico, um futuro de superação, e uma obra em que os dois se misturam no processo de ressignificação.



Eu tinha lido artigos sobre cogumelos comendo plástico. Os têxteis são fibras naturais, como algodão ou cânhamo, misturadas com plástico. Achei que seria mais fácil para o cogumelo digerir os têxteis porque eles poderiam ir para o algodão ou para as fibras naturais e depois encontrar o plástico. Começamos a fazer cogumelos ostra primeiro e agora estamos experimentando outro micélio líquido. Estou muito entusiasmada com o *Pestalotiopsis microspora*, que supostamente digere o plástico mais rapidamente. Meu sonho é fazer grandes instalações com cogumelos comendo as obras. Mas, por enquanto, estou fazendo uma escultura de 4m por 2m, então ainda bem grande. (OPAZO, 2022)

Figura 2  
Roupas para digestão  
de cogumelo ostra.  
Fonte: *RE-DRESS* Minga  
Opazo, 2021

## 2.2 CONSUMINDO MODA

A relação entre moda e consumo é complexa e multifacetada. O modelo de consumo padrão, é baseado no constante estímulo do desejo por novos produtos, da criação de necessidades por vezes supérfluas e pela aprimoração de um determinado estilo de vida, que justifica o crescente ritmo dos meios de produção. Motivado em grande parte pela sensação de pertencimento, status, prazer efêmero da aquisição, e ascensão social proveniente da posse, normaliza-se a imagem da sociedade consumista – termo descrito como a crescente propensão ao consumo de bens em geral supérfluos, com motivação vinda de valores simbólicos e em grande parte influenciada pelas redes sociais, tendências da moda e status. Um dos meios que alimenta esse padrão é o *fast fashion*, o que multiplica os problemas ambientais alertados anteriormente, pois possibilita, com baixos preços e larga escala de produção o prazer alcançável, porém efêmero, da aquisição material.

Se encaixando ou fantasiando um estilo de vida, a moda carrega signos para a construção da imagem pessoal e seu posicionamento, é possível demonstrar através do visual, valores sociais, econômicos e políticos. A constante transformação mútua desses significados e significantes acarreta no consumo excessivo, acelerado, e tem impulsionadores. Acerca do assunto, Araújo (2014, p. 216) discorre: "(...) consumir se tornou quase que um dever moral. Dependendo do grupo a que se adere, existe um produto a ser adquirido. Mesmo pessoas com menor poder aquisitivo geralmente fazem opções no momento de consumir, e que talvez uma análise mais detida as fizesse optar por outro produto (...)". (ARAÚJO, 2014, p. 216)

Assim se confunde o "ser" e o "ter" – a princípio muito discrepante – o primeiro diz respeito ao que constitui identidade individual, a singularidade, e o segundo aos bens que possui, valores e acessos. Estes seriam os significados atribuídos a estes termos, no entanto, é irreal não ver a influência simbiótica das duas ações. A subjetividade do 'ser' pode se transformar pelos signos imagéticos dos bens materiais, pelo consumo de produtos que passam a ser meios para a mensagem, seja qual for. Em *Fazendo pesquisas em moda e vestuário*, Kawamura (2015) reforçou esse entendimento, e percebe-se que a Moda não é exclusivamente uma peça de roupa, mas sim, uma constituição de elementos invisíveis que os seres humanos incorporaram naquele fragmento de tecido.

Paula Sibilia em *O show do Eu: a intimidade como espetáculo* (2016), acrescenta sobre a sociedade do consumo e sua ênfase no 'ter' sobre o 'ser'. Mas que não basta 'ter', discorre sobre a estima do 'aparecer', afirmando que o que traz sentido para o consumo é poder exibir os bens. A sociedade do espetáculo é predominantemente uma sociedade da imagem, que busca validação e visibilidade acima da identidade individual.

Após a revolução industrial e ao longo do tempo, ocorreu a crescente valorização do novo e da lógica do efêmero, associando o moderno a se estar 'atenado'. Como engrenagem vital desse sistema está a obsolescência programada, que encurta ciclos de uso de produtos e os torna descartáveis. O *fast fashion* tem grande protagonismo nessa engrenagem, utilizando produções e materiais com composição de baixa qualidade, que não são feitos para durar e perdem o aspecto valorizado do 'novo' rapidamente, como por exemplo quando em poucas lavagens na máquina de lavar a peça de roupa fica danificada. No entanto, enquanto o tempo de vida útil é visto como muito curto, o tempo de degradação do material é extremamente lento, uma vez que as matérias primas não são sustentáveis.

Outro aspecto da massificação dos produtos é que existe um benefício mútuo entre a publicidade e o mercado de moda na viralização de tendências, trabalhando o senso comum com a manipulação da noção de necessidade, do processo de tomada de decisão e apropriação dos desejos em benefício do sistema capitalista, lógica de consumo e do mercado. Tendências essas que com o impulsionamento das redes sociais imagéticas como *Instagram* e *Tiktok*, têm tido um alcance a nível global imediato. Grupos diversos em idade, gênero, e interesses, não precisam pesquisar temas específicos para serem alcançados pelas marcas devido ao algoritmo de publicidade e ao próprio mecanismo de funcionamento das plataformas digitais que induzem certos conteúdos para o consumo do usuário. Consequentemente, a saturação dessas tendências ocorre na mesma velocidade da sua propagação e dá espaço a novas, mas é importante frisar que o ritmo da internet está disparado ao ritmo de mercado, que tenta acompanhá-lo o que amplia os impactos já citados. Quando as tendências de moda se saturam em poucos meses, as imagens são substituídas, mas o que é feito com os produtos? Só no Brasil, são produzidas quase 9 bilhões de novas peças por ano, uma média de 42 novas peças de roupa por pessoa em 12 meses, divulga o relatório Fios da Moda, feito pelo Instituto Modifica e FGV. (Fios da Moda: Perspectiva sistêmica para circularidade, 2021)

Nesse fluxo intenso das tendências se perde a clareza do que é a vontade individual e o que é influência da massa, se torna um aspecto sociocultural de nichos. A propaganda hipnotiza, cria problemas e soluções superfluas na mesma medida. A sociedade se apresenta como uma enorme vitrine, são tantos estímulos vestindo os meios que levam à compreensão da posse estar diretamente ligada a inserção social, de forma ainda tão presente no cotidiano que não aparenta ser tão absurda.

Os impactos socioambientais causados pelo consumismo já foram abordados, mas quando o consumo se torna apoio emocional, podendo funcionar como uma válvula de escape para preencher um vazio, surge mais um tipo de impacto, o de carácter psicológico. Uma constante insatisfação com os próprios bens, competição e busca por um alcance irreal do ritmo das tendências tão comuns que transformou o modo de vida da sociedade atual. Levando a um ciclo vicioso de compra, acúmulo e

imediatismo. As implicações também estão na autoestima e distorção da imagem corporal, promovidos pelo padrão inalcançável. Se idealiza um padrão de vida que pode ser adquirido, exibido e quando os consumidores encontram com a lacuna entre o almejado e a realidade, se vê a fragilidade dos impulsos de consumo. “E com o acúmulo, o que é feito? Desapega!” *(contém ironia)*.

Para deixar evidente os pontos percorridos sobre consumo, é interessante ver a classificação feita por Marchetto e Rocha (O PREÇO DA ECONOMIA GLOBAL: REFLEXÕES SOBRE O TRABALHO ANÁLOGO À ESCRAVIDÃO E O HIPERCONSUMISMO 2018, p.128) que aborda o hiperconsumo e o separa em quatro níveis: (I) o nível global, no qual seu impacto reverbera mundialmente; (II) o nível regional, cujos cenários sofrem com o desequilíbrio do consumo e as relações comerciais podem oscilar amplamente; (III) o nível cultural, em que os valores simbólicos se tornam mercadorias; e (IV) o nível íntimo, que afeta os hábitos de consumo de indivíduos e de seus núcleos familiares. Contribuindo para a conclusão de que existem graus que influenciam de forma subjetiva a problemática em questão, de acordo de onde e como está inserida.

O entendimento da problemática transita por aspectos políticos e precisa de recortes culturais mais profundos que valores éticos, não se pretende aqui moralizar o consumo. Considerando o cenário atual brasileiro socialmente desigual, a hierarquia é discrepante e conseqüentemente exibicionista e estética. Não há porque julgar quem se sacrifica por bens quando em sociedade eles são os símbolos de status e poder. Indivíduos possuem diferentes trajetórias e diferentes motivações para consumir, a responsabilidade do impacto não cabe a eles, **a problemática está no macro e não no micro.**

Nesse ponto a reflexão da motivação para o consumo se mostra – volto à primeira frase do tópico – complexa e multifacetada. **As trajetórias são singulares, o que leva a vontade de buscar respostas com pessoas e suas histórias, entender porque, o que, e como consomem moda, quais as mensagens que suas roupas contam e explorar suas visões próprias sobre si através das vestes.** Quais e quantas narrativas podem assim ser contadas? Para buscar essa resposta foi pensada uma ferramenta que possibilitasse o exercício de reflexão com um público diverso.



3 . OUVINDO  
AS PESSOAS

### 3.1 QUESTIONAMENTOS

*“Minhas roupas são despreziosas, não estão tentando se vender. Mas elas são bastante teatrais e permitem que você proteja a sua personalidade. Também são convidativas – as pessoas reagem a elas. E ainda têm um bônus: se você usá-las, não vai ser importunado por gente conservadora. Mas o que é ainda mais importante é o fato de minha moda falar sobre o corpo de maneira a fazer com que você se destaque, pareça importante e se sinta assim. Por exemplo, a mensagem que quis expressar em minha última coleção, “Propaganda”, era a “antiglobalização”.”*

Vivienne Westwood

A fim de investigar as relações pessoais entre vestuário, identidade, consumo e seus impactos, foi elaborado um questionário buscando extrair das respostas como as pessoas entendem aspectos da indústria da moda e se relacionam com as próprias roupas. Trazendo para a pesquisa outros entendimentos e perspectivas sobre vestuário, com um misto de perguntas objetivas e subjetivas, e respostas que constroem narrativas singulares de como cada um expõe suas relações de consumo.

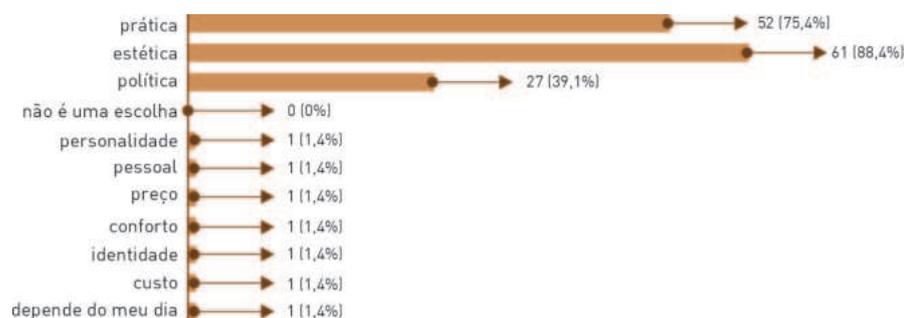
Foram obtidas 69 respostas com público majoritariamente entre 18 a 35 anos, com intuito de receber respostas mais diversificadas, o questionário foi *online* e anônimo. Foi divulgado em grupos de *Whatsapp* do curso de design de produto da UFRJ, entre grupos de amigos e familiares e também nas redes sociais como *Instagram*. Através da plataforma do *Google Forms*, utilizando-se de uma navegação simples, foi possível armazenar os registros e facilitar a divulgação, uma vez que o objetivo principal era reunir os relatos qualitativos e não extrair dados quantitativos.

Para iniciar o questionário foram dadas cinco opções para estabelecer se o público entendia roupa como uma noção ‘prática’, ‘estética’, ‘política’, se ‘não uma escolha’ e ‘outro’, para se escrever livremente. A maior parte marcou a opção ‘estética’ e ninguém marcou que não é uma ‘escolha’. Disso pode-se perceber, mesmo com esta amostragem pequena, como a estética é um valor na autoimagem e na auto identificação, e a beleza mesmo sendo um conceito subjetivo é uma construção social, que segue sendo buscada através da moda e impulsionando esse mercado. Vale observar que o intuito deste questionário foi levantar dados preliminares para iniciar o projeto, e não visava mapear como as pessoas compreendem a moda.

Como na moda, o padrão estético está em constante transformação, surge o questionamento de se essas pessoas também tentam acompanhar as tendências e como será a noção de consumo delas. Também é interessante perceber que ninguém marcou não ser uma escolha pessoal, o que traz uma noção de que as alternativas são importantes no vestuário.

## Para você roupa é uma escolha: (marque todas que se identificar)

69 respostas



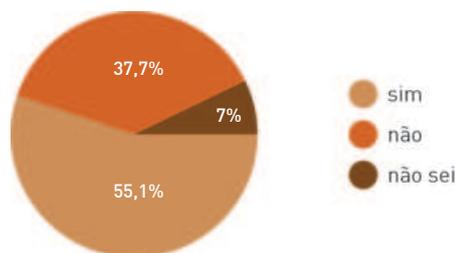
Em seguida, se pergunta: “**Nessa escolha, o que te motiva a adquirir uma peça?**”. Entre as respostas estão, a ‘autoestima’, o ‘conforto’, a ‘necessidade’, a ‘recompensa’, o ‘preço’ e ‘como a veste’. Para esta amostragem, fica claro que o principal impulsionador de compra costuma ser como a pessoa se sente vestindo aquela peça, tanto fisicamente, como o que ela desperta em termos de sensações e sentimentos. Mesmo a ‘necessidade’ sendo um ponto indicado, o prazer gerado por ela se mostra um grande motivador. Que é momentâneo quando se adquire, mas pode se manter quando a peça desperta bons sentimentos, e permite expressar visualmente uma narrativa interna.

Entre as **marcas de roupa que o público indicou consumir** identificam-se os nichos das *fast fashion* como *C&A*, *Renner*, *Riachuelo*, *Zara*; das demais lojas de shopping – como muitos classificaram – exemplo da *Farm*, *Loja Três*, *Garage*; das lojas pequenas e *online* divulgadas através do Instagram; dos brechós diversos e feiras de rua; e nas compras *online* a plataforma *Shein* também foi indicada mas sempre junto a outras lojas e meios de compra. Também foi apontado nos questionários, escolhas estratégicas de tipos de roupas para lojas diferentes, peças que vão durar mais como os jeans já optam por marcas que utilizam materiais com melhor qualidade e durabilidade. Escolhas feitas de acordo com as respectivas condições financeiras dos participantes, como muitos ressaltaram nas respostas discursivas.

De forma quase generalizada, ao se perguntar **o que é feito com as peças de roupa que o público não usa**, encontra-se uma maioria que fazem doações, uma menor parte revende e alguns “usam até virar pano de chão”, como citado em uma das respostas.

Identificando que o público faz suas peças circularem com doações, vendas, e muitos consomem roupas de segunda mão, é reforçada a noção da preocupação com o produto em ‘vida útil’, quando ainda se considera a peça apta ao uso. Mas quando não, é desconhecido o procedimento de descarte do material.

A questão seguinte pergunta se **elas se consideram apegadas às próprias roupas** e prossegue, “**Se sim, de que forma? Me conta um pouco sobre?**”



“As roupas simbolizam momentos para mim. É difícil, mesmo que eu saiba que a peça não faz mais meu estilo, me desapegar, pois ela representa fases e situações que foram vividas no passado. Parece que posso me sentir da mesma forma que me sentia antigamente ao usá-las.”

O apego é construído através do valor simbólico das roupas, que criam uma relação afetiva entre elas e quem as veste. Alguns as guardam até mesmo quando não as usam mais, viram itens de recordação, que permitem reviver memórias e sensações do passado.

“Quando gosto muito eu guardo por bastante tempo, mesmo que a roupa nem caiba mais.”

“Me preocupo com a história da roupa antes de chegar a mim, seja na produção ou de quem usou ela antes. Me preocupo com o uso e a história que vivo e crio com ela e as memórias que guardo.”

“Todas parecem que ainda serão úteis um dia, então só me desfazo das roupas que já estão rasgando (e muitas vezes corto as partes rasgadas e reutilizo as boas).”

As roupas estão sempre presentes, vivem junto às ocasiões e fazem parte das situações rente ao corpo. Sentem o arrepio, calor do momento, ganham marcas pela história e deixam marcas nas mesmas. Companheiras da trajetória, permitem quase uma viagem no tempo ao despertar sentimentos e sentidos, o toque do tecido, o cheiro guardado e as imagens das lembranças revividas. Ou ainda as experiências lúdicas e transformações fantasiosas que moram na vontade do o que pode vir a acontecer, aquilo que ainda não se viveu e talvez nem vá, e que está no imaginário.

“Acho que é um apego materialista mesmo, eu tenho um apego muito grande pelas roupas que me fazem sentir bem. Eu tenho dificuldade de me achar bonita em uma roupa, e quando eu acho uma que me faz sentir bem eu me apego a ela por essa sensação que ela me passa.”

Também há a certeza de vestir uma sensação, o encontro da peça que parece ideal para aquele corpo que embala a personalidade, e que empodera quem a veste e que muito será usado para multiplicar o prazer da sensação de se sentir bem.

O apego também parece vir do fazer valer a compra daquela peça, quando existe uma preocupação com as escolhas, consciência de consumo e até valor pago.

“Meu apego número 1 são os jeans. Eu amo. Uso até surrar e fazer dele um short alguma coisa do tipo. Existe um certo apego que eu não sei se é apego, mas é talvez um apego coringa. Ex: tenho 1 terno ou calça social que não estou usando ou um vestido chique atípico. As vezes fica anos no guarda roupas, sem usar. Penso em me livrar mas depois penso: posso ter uma ocasião no futuro e vou gastar muita grana. Então eu guardo. Peças que eu amo eu uso muito, muito, com frequência. Quando está velha eu mando embora. Mas já aconteceu de eu usar até ficar inutilizável e eu jogar o tecido fora e aproveitar o zíper, algo do tipo (pq eu costuro) mas eu tenho procurado me desapegar. Muitas vezes doar te faz ver que você não era tão apegada assim.”

Então se segue o questionamento, “**Pensando na indústria de vestuários, o que te incomoda sobre ela?**” As respostas que apontam incômodos na indústria de vestuário. Homogeneização da moda, falta de transparência, pegada ecológica, preços, falta de diversidade de corpos, exploração de mão de obra e animal são alguns dos pontos levantados.

“Me enoja a quantidade de roupa que o mundo não precisa e acaba virando montanhas de lixo. Não acredito que isso seja resolvido, mas esse consumismo bárbaro me incomoda. Inclusive estou consciente de que faço parte disso (shein e outros) quando compro peças pq estão mais baratas ou em promo na loja que gosto.”

“A presença de trabalho análogo à escravidão em algumas empresas e o impacto negativo que a indústria estética no geral pode ter sobre a visão de um indivíduo sobre si mesmo.

O que me incomoda na indústria de vestuário é a produção das “fast fashion”, que utilizam mão de obra barata, produção de peças de baixa qualidade que em pouco tempo saem de moda e são jogadas fora. Mas o que mais me incomoda é a utilização de animais na produção de roupas.”

Todos os participantes levantaram questões com aspectos variados, ou por temas que os incomodam em suas vivências ou por questões dos impactos globais e socioambientais.

“Os grandes desperdícios, a mão-de-obra injusta e os preços exorbitantes por peças de má qualidade.”

“A falta de senso da realidade, ou seja, não produzirem roupas para todos os corpos. O estímulo ao consumismo e os preços exorbitantes de peças simples.”

A indústria da moda é reflexo, imagem e semelhança da sociedade que a consome, logo, que vive no confronto ambíguo e desigual de impulsionadora econômica, porém com o ônus de lidar com seus impactos. **Mesmo críticos ao sistema de moda, eles não veem muitas alternativas de combate que sejam viáveis à suas realidades.**

“A forma como a indústria do vestuário homogeneiza a moda e a forma de se expressar.”

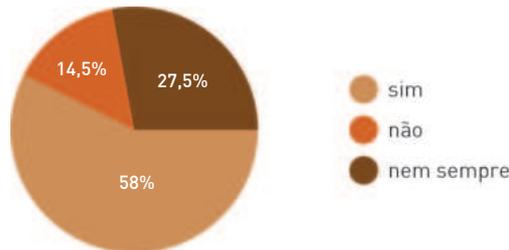
“Tudo ser produzido em larga escala, sem a preocupação de como é produzido, só que esse incômodo não me faz deixar de comprar um produto.”

“A pegada ecológica, a falta de transparência de grandes multinacionais, o exagero da globalização.”

“Custo alto e não ser justo no pagamento dos seus funcionários.”

“Incentivo ao consumismo desenfreado estabelecendo padrões de temporadas e coleções.”

Na pergunta **“Para você, a forma de produção é uma preocupação e/ou critério para adquirir um produto?”** foi bastante interessante como mais de 80% dos participantes disseram que a forma de produção é uma preocupação para adquirir um produto. No entanto, 27,5% escolheu ressaltar ser uma preocupação que na prática não conseguem exercer, alegando principalmente a questão financeira como dificultadora. Alguns até apontam a própria contradição, que gostariam que fosse um critério mais acessível, ou até que nunca tinham refletido sobre esse ponto.



Atualmente, a internet e redes sociais estabelecem grande parte dos convívios sociais, interações e não só marcam como lançam tendências. Sobre esse tema foi feita a seguinte pergunta: **“Como as tendências digitais influenciam no seu consumo de moda?”**

“Acho que não influenciam muito. Mas a indústria da moda influencia porque acaba ditando o tipo de produto que se encontra no mercado, porque a maior parte das lojas segue a lógica da indústria e a não ser que você compre somente em brechó, acaba sendo difícil escapar.”

“Particularmente, não consigo perceber uma grande influência. Pelo menos não a ocidental. Consumo muita mídia da Coreia do Sul e Japão, então acabo por me identificar mais com tendências de lá. Digo que não consigo perceber grande influência em mim, porque o que eu gostaria de consumir “tendenciosamente” acabo não encontrando por aqui. Ou quando encontro não cabe no orçamento.”

“Muito. Acredito que as tendências impulsionam a minha vontade de comprar. Sempre penso no que faz sentido para mim e o que gosto de verdade. No entanto, acho que as tendências digitais também se esgotam rapidamente e se torna cansativo ver a mesma coisa sempre. Todo mundo se vestindo igual.”

“Influenciam bastante. eu comecei a me preocupar mais com o jeito que eu me vestia depois de começar a consumir conteúdos de moda, tipo “get ready with me”, pegando referências e entendendo o que eu gostava/não gostava. claro que não são somente as tendências digitais que me influenciam, mas são grande parte.”

“Não saberia dizer exatamente porque não tenho redes sociais, mas tento acompanhar matérias sobre as marcas de que gosto.”

“As tendências digitais às vezes me mostram que meu corpo pode ficar bonito em alguns tipos de estilo que eu não imaginaria sozinha e provavelmente nem tentaria provar.”

“Influenciam por que colocam na vitrine virtual marcas que não conhecemos. Acabamos indo nos links e comprando.”

Essa pergunta teve respostas bastantes variadas como os exemplos selecionados na página anterior, grande parte disse não influenciar, outros já apontam a possibilidade de influenciar indiretamente e os que se sentem influenciados dizem que impulsionam suas compras, inspiram suas escolhas estéticas, e que é bastante difícil se anular das propagandas.

Com a possibilidade de noções tão diversas e na tentativa de explorar o local onde o público se insere foi pedido para que descrevessem a moda brasileira atual. Entre as características mais citadas estão ser plural, criativa, colorida, sexy e globalizada. Mesmo com dimensões continentais e diversidade cultural com tantas singularidades regionais, parte não soube opinar; a influência das multinacionais estrangeiras também foi muito citada como algo negativo; e analisando as características descritas ainda se tem uma visão tropical muito forte. Que de fato condiz com aspectos culturais dessa moda brasileira, mas faz refletir como seria possível retratá-la de outras formas para além das cores vivas, estampas e pele à mostra.

Ainda com vontade de dialogar com o público, aproximá-lo da pesquisa e da investigação de como essas pessoas se relacionam com as roupas e o ato de vestir, veio a pergunta subjetiva sobre **o que eles acham que as próprias roupas contam sobre eles**. Os exemplos ilustram bem a pergunta inicial, reforçam como roupa é uma escolha.

“*Eu entendo as roupas como uma forma de se expressar. Acho que minhas roupas me ajudam a me sentir mais confiante nos lugares que vou. Quando não me sinto bem com o que estou vestindo, automaticamente me fecho e não estou 100% entregue ao que estou vivenciando. Sobre mim, acho que elas transpassam o que eu quero passar e não necessariamente o que de fato estou sentindo.*”

É a história que se quer contar em determinado momento, tem motivações pessoais de acordo com a ocasião, contexto, local, horário, público, até humor e ânimo que quer transmitir.

“*Minhas roupas fazem parte da minha imagem, acredito que antes mesmo de eu chegar e falar algo em algum ambiente novo, minhas roupas chegam antes de mim, elas são a primeira impressão que as pessoas vão ter de mim. Por isso pra mim é importante a história que elas vão contar sobre mim*”

A roupa pode ser uma espécie de armadura, que protege do exterior; casulo que prevê transformação; ou máscara, de acordo com os símbolos que se escolhe vestir. O limite físico entre o eu interior e o eu exterior – que toca a pele – se torna a peça de roupa escolhida. Ela que dá forma à personalidade e sentimentos do eu interno, através dos códigos sociais já elaborados e compreendidos no imagético e que são associados a determinados valores: sociais, políticos, econômicos, culturais.

“*Em termos éticos, dizem muito porque são escolhas políticas. A estética também traduz uma vontade de pertença e uma expressão social, até inconsciente.*”

“ Creio que acabam sendo um indicativo de diversos gostos: musical, filmes, eventos sociais. Existem uma série de estereótipos e se enquadrar neles podem te fazer ser imediatamente aceito ou rejeitado por um grupo. Podem definir se alguém vai te achar mais ou menos atraente. A nível pessoal diria que dizem muito sobre o meu estado emocional.”

“Minhas roupas atuais não representam muito minha personalidade. Se eu pudesse renovar todo o meu guarda roupas, acredito que as roupas poderiam ter um pouco mais a minha cara e representar minha personalidade.”

Investigar a relação entre roupa e autoestima também se mostrou relevante, pelo potencial de uma peça transformar um humor, de celebrar o corpo que a veste, de transmitir por fora um sentimento e ser seu reflexo. Tudo o que um conjunto de peças podem contar sobre alguém.

Ao fim, o questionário foi uma ferramenta que trouxe ricas contribuições, com um público engajado que ao longo das perguntas analisou os próprios hábitos e se aprofundou em suas narrativas. Nessa fase da pesquisa, em que se via a necessidade de ter outros pontos de vista e acrescentar vivências, as respostas confirmaram alguns pensamentos e elaboraram novos.

Os participantes em maioria conheciam o modo do consumo consciente e tinham plena noção de seu valor, apontaram os impactos da indústria da moda no macro e em suas vidas pessoais também, afetados principalmente pelos padrões de beleza e consumo. Mesmo sendo reconhecido como tema de relevância, a forma de produção ética por si não é um critério que determina as escolhas de compra para esse público. O valor investido e a satisfação estética ainda se sobrepõem, possivelmente porque os participantes não se entendem dentro da dinâmica de produção, e assim se distanciam da responsabilidade, ou por não ser uma prioridade de mobilização pelos aspectos sociais, econômicos e culturais já abordados.

Buscando trazer para a prática o consumo consciente, os três fatores: estética, valor e produção deveriam andar juntos e compor o produto, ou, então, seria necessário que essas relações de consumo fossem repensadas em novas formas de existir. Lidar com os bens de outras maneiras, reinventá-los, ressignificar seus valores e seus símbolos. Como nas palavras de ordem de Hélio Oiticica, deve-se “consumir o consumo” (BRASIL DIARRÉIA, 1973) com o sentido do contexto de digerir o processo de consumo padrão atual em algo distinto, com a criatividade da inovação. Repensar a lógica de consumo também é repensar a estética, os acessos e as relações sociais.

Consumir o consumo / Termo apresentado em Brasil Diarréia 1973, Hélio Oiticica. Acessado através de Nodari, “Consumir o consumo, portanto, não é consumir mais; é consumir a lógica do consumo: se o consumo é sempre uma transformação, uma digestão, então o consumo do consumo é uma digestão desse processo, a sua dissolução e transformação em algo outro.” (Alexandre Nodari, Limitar o limite: modos de subsistência, 2014, p.4)

Com tantas complexidades e disparidades sociais, analisar as escolhas que envolvem poder de compra, imagem projetada e pertencimento, apontam para muitas *nuances* que não tornam justa uma resolução genérica. Cada caso contado possui referências distintas e trouxe dados apoiados em narrativas pessoais. Por esse motivo, as respostas poucas vezes eram objetivas e carregavam “poréns” e observações aprimorando, em muitos casos, opiniões e discursos dos quais as ações não conseguem acompanhar.

As roupas, como bens, podem ter um alcance de possibilitar acessos e também de negá-los. Quando os participantes expõem no questionário o prazer de comprar algo novo, e suas estratégias para a tomada de decisão, há fatores que permeiam a situação. Como por exemplo, a possibilidade de expressarem uma mensagem através de símbolos vestíveis e terem devolutivas preconceituosas e intolerantes em determinados ambientes.

Em comum entre o público está a potência da autoimagem como símbolo idealizado, a descrição do visual alinhada à personalidade de cada participante e a escolha de como querem se apresentar e imprimir uma mensagem, que no entanto pode sempre ser lida de forma diferente da idealizada. A roupa, então, passa a ser esse canal, um meio que comunica para além da intenção de quem a veste de acordo com o contexto onde se insere.

Nas roupas, entre a mensagem projetada e a digerida pelo outro existe um limite mutável e extremamente subjetivo. O que também pode ser compreendido como uma fronteira entre zonas de entendimento. Os códigos sociais se transformam de maneiras simples, mas também abruptas, conforme por onde transitam e por isso é tão instigante compreender a racionalização por trás das escolhas autorais. Quais foram as motivações para vestir uma roupa específica, o que foi despertado por essa escolha, quais as lembranças que permaneceram, as marcas passageiras que foram deixadas na pele por ela e as marcas permanentes que se instalaram. Quando se desfez dela e o porquê, toda uma história que aquela determinada peça de roupa já viveu e pode contar. Relação tão íntima que, sobre a pele, a roupa vira uma película, uma camada protetora que cobre e acolhe partes escolhidas, se torna uma segunda pele vestindo o corpo, e tudo que nele habita, e em de tempos em tempos é trocada. Pensando esse contato físico do toque da roupa com a pele, a roupa limita espacialmente o limite do corpo.

O conceito do limite surge na pesquisa após a leitura do texto *Limitar o limite: modos de subsistência* (2019), em que Alexandre Nodari discute os modos de subsistência e estabelece limites para garantir uma vida sustentável, propondo lidar com os limites de outro modo. O contato com o texto desdobrou entendimentos e hipóteses sobre a materialidade que limita o eu-interior, e que esse limite íntimo e vulnerável convive com a não certeza de até onde se estende a relação mutável e não-métrica da pele/roupa. Quando se dá corpo a uma roupa, uma sensação é corporificada e é criada uma nova experiência de limite.

## 3.2 MARCAS

Qual seria a materialidade, o registro que determina o limite, ou como ele seria compreendido na relação pele e roupa? A marca, presente fisicamente na pele e emocionalmente na essência – ou eu-interior, personalidade –, exibe a imagem prolongada da experiência da roupa vestida, das vivências que criam experiências e histórias, e também as escolhidas para ilustrar a pele.

Todas passageiras em seu tempo e todas fazem parte das narrativas individuais que carregam memórias para contar. Em conversas tanto com os que já estavam dialogando com a pesquisa, já tinham participado dos questionamentos anteriores, quanto pessoas que estavam tendo um primeiro contato, foi pedido para que enviassem fotos das marcas que possuem no corpo, com a devida liberdade para as compreensões variadas do termo. O contato foi feito ao longo de toda a pesquisa, através de trocas de mensagem, e após receber os registros fotográficos foram escolhidos alguns - usando como critério priorizar marcas geradas de modos distintos - para convidar a enviarem também o relato contado. Pedindo para narrarem a história daquela marca e das suas relações com elas, como e se elas influenciam nas vidas dessas pessoas, de modo escrito ou oral (os orais foram transcritos para se adaptarem ao formato do texto).

A análise das imagens possibilitou reflexões e interpretações desenvolvidas, a presença de diferentes marcas, registradas de diferentes modos, que geram sensações tão específicas e peculiares gerou tanta motivação que desencadeou em mais conversas com os respectivos marcados e ao longo de toda a pesquisa foram recolhidas e também produzidas fotografias. Nestas conversas, imagens e reflexões foram percebidas semelhanças, que permitiram compilar os registros por tipos de marcas identificados nos diferentes relatos.

### 3.2.1 As marcas são a memória da roupa sobre a pele

A pele é cúmplice da roupa, vive a lembrança de ser vestida na efemeridade das marcas deixadas e se modifica de acordo com as transformações do corpo que a habita. As marcas são a memória da roupa sobre a pele.

Figura 3  
Marcas de roupas  
deixadas na pele.  
Fonte: acervo pessoal







A marca prolonga no corpo a presença da peça despida e por isso é cúmplice. A roupa se transforma na pele e a pele na roupa, uma relação de automoldagem e por aquele momento a peça complementa o corpo de acordo com as motivações pessoais, como as que foram citadas nos relatos descritos no capítulo anterior.

Motivações essas que também sofreram diversas influências através de diferentes diretrizes, principalmente ao se tratar do corpo feminino, que foi lapidado conforme padrões estéticos culturais e temporais ao longo da história.

A *lingerie* pode ser considerada a primeira vestimenta que toca a pele, peças íntimas como calcinhas, sutiãs, cinta liga e anáguas, itens que possuem finalidades iniciais de proteger e sustentar o corpo – principalmente os órgãos genitais e os seios – tiveram seus valores reinterpretados. Já foram elementos principais e coadjuvantes; tabus constantes; símbolos de hipersexualização; ferramenta do conservadorismo para uma prisão em camadas do corpo objetificado; instrumento para moldar e atingir padrões corporais; entre tantos outros e ainda, atravessaram muitas revoluções comportamentais.

“O corpo “explícito” que daí emerge rejeita toda idealização ao enfatizar sua espessura e sua consistência carnal, tanto em suas fragilidades como em suas potências, confrontando-se com os ímpetos padronizadores que hoje “assujeitam” e restringem as vivências corporais. Numa época que se caracteriza pela profusão de espetáculos, por um viver entre-imagens e inclusive por certo devir-imagem, essas propostas talvez sejam capazes de subverter o atual “regime do visível” no que tange às silhuetas humanas, dilatando suas bordas e abrindo frestas capazes de questionar as moralizações que o alicerçam.” Paula Sibilia, DA PURIFICAÇÃO MIDIÁTICA À EXPLICITAÇÃO ARTÍSTICA: Os corpos visíveis contemporâneos no limiar da obscenidade

A pesquisadora do CNPq, e professora do Programa de Pós-Graduação em Comunicação e do Departamento de Estudos Culturais e Mídia da Universidade Federal Fluminense (UFF), Paula Sibilia em entrevista à *IHU On-Line*, fala sobre como o corpo vem sendo punido pela própria materialidade, por mostrar sua substância, sobretudo em defesa da moral inalcançável da boa forma.

Além disso, as aparências remetem a uma essência, que seria a aparência, mas que na verdade é uma visibilidade, porque não remete a uma instância anterior e mais verdadeira, que seria a essência. Há um deslocamento, portanto, da essência, como algo que antes poderia ser chamado de aparência

visível, mas não é aparência porque não remete à essência. A imagem visível, a imagem corporal, é cada vez mais pensada como tudo o que somos. Se temos alguma coisa valiosa, ela deve estar inscrita no corpo, com sinais, tatuagens. Não haveria outra coisa. Acredito, contudo, que isso seja ainda mais claro com essas entidades biológicas porque, quando a neuroquímica do cérebro for completamente decifrada, ela hospedará toda a verdade.” Ela discute como o culto ao corpo tem implicações na identidade pessoal devido a busca de validação que afeta o entendimento do “eu” quando isolado das influências sociais. (Ihu On-Line, 2010, *A moral da boa forma e a impossibilidade do corpo perfeito. Entrevista especial com Paula Sibilia*)

As marcas que as roupas deixam nos corpos também carregam um simbolismo, um suspiro de alívio da pele que foi comprimida e tem um respiro quando exposta, como se estivesse sendo moldada à uma forma e de modo efêmero vai relaxando, desarmando e voltando ao seu estado original. Nesse movimento, se pode imaginar também a ação oposta, da roupa que foi laceada por um corpo e conserva as deformações geradas pelos usos. Esses, que podem ter sido feitos de modos diferentes, por pessoas distintas, outros corpos, outros tempos, outros climas, enfim, múltiplas situações. A relação profunda e subjetiva entre a materialidade da vestimenta e da pele se funde mais uma vez e tece a narrativa da pesquisa.

Figura 5  
Roupas marcadas  
pelo uso e pelo corpo.  
Fonte: acervo pessoal





Figura 6  
Marca provocada na  
pele por outro corpo.  
Fonte: acervo pessoal

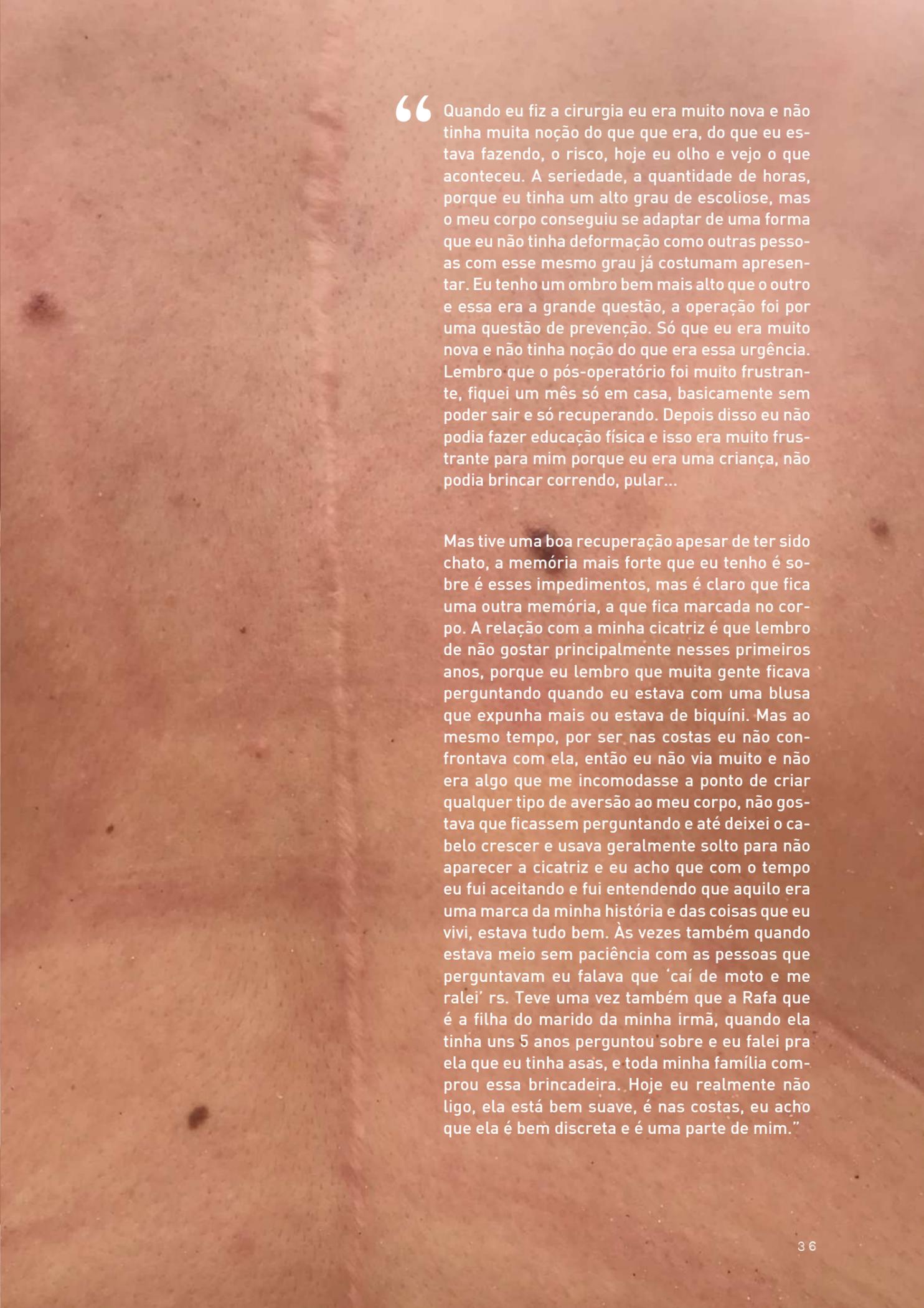
### 3.2.2 Ornamentos das vivências

A pele abriga memórias nas histórias deixadas pelas marcas, frutos do tempo. Criam narrativas para o corpo que é vestido pelas vivências que resultaram nas marcas, algumas efêmeras e algumas permanentes, algumas escolhidas e outras pelo acaso. Marcas que dão forma, cor e textura às sensações vividas, expõem o vulnerável do corpo durante seus ciclos de renovações simbólicas e das células epidérmicas.

Como temos observado as marcas carregam histórias e histórias trazem julgamentos, sentimentos, implicam valores de beleza e status social. Inevitavelmente, as marcas causadas na pele interferem nas relações pessoais com o ato de vestir e influenciam na decisão por usar determinada peça de roupa. Se esconde ou tenta se esconder essas marcas por desconfortos pessoais, pressão estética, proteção, insegurança, lembranças despertadas e tantas outras motivações e cobranças sociais, pois a roupa apresenta o corpo em sociedade, e como trabalhado na tese *Sobre a pele a roupa* (2019) da pesquisadora Thatiane Mendes “assim como as nossas peles, são as nossas interfaces com o mundo”. Roupas e pele estão atreladas à vulnerabilidade e à exposição do íntimo do corpo, atravessam temas de disforia e frustrações perante a ‘imperfeições’ expostas e pouco aceitas em sociedade. Assim, a vestimenta tem potencial de ressignificar relações corporais, tanto em atitudes de empoderamento e aceitação, como ao contrário, quando a peça reforça uma marca de insegurança, um desconforto exposto.



“As marcas de espinhas nas minhas costas costumavam ser uma questão para mim, eu tinha muita vergonha de sair com uma blusa decotada nas costas ou até mesmo uma regatinha. Na época afetou muito a minha autoestima, eu não conseguia me sentir bem com essa parte do meu corpo, tentava esconder ela com as roupas e até mesmo com o meu cabelo. Com o tempo as marcas foram diminuindo e eu fui me libertando dessas amarras que me limitavam a um único corte de cabelo e ao uso de determinadas peças de roupas. Foi quando decidi cortar o meu cabelo mais curto, passei a usar roupas sem me importar tanto se mostrava as minhas costas ou não e a me sentir mais confortável com o meu corpo. Hoje entendo que essas marcas são normais, que não tem porque ter vergonha. Elas fazem parte de quem eu sou e refletem o meu crescimento ao longo desses anos e de como eu me relaciono com o meu corpo atualmente. Até hoje eu tenho espinhas que deixam marcas no meu corpo, mas agora eu entendo melhor “o que elas querem me dizer”, pois afinal elas são um reflexo da minha alimentação e do meu humor, funcionando como um lembrete para eu me cuidar melhor.”



“Quando eu fiz a cirurgia eu era muito nova e não tinha muita noção do que eu estava fazendo, o risco, hoje eu olho e vejo o que aconteceu. A seriedade, a quantidade de horas, porque eu tinha um alto grau de escoliose, mas o meu corpo conseguiu se adaptar de uma forma que eu não tinha deformação como outras pessoas com esse mesmo grau já costumam apresentar. Eu tenho um ombro bem mais alto que o outro e essa era a grande questão, a operação foi por uma questão de prevenção. Só que eu era muito nova e não tinha noção do que era essa urgência. Lembro que o pós-operatório foi muito frustrante, fiquei um mês só em casa, basicamente sem poder sair e só recuperando. Depois disso eu não podia fazer educação física e isso era muito frustrante para mim porque eu era uma criança, não podia brincar correndo, pular...”

Mas tive uma boa recuperação apesar de ter sido chato, a memória mais forte que eu tenho é sobre esses impedimentos, mas é claro que fica uma outra memória, a que fica marcada no corpo. A relação com a minha cicatriz é que lembro de não gostar principalmente nesses primeiros anos, porque eu lembro que muita gente ficava perguntando quando eu estava com uma blusa que expunha mais ou estava de biquíni. Mas ao mesmo tempo, por ser nas costas eu não confrontava com ela, então eu não via muito e não era algo que me incomodasse a ponto de criar qualquer tipo de aversão ao meu corpo, não gostava que ficassem perguntando e até deixei o cabelo crescer e usava geralmente solto para não aparecer a cicatriz e eu acho que com o tempo eu fui aceitando e fui entendendo que aquilo era uma marca da minha história e das coisas que eu vivi, estava tudo bem. Às vezes também quando estava meio sem paciência com as pessoas que perguntavam eu falava que ‘caí de moto e me ralei’ rs. Teve uma vez também que a Rafa que é a filha do marido da minha irmã, quando ela tinha uns 5 anos perguntou sobre e eu falei pra ela que eu tinha asas, e toda minha família comprou essa brincadeira. Hoje eu realmente não ligo, ela está bem suave, é nas costas, eu acho que ela é bem discreta e é uma parte de mim.”



“ Eu e minha mancha já tivemos altos e baixos, quando era criança não gostava porque eu me sentia diferente, quando a gente é mais novo acho que não queremos ser diferentes, e eu estava assim não a ponto de vestir uma roupa para esconder, mas me incomodava e também ocupava um espaço maior no meu corpo. Eu falava que ia fazer uma tatuagem em cima e eu não sei em que momento da minha vida eu comecei a gostar dela, mas também não reparo tanto no dia a dia, eu gosto dela pelo motivo de ser muito meu e da questão genética, na minha família cada um tem um lugar diferente. Também é legal porque ela muda de cor com o frio. A cicatriz eu não sei muito ainda por que ela é recente, nesses meses que está cicatrizando tá ficando com uma carinha de cicatriz como ela deve ficar o meu corpo. Mas sempre que eu ia no hospital falavam ‘nossa vai ficar uma marca horrível’, ‘vai ficar uma marca muito grande, muito feio’, falavam em reformas de cicatriz e não era algo que eu me importasse naquela situação. Agora que cicatrizou e perdeu a casquinha, eu estou conhecendo melhor e estou passando uma pomada cicatrizante, pesquisando, mas não me incomoda e não me vejo tampando ou escondendo ela, a situação está confortável. Mas se tivesse uma cicatriz em cima da minha tatuagem, por exemplo, eu iria me incomodar porque eu já tenho uma pequenininha que é imperceptível para quase todas as pessoas, mas pra mim me incomoda. Mas pensando sobre as marcas no corpo, podem incomodar esteticamente, mas acho que tem muito mais a ideia de histórias que contam sobre aquela pessoa, toda cicatriz tem uma história e isso é muito legal. São um lembrete, geralmente as pessoas também perguntam, querem saber como aconteceu...”



“ A minha cicatriz no joelho me lembra o momento que eu consegui ela. Me traz lembranças do meu avô. Quando eu tinha uns 5/6 anos, eu estava correndo pelo condomínio dos meus avós para ir para a casa deles com a moça que trabalhava aqui em casa. Eu estava bem feliz e do nada tropecei e caí. Chorei muito, estava sangrando. Meu avô logo veio me acudir. Ele era o síndico do prédio, e eu sempre achei isso muito importante, e, pela primeira vez, ele me levou na sala do síndico, que eu nem sabia que existia. Achei aquilo demais. Ele conseguiu cuidar do machucado e fazer com que eu me sentisse melhor. Eu ainda fiquei um pouco sem conseguir dobrar o joelho, mas depois passou rápido. Eu me lembro que a cicatrização foi um pouco mais chata. Como era criança, eu tinha aquela mania de começar a cicatrizar e eu já querer arrancar a casquinha. Então demorava e ficou um pouco marcado. Quando era pequena eu não gostava da cicatriz, achava muito grande para o tamanho do meu joelho. Mas depois foi suavizando e eu já nem percebo mais tanto, ficaram mais as histórias! Nunca deixei de usar algo por conta da cicatriz, nem quando ela me incomodava!”

São tantas as histórias que as marcas podem contar e nessa pluralidade se destaca a subjetividade no modo como são contadas por quem as vivencia. Ao recolher as imagens-relato, foi possível acompanhar avanços de cicatrizações, inflamações, reações alérgicas e a ação do tempo, se elas acompanhavam sensações de angústia, se eram reações psicossomáticas aos sentimentos embrulhados, sensações do emocional que atravessaram o limite da pele... E ainda como a presença do eu-interior pode se mesclar e exibir através da marca exterior. Além disso, com a constante renovação celular, as marcas da pele somem, se modificam, são tratadas, se transformam, reconfiguram, reaparecem em novas ocasiões e seguem o ciclo das suas histórias.

“ De resto permanecem as marcas de sol, manchinhas, a linha clara que aparece no meu nariz quando pego muito sol, pintas, arranhões de trombar na minha cama e mexer com alfinetes, queimaduras da panela sem cabo que uso em casa e sambam na grade do fogão... Sei contar histórias de todas as marcas que habitam e já habitaram meu corpo.”

“É engraçado como nosso corpo cria memória e mesmo que a gente cresça, amadureça e a vida mude por completo, parece que algumas coisas ficam ali no nosso inconsciente pra sempre” (Relatos anônimos)

Figura 7  
Marcas que contam histórias.  
Fonte: acervo pessoal



### 3.2.3 Marcas que exibem

Em contraponto estão as marcas escolhidas para se exibir, como as tatuagens que ornamentam a pele com signos e atributos que têm o poder de transformar os códigos da vestimenta, de apresentar e acrescentar mensagens à apresentação visual da narrativa de um corpo. Também possuem valores e compreensões diversas de acordo com o contexto onde se inserem, e mais uma vez passíveis de julgamentos segundo esses valores.



Figura 8  
Tatuagens na pele.  
Fonte: acervo pessoal

As questões percorridas até o momento demonstram a dualidade das marcas geradas pelas vestes; memórias da roupa sobre a pele; ornamentos; em contraponto das marcas que atravessam a cadeia de produção, pegada ecológica abordada anteriormente na análise do consumo e descarte de roupas. Recortes, a princípio, muito distintos de uma mesma narrativa, que se cruzam quando a personalidade é inserida no contexto, quem a veste. Um fator que acolhe através da subjetividade a crítica já feita ao modo de consumo, não aparece para justificar mas sim adentrar nas motivações e relações íntimas do vestir/corpo, para além da moral. Movida pelo tempo existe também uma conexão através das possíveis transformações da materialidade plástica e viva de ambos. Relações marcadas pelo trajeto em momentos diferentes da cronologia, desde como no processo de degradação de uma peça de roupa descartada ou quando ainda há relação de uso, no contato intrínseco com a pele.



# 4 . M A T E R I A I S

## 4.1 BIOMATERIAIS

Após buscar a compreensão dos códigos e significantes por trás das vestimentas e escolhas pessoais, a materialidade estudada até o momento ganha novos valores que permitem explorá-la através de diferentes ferramentas neste capítulo. Os meios materiais são questionados através da crítica à digestão do consumo – que absorve e transforma – e a ressignificação dos processos de criação aparece como tema de relevância, repensar as relações do vestir gera a necessidade de pensar novos modos de criar, que reflitam os atuais impactos negativos dos modos de produção.

**Digestão do consumo /**  
Termo apresentado em  
Brasil Diarreia, Hélio  
Oiticica. Acessado  
através de Nodari, “se  
o consumo é sempre  
uma transformação,  
uma digestão, então o  
consumo do consumo é uma  
digestão desse processo,  
a sua dissolução e  
transformação em  
algo outro.”  
(Alexandre Nodari,  
Limitar o limite: modos  
de subsistência,  
2014, p.4)

Ao observar que a materialidade plástica gera grande impacto, não somente nas sensações do corpo que as usa, mas também nas formas que uma peça poderá ser fabricada e apresentada, a própria materialidade se faz central na reflexão deste projeto. Esta centralidade torna necessário se debruçar sobre as diferentes formas de produção e desdobramentos da etapa fundamental que é a escolha por matérias primas. É necessário ir contra a dinâmica de exploração de recursos naturais e novos processos de criação precisam propor alternativas inovadoras e coerentes com os recursos materiais e tecnológicos já disponíveis.

No elo da relação entre os recursos naturais e culturais – entendendo esse como relativo a sociedade – existe uma exploração não renovável, duas medidas desiguais em sua relação de hierarquia, pois não tornam o processo cíclico, e sim exploratório.

A busca por processos de produção cíclicos, orgânicos e compostáveis são desafios urgentes. A gama de pesquisas em desenvolvimento a respeito da elaboração de materiais com fontes sustentáveis e cadeias de produções alternativas tem se expandido em diferentes áreas e é promissora por se responsabilizar frente aos próprios impactos no meio ambiente. Assim, desenvolver esta temática se mostra relevante e ainda uma maneira de interagir através da interdisciplinaridade com áreas de estudo que buscam um sistema renovável para novos caminhos sustentáveis, agregando conhecimento e aprimorando a aplicabilidade dos materiais sustentáveis.

Dentre os novos modos de criar da cadeia têxtil estão os biomateriais. Esta denominação abrange uma ampla categoria de materiais os quais incluem produtos que contém biomassa; são derivados de ingredientes biológicos; são produzidos usando algum tipo de processo biológico; e por fim, produtos biodegradáveis. O tema também é encontrado através das nomenclaturas de “bioplásticos”, “biomassas” e “biocouros” e contempla as inovações sustentáveis no campo dos materiais. No mercado de fabricação têxtil já é possível encontrar algumas alternativas sendo implementadas, como por exemplo: produções a partir de organismos biodegradáveis como fungos; o uso de bactérias na produção de microfibras através de cultura de kombucha; bioplásticos produzidos

através de cascas de frutas ricas em fibra como a laranja, banana, maçã e abacaxi; algas que possuem favorável plasticidade; e uma numerosa gama de alternativas que apresentam inovações sustentáveis para o meio ambiente.



Figura 9

1. Biocouro microbiano
  2. Biocouro de micélio
  3. tecido com fios de alga e algodão
  4. Bioplástico de manga e tapioca
- Fonte: Fabricademy, 2020

Esta investigação sobre os biomateriais se iniciou abrangendo as alternativas de referência, especificidades que poderiam ser buscadas e contatando profissionais que poderiam colaborar com a pesquisa. A primeira entrevista semiestruturada foi realizada por meio *online* no início da pesquisa com o pesquisador Breno Tenorio Ramalho de Abreu, professor na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, criador do método Microbioinspirado (MBI) que une projetos da Microbiologia com áreas criativas. O contato foi fundamental para compreender a experiência de pesquisa independente e a gama de possibilidades existentes de acordo com os recursos disponíveis. O professor Breno também trouxe suas experiências com o uso de fibras alternativas para obtenção de resultados variados e como esses podem substituir aplicações padrões, como por exemplo a utilização da fibra de coco, juta, paina e folha de abacaxi, no lugar do algodão, favorecendo materiais que possuem modo de produção com menos impactos ambientais. No projeto Biostudio, Breno pesquisa biodesign e práticas sustentáveis por meio de testes de coloração de tecidos orgânicos e criação de estampas utilizando linhagens de actinobactéria. Foi muito interessante compreender o processo desse estudo desde a fabricação até os métodos utilizados para conservação das peças, pois possibilitou maior familiaridade com diferentes modos de criação e serviu de referência para as seguintes experimentações da pesquisa.



Figura 10  
Resultados obtidos  
pela pesquisa de  
Breno Tenório.  
Fonte: Biostudio

Buscando respaldo científico para compreensão e escolha dos possíveis ingredientes que compõem o material, a segunda entrevista semiestruturada foi feita com a doutoranda Ana Paula Duarte Moreira do Departamento de Engenharia Metalúrgica e de Materiais – PEMM/COPPE/UFRJ no Laboratório Multiusuário de Caracterização de Materiais, e trouxe informações importantes sobre as propriedades químicas dos ingredientes escolhidos para os primeiros testes dos biomateriais. Orientando o uso do alginato de sódio para a materialidade, resistência e impermeabilidade e o cloreto de cálcio como anti mofo. O contato também foi importante para conhecer o modo de pesquisa e desenvolvimento na engenharia de materiais e os processos em laboratório, as possibilidades de estudo que as máquinas disponíveis permitiam e como utilizar de substâncias químicas de forma segura para bons resultados.

Uma das formas de fabricação dos biomateriais visando aplicação em vestuário que vai de encontro com a dimensão da pesquisa realizada é a união de técnicas artesanais com conhecimentos e ferramentas industriais. A área tem ganhado destaque e por trabalhar com inovação a partir de recursos disponíveis, existe uma grande rede de pesquisadores que trocam conhecimentos e experiências de forma *online* em núcleos de internet em plataformas online como *Discord* e *Youtube*. Os processos de fabricação são chamados de receitas e de acordo com as finalidades e escala podem ser desenvolvidos em laboratório ou de forma caseira.

Assim, a navegação por essas comunidades de pesquisadores foi fundamental para analisar diversas receitas, compreender suas semelhanças e o papel de cada ingrediente e de cada etapa, para então aplicar em adaptações focadas nos objetivos buscados.

Para escolher a matéria base para a produção do biomaterial e modo de fabricação é necessário traçar objetivos desejados, compreendendo que o material se torna protagonista do processo. O cenário que se encontra a pesquisa direciona as especificidades para a fabricação do material e a interdisciplinaridade cria relações multilaterais, conectando os aspectos envolvidos, para que se beneficiem entre si de forma circular através da escolha da receita, modo de fabricação, aplicação e descarte.

Nessa lógica entende-se que usufruir dos resíduos de outra cadeia produtiva seria o mais condizente com os objetivos e princípios. Identificar uma situação problemática e adotá-la de forma benéfica e transformadora, não como proposta de solucioná-la – pois seria necessário uma análise e revisão da sua indústria – mas lidando de maneira sustentável e responsável com a questão introduzida. Redirecionando destinos da matéria orgânica e processos da indústria, dialogando com o território que se habita.

A partir desse direcionamento, o aproveitamento das fibras de resíduos orgânicos é coerente devido a rica produção agrícola brasileira – maior indústria do território nacional –, o clima e o solo favoráveis. Ainda, a produção brasileira de frutas ultrapassa as 41 milhões de toneladas, ocupando em média 2,6 milhões de hectares, segundo dados de 2022 da Confederação da Agricultura e Pecuária do Brasil (CNA). Ou seja, um mercado estabelecido com produção grandiosa e que gera descartes em mesma grandeza. Uma pesquisa da Escola de Artes, Ciências e Humanidades (EACH) da USP aponta que 33 mil toneladas de alimentos são descartadas anualmente nas feiras livres de São Paulo, uma grande parcela, que tem ótima qualidade, poderia ser reaproveitada (Jornal da USP, Toneladas de alimentos das feiras livres de São Paulo vão para o lixo, 2018). Assim, propor novos fins para uma cadeia de alimentos orgânicos descartados dialoga tanto com a problemática dos excessos que vem sendo discutida, como com a resolução para a definição da receita buscada. Estabelecendo um modelo de produção sem descartes, em que o produto é desenvolvido a partir de resíduos de matérias orgânicas e reabsorvido pelo próprio ecossistema.



Figura 11  
Casca de batat doce, banana  
e laranja desidratadas  
Fonte: acervo pessoal

## RECEITAS materializando os materiais

Na sequência foram iniciados os testes de receitas dos biomateriais. As principais referências para essas produções foram o centro de pesquisa e educação *FabLab Barcelona*, o portal *Fabtextiles*, a rede de pesquisa *Materiability Research Group*, entre outros pesquisadores independentes que compartilham seus processos e resultados na internet, em plataformas como o Youtube.

Investigando e avaliando os resultados obtidos nas referências mencionadas no parágrafo anterior, foram identificados padrões. Deles, partiram os testes misturando os conhecimentos obtidos para desenvolver as próprias receitas, de acordo com a realidade e objetivo da pesquisa. Com esses resultados foram compreendidas as necessidades de adaptações, ajustes, e combinações entre receitas, considerando que o clima e a forma de produção influenciam no processo. O modo de fazer caseiro não foi um impedimento e sim um fator que permitiu aprofundamento na compreensão de cada etapa em detalhe, principalmente pelo aspectos de armazenamento correto, mudanças de temperatura, tempo de cada etapa e como estes interferem no processo de secagem do biomaterial. Também permitiu ter diferentes resultados e assim cada produção de biomaterial é única, possui suas marcas e texturas geradas pelo processo, o que reforçou suas semelhanças com a pele do corpo.

O biomaterial e a pele possuem semelhanças nas sua aparência e nas características que os compõem. Seus ciclos de envelhecimento, seus revestimentos que possuem marcas do processo e se modificam com o passar do tempo, nas texturas diversas, rugas, maleabilidade e, no contexto da pesquisa, ambos são lidos como materialidades plásticas que recobrem a profundidade subjetiva do eu.

## BASE CASCA DE BANANA

**Descrição:** A escolha se deu a partir dos pontos já levantados sobre sustentabilidade e aproveitamento de resíduos de subprodutos em abundância na agricultura e indústria de processamento. A eliminação inadequada das cascas de banana em aterros contribui para o aumento das emissões de metano, um gás de efeito estufa muito mais potente do que o dióxido de carbono. Por outro lado, a casca de banana apresenta alta estabilidade mecânica e confere flexibilidade para o resultado, de acordo com ingredientes misturados e processos.

### Primeiro teste

#### Ingredientes

15g casca banana seca, triturada, peneirada  
7g casca laranja seca, triturada, peneirada  
7g casca batata seca, triturada, peneirada  
7g glicerina vegetal  
2g sulfato de cálcio  
2g azeite de oliva  
7,5ml água

#### Experiência

Os benefícios descritos foram comprovados, no entanto a resistência foi baixa com textura quebradiça, tornando o resultado pouco satisfatório.



## BASE CASCA DE BANANA

### Segundo teste

#### Ingredientes

15g casca de banana desidrata,  
triturada e peneirada  
2ml glicerina vegetal  
1ml azeite de oliva  
100ml água

#### Experiência

A viscosidade foi maior que a esperada, tornando-se oleoso e pouco rígido.



1. 1a etapa - Biomaterial líquido
2. 2a etapa - Biomaterial após 3 dias
3. 3a etapa - Biomaterial após 7 dias | Nota-se que a receita não secou
4. Estudo da mesma receita em recipientes menores | Apresentou as mesmas falhas

## BASE BORRA DE CAFÉ

**Descrição:** Seguindo a lógica dos resíduos orgânicos, o pó de café tem presença diária na rotina de grande parte da população brasileira e gera um subproduto que geralmente é descartado. O produto tem como vantagem a homogeneidade e a solubilidade.

### Primeiro teste

#### Ingredientes

17g de alginato odontológico  
10g de borra de café seca  
4, g de óleo de girassol  
9g de glicerina  
15ml de água  
7g Cloreto de cálcio + 100ml de água  
(mistura borrifada ao final)

#### Experiência

De início percebeu-se que o resultado seria falho. O material não ficou uniforme apresentando rachaduras. Ainda buscando compreender a escolha dos ingredientes, este foi o primeiro teste utilizando o alginato de uso odontológico, o que futuramente se mostrou problemático, pois esse tipo de alginato é composto como utros elementos químicos o que comprometeu a função espessante, tornando-a insuficiente. Além disso, após em torno de 2 semanas, o biomaterial desenvolveu fungos.



## BASE BORRA DE CAFÉ

**Descrição:** Seguindo a lógica dos resíduos orgânicos, o pó de café tem presença diária na rotina de grande parte da população brasileira e gera um subproduto que geralmente é descartado. O produto tem como vantagem a homogeneidade e a solubilidade.

### Segundo teste

#### Ingredientes

7g de alginato de sódio  
9,5g de borra de café seca  
9,5g de óleo de soja  
18g de glicerina  
90ml de água  
7g Cloreto de cálcio +  
100ml de água  
(mistura borrifada ao final)

#### Experiência

Essa foi a primeira experimentação utilizando o alginato de sódio, que é um composto químico com propriedades reologia (espessamento), capacidade de ligação de água, emulsão estabilizadora e formação de filme. De fato, o emprego se mostrou um diferenciador no resultado, que secou por dois dias ao natural e após em forno aberto a 180°C disposto em bandeja de metal forrada com papel manteiga, resultado foi um biomaterial homogêneo, resistente e maleável. A concentração de alginato melhorou as propriedades mecânicas e a resistência à contração no processo de secagem do biomaterial. Bastante satisfatório, porém percebeu-se que com o passar das semanas este se enfraqueceu e absorveu umidade do ambiente.



1. Ingredientes e utensílios
2. 1a etapa - Biomaterial líquido
3. 2a etapa - Biomaterial após secar no forno
4. Teste de resistência e maleabilidade

## BASE CASCA DE LARANJA

**Descrição:** A escolha se deu a partir da noção que o Brasil é um dos maiores produtores e consumidores da fruta, Devido à relevância deste setor no país, a produção de resíduos oriundos dessa indústria é significativa, sendo a casca de laranja o principal subproduto, representando 50% de sua massa total.

### Ingredientes

7,5g de alginato de sódio  
9,5g casca de laranja desidratada,  
triturada e peneirada  
5g de óleo de coco  
10g de glicerina  
100ml de água  
7g Cloreto de cálcio + 100ml água  
(mistura borrifada ao final)

### Experiência

Com ela foi obtido o melhor resultado. A consistência foi resistente, maleável e impermeável, assim como se buscava. A quantidade dessa receita produz uma película de 250mm X 150mm e espessura de 10mm, pode-se multiplicar a receita de acordo com as dimensões desejadas. A tonalidade do material é definida de acordo com a quantidade de tempo e temperatura utilizados na desidratação. Ou seja, quando realizada a secagem com auxílio de forno elétrico, quanto maior o tempo e temperaturas aos quais o resíduo é exposto, mais escuro ele será. Além disso, foi testado que é possível realizar intervenções adicionando corantes naturais como a cúrcuma sem implicar prejuízos no processo de elaboração do biomaterial.

1. Casca da laranja desidratada
2. Ingredientes e utensílios
3. 1a etapa - Biomaterial líquido
4. 2a etapa - Biomaterial após 2d
5. 3a etapa - Secagem no forno após 3d
6. Biomaterial pronto
7. Teste de maleabilidade



Ao longo desse processo pode-se concluir que: o uso do alginato de sódio de maneira correta foi o diferencial. Sendo necessário bater com auxílio de mixer ou processador por ao menos três minutos, que é o tempo necessário para o material reagir aos líquidos, aglutinar e crescer de tamanho e consistência, garantindo a firmeza do biomaterial.

O cloreto de cálcio combateu o surgimento de fungos durante a etapa de secagem, pois evita umidade no material. Essa deve ser iniciada em lugar com boa circulação de ar, mas sem contato direto com o sol.

Disponer o biomaterial ainda gelatinoso sobre um tecido de nylon fino esticado em uma moldura de madeira coberta com voal garantiu proteção adequada para a secagem e contato com o ar dos dois lados do material. Após em torno de 3 dias, finalizar a secagem em forno elétrico com temperatura a 80°C (obs.: a temperatura é determinada pela quantidade de ingredientes da receita. Para maiores quantidades utilizar forno a 150°C semi-aberto para desidratar a película lentamente (é importante se atentar a essa etapa, pois a desidratação lenta garante a manutenção das dimensões do biomaterial e maior resistência, quando essa etapa é feita em mais altas temperaturas o fator de encolhimento do biomaterial se mostrou maior, impactando também em ondulações na película e menor resistência), até ganhar rigidez, porém sem perder a maleabilidade.

A glicerina e o óleo de coco garantiram a maleabilidade e a escolha do óleo de coco se deu também pela sua propriedade antifúngica.

A escolha pelo resíduo orgânico que possui mais fibra, como a casca da laranja, impactou em um resultado mais resistente além de estar alinhado com sustentar os princípios da pesquisa. O Brasil é líder na produção mundial de laranjas, de acordo com dados da Produção Agrícola Municipal (PAM/ IBGE 2022). A partir da laranja é comercializado o suco concentrado como subproduto e este também lidera o mercado (72%), dados que reforçam a escolha do substrato por dialogar com a região da pesquisa, gerar resíduos em grande quantidade e certamente, trazer o melhor resultado de acordo com os requisitos. A casca da laranja ainda possui como diferenciais positivos, seu aroma e coloração.

Para obter materiais com dimensões, espessuras, texturas e colorações diferentes, foram usadas em sua fabricação diversas temperaturas para secagem moagem e peneiração das cascas, resultando em biomateriais de coloração, espessuras e texturas diversas.



Figura 12  
Fonte: © Brasil em Mapas @brasilemmapas.  
Dados: IBGE/PAM 2022, AbraFrutas, FAO (2022).

Para assegurar a utilização correta de alguns ingredientes, foram consultados alguns profissionais. Para entender as propriedades químicas e características do cloreto de cálcio, a engenheira química Valéria Peck, formada pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, auxiliou tirando dúvidas que surgiram ao longo dos estudos e esclareceu sobre a forma de sua aplicação correta. Com relação ao alginato de sódio, o professor de gastronomia Caio Damian contribuiu com informações que ajudaram na compreensão de suas características, modo de utilização e local onde adquirir o produto puro e com melhor qualidade. Ambas as trocas interdisciplinares foram fundamentais para o desenvolvimento do biomaterial.



Figuras 13 e 14  
Cascas de laranja  
desidratadas em  
diferentes tonalidades.  
Sobre o braço, amostra do  
biomaterial obtido.  
Fonte: acervo pessoal





Figura 15  
Seleção de resultados obtidos  
na produção do biomaterial  
utilizando a casaca da laranja.  
Fonte: acervo pessoal



## 5 . I D E A Ç Ã O

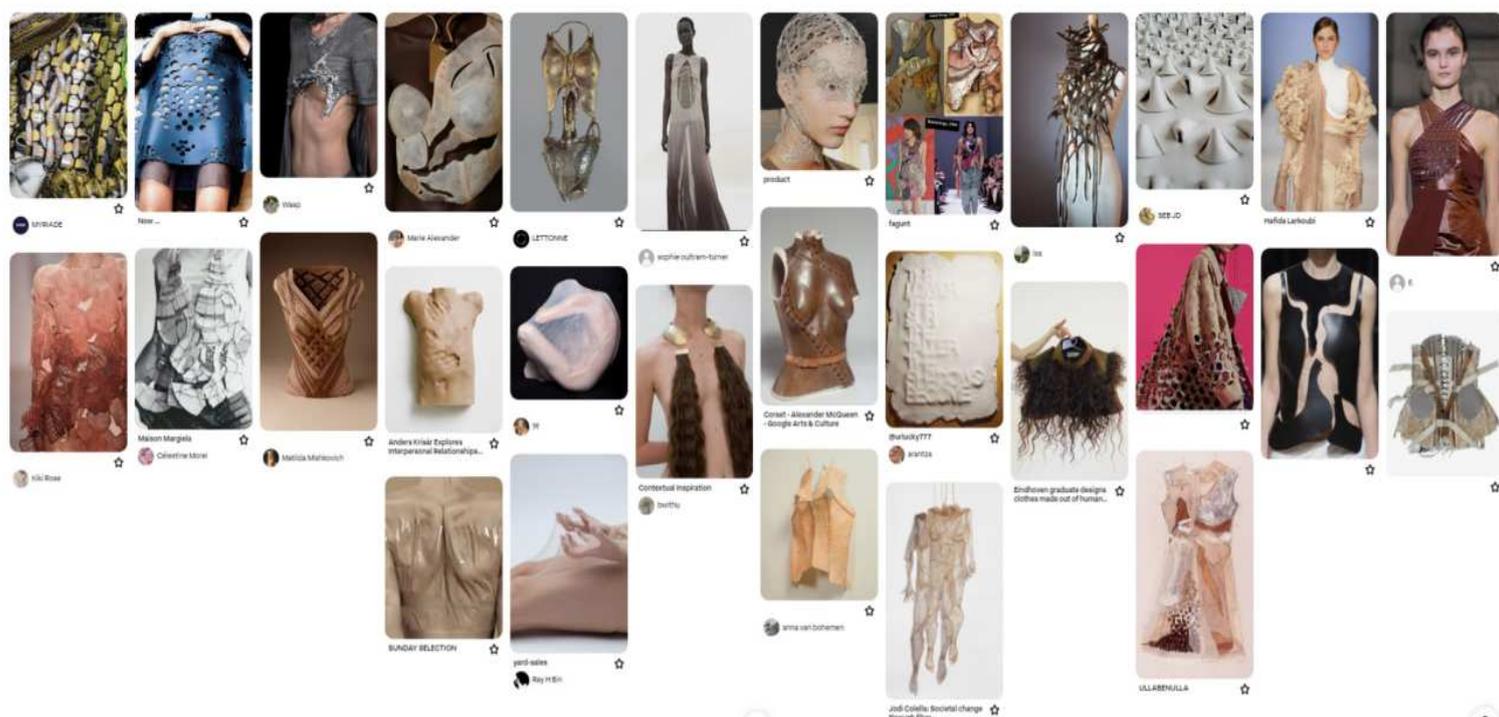
*“O pensamento sistêmico talvez seja o aspecto mais importante do design no mundo atual. Quando alguém pergunta: “qual a função do objeto?”, a formulação da questão já condiciona a resposta a ser singular e necessariamente limitada no tempo. Por exemplo: a função da geladeira é manter os alimentos resfriados. Seguindo esse tipo de raciocínio, a geladeira perde sentido e vira lixo assim que para de funcionar com eficiência. Se perguntarmos, ao contrário, quais seriam os sentidos possíveis do objeto dentro de um sistema complexo, abrangendo um leque mais amplo de usuários e situações, abriremos a possibilidade de pensar o projeto de modo plural e polivalente.”*

*Rafael Cardoso, Design para um Mundo Complexo*

## 5.1 REFERÊNCIAS VISUAIS

Desde o início e ao longo da pesquisa, foram reunidas imagens que dialogam visualmente com o que se busca expressar e ilustrar nas reflexões apresentadas no texto. Através desse processo, a relação do biomaterial com a pele foi notada, analisando as semelhanças visuais entre elas e trazendo essa reflexão para contexto conceitual. Após meses reunindo e pensando sobre elas, é interessante ver suas semelhanças, os aspectos que se destacam principalmente observando a materialidade nas formas, texturas e nas sensações que as imagens causam e traduzem as provações buscadas. Essas vinham do desejo de estimular sensações direcionadas – quando ainda não se sabia quais seriam – de provocar com a anormalidade, com exposição do que se costuma esconder e desvendar quais os possíveis códigos imagéticos que causam desconfortos.

Figura 16  
Painel criado na plataforma *Pinterest* com imagens coletadas ao longo da pesquisa.  
Fonte: Acervo pessoal



As referências foram se direcionando para um caminho na medida que o texto ia tendendo para uma direção, e se conectam com coerência às fases da pesquisa. Primeiro um foco em biomateriais é notado; depois vestimentas que provocam com anormalidades e deformações quando se buscava explorar as sensações representadas; texturas diferentes e a maleabilidade aparecem quando se busca entender as relações que se pode criar com a pele; as marcas deformando o corpo – e é interessante ver como a efemeridade de um momento é cristalizada na imagem e assim as imagens foram gradualmente tendo mais conexão e alinhamento entre si e com o texto. Aparecem roupas que se comunicam ora com o excesso, ora com a escassez; que interagem com quem a veste; que provocam com desajustes inesperados; que não são usuais. Materiais que a partir da textura, cor, forma, exprimem a fluidez da materialidade e múltiplas possibilidades. O material experimentando o limite da pele em contato com o corpo também aparece como leitura das sensações que abrigam o “eu interior” e se expõem no exterior. Foi ainda, um exercício que reforçou a dualidade entre a mensagem projetada e a de quem a lê, certamente o olhar já direcionado para as motivações da pesquisa tendenciaram interpretações e mostraram as tantas visões que se pode ter de uma mesma imagem e os tantos símbolos extraídos.

## 5.2 SENSações IMAGÉTICAS

Aqui é elaborada uma associação imagética com os pensamentos construídos ao longo do texto. Adentrando a pesquisas, algumas imagens atravessaram e impactaram o desenvolvimento com símbolos que transmitiam os sentimentos buscados e expressados, salvos como recordação e referência, e agora são expostas junto às leituras feitas sobre elas.

Os trajes de Khan variam de lingerie a coletes à prova de balas. Um corpo ausente sustenta as peças, e a roupa se aproxima de uma armadura vulnerável. É interessante pensar nessa segunda pele moldada pelo corpo não apenas em forma mas na essência e sensações transmitidas pela imagem.

Figuras 17 e 18  
Naiza, Khan, sem título e  
Armor Lingerie V, 2007  
Fonte: Acervo Khan Naiza



O uso de roupas no meu trabalho começou como uma estratégia para explorar o conteúdo emocional do corpo através do traje. [...] outras peças imaginadas criam múltiplas identidades ou personas. Estes objectos abordam ansiedades e desejos contemporâneos, numa altura em que as ideias sobre o ‘eu’ parecem instáveis e em rápida mudança...[...] Sinto que são um parte da minha pesquisa contínua sobre a natureza da política corporal tal como ela é vivida e sentida no meu contexto cultural atual (Naiza Khan, Hanging Fire: Contemporary Art from Pakistan)



Figuras 19 e 20  
*Todas as cores dela*, 2022/23  
Fonte: Jürgen Baumann

Entre as duas obras existe uma relação da roupa que sustenta - ou sufoca - o corpo, não o deixa escapar e se transforma em uma camada que o abriga, em contraponto do corpo que “explode” as vestes que se abrigam nele, o constituem e enraízam. Refletindo a ideia de do corpo como um meio preenchido e que preenche. A artista Dieker explora e provoca a compreensão do que se é esperado e o papel social do corpo feminino em sociedade.

O trabalho de Birgit Dieker é sobre identidade, sobre a busca de formas para estados emocionais. A artista concentra-se na relação entre o eu e a pele e usa roupas e outros materiais que envolvem o corpo como seus materiais preferidos. [...] “A roupa tem um significado especial para mim. Como epítome da segunda pele, como metáfora de fronteira, mas também como sinônimo de si mesmo, é um material adequado para mim... A roupa descartada contém os vestígios de quem a veste; está repleta de uma ou mais identidades, com experiências vividas, memórias. Para mim o material ideal para as camadas do eu”, afirma a artista. O título da exposição, *Housewarming*, refere-se ao lar como um oásis de bem-estar, mas também como um lugar de medo ou violência. [...] As questões de Dieker sobre a casa e a pele estão, portanto, intimamente ligadas às questões de identidade. [...] As suas explorações do âmago e da casca do eu estão geralmente ligadas a reflexões críticas sobre o papel social e privado das mulheres. <https://www.birgit-dieker.de/de/>



Figura 21  
*Torso de concreto,*  
Jeff Muhs 2020 .  
Fonte: Estúdio Jeff Muhs

Jeff Muhs utiliza da restrição para criar seu torso de concreto sem cabeça e sem braços, surpreendentemente realista. Chamando seu processo inventado de Dynamic Free Casting, leva os limites do concreto e sua capacidade de controlá-lo ao máximo. Mostra a materialidade plástica e cria imagem para as marcas passageiras que moldam o corpo e prolongam nele a presença do que foi vestido. A roupa que limitou a forma da pele, essa que limita o corpo e assim se cria uma dupla relação claustrofóbica. Para além, dá protagonismo para o corpo deformado quando exclui a peça que dá forma.



Figura 22  
Materializações de Ali  
Schachtschneider.  
Fonte: Acervo Ali  
Schachtschneider

Ali Schachtschneider, cria materializações que instigam novos paradigmas na criação de moda. Contribui com a resignificação do modo de lidar e pensar em vestuários, com criações que mesclam inovações biológicas com o fazer design em criações originais.

Agora estou focado em pensar em como os produtos de engenharia biológica podem nos mostrar que a moda e o design não precisam ter a aparência ou a sensação a que estamos acostumados. Minha pesquisa é uma ferramenta que podemos usar para expandir a conversa. (Ali Schachtschneider apud Rachel Selvin, *O lado da moda sobre o qual nunca falamos*, 2017)



Figura 23  
processo criativos  
de Liana Nigri  
Fonte: Acervo  
Liana Nigri

A obra utiliza de recursos orgânico e vivo para marcar texturas, destaca o conceito resultado da ação do tempo sob a película que absorve e transforma as materialidades.

Como designer de superfície, o primeiro instinto da Liana é gerar memórias visuais e tácteis, portanto em 2015 ela começou a explorar um novo material celular produzido por bactérias e leveduras inofensivas conhecidas como biofilme (SCOBY). Em seu trabalho essa mídia orgânica é usada para criar um novo tecido que captura texturas e formas a partir de superfícies vivas, criando uma segunda pele com traços de sua história, experiências e / ou traumas. (Liana Nigri Moszkowicz, 2023)

Buscar referências de obras visuais foi um processo importante, para analisar como temas similares estão sendo representados, como a técnica pode ser explorada de formas múltiplas e provocar sensações também infinitas no leitor. Um grande motivador para o que é buscado e gostaria de se exercer na pesquisa em progresso.

### 5.3 TRAMANDO CONEXÕES

Ao decidir que a materialização resultaria da execução manual, trabalhada de forma caseira e investigativa, surgiu o questionamento sobre as técnicas que poderiam ser aplicadas para a composição. Buscou-se nas tramas e trançados da cultura brasileira, técnicas diversas que carregam memória e práticas identitárias que contam, preservam e também testemunham histórias. A cada etapa, dobra, nó, uma decisão é tomada construindo o padrão que está se formando, reafirmando conceitualmente o viés da pesquisa.

Situou-se contextualmente que trabalhar a composição de tramas feitas à mão contribuía para compreender técnicas, estruturas têxteis e métodos do processo que são primordiais. Existe uma riqueza quando se fala da subjetividade da pesquisa de apresentar os aspectos pessoais e singulares desse 'eu' que é narrado, também na materialização e esse modo de elaboração projetual permitiu avançar na construção que simboliza os conceitos de fundamentação. O modo de trabalho caseiro e investigativo resultou em biomateriais originais que necessitam de supervisão e documentação, pois em cada processo produtivo ocorrem variações – não apenas de forma passiva mas também podendo induzir e intervir nos processos para produzir resultados diferentes – impactando nas suas formas, texturas, tonalidades e espessuras. Ou seja, reforçando a potência da narrativa e as escolhas durante o processo que levam a múltiplos resultados exclusivos e valiosos nas suas peculiaridades.



Figura 24  
Composição com  
resultados dos diversos  
biomateriais produzidos.  
Fonte: acervo pessoal

As tramas trançadas então acentuam essa motivação, uma vez que exigem atenção na execução e cada etapa é primordial para desencadear a seguinte, amarrando os conceitos. No significado da palavra pode-se “brincar” com a dualidade, a trama que estrutura elementos que se cruzam e interligam, e a trama do enredo, em que a sucessão de acontecimentos que constituem uma ação.

Na mitologia grega, as Moiras são deusas do destino responsáveis por fiar, medir e cortar o fio da vida de cada pessoa, simbolizando o ciclo da existência humana. Através da representação da tecelagem, criam juntas o destino dos mortais assim como um tecido é tramado. Encontrar essa metáfora com a narrativa da vida é interessante pois reforça a potência da criação de histórias através das tramas, que dão forma e substância a algo a partir de fios individuais. Ainda, demonstra o símbolo da conexão e da interdependência entre as vidas individuais, em como as jornadas não são lineares e restritas em si.

Essa etapa, foi um impulsionador para criar para o projeto suas próprias tramas, que trançam o ecossistema da pesquisa, refletindo a relevância das colaborações e construindo a materialidade do elo de interinfluência entre a representação subjetiva do ‘eu’ com o meio externo ‘outros’, em sua própria narrativa.

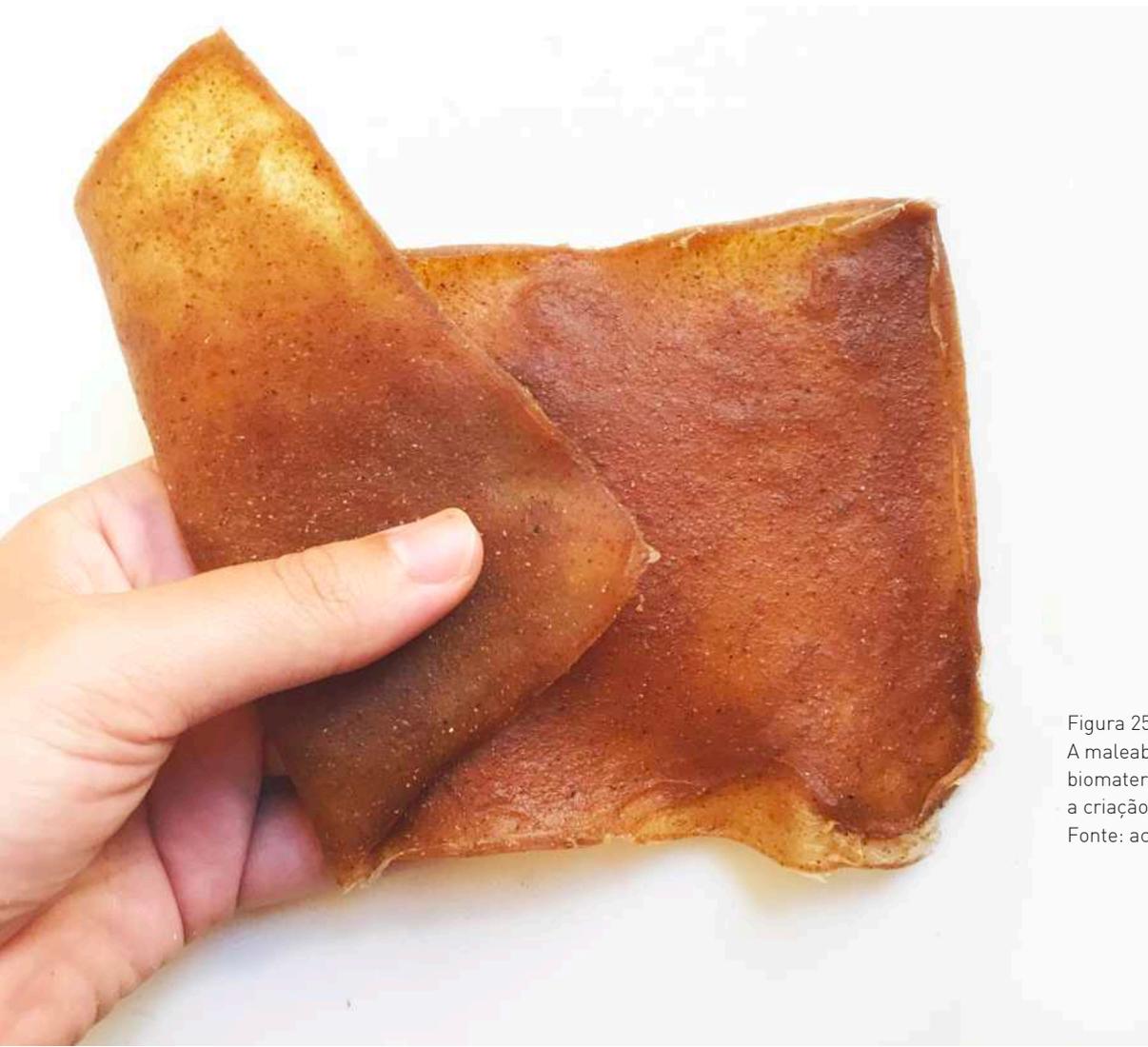


Figura 25  
A maleabilidade do biomaterial possibilitou a criação de tramas.  
Fonte: acervo pessoal

## 5.4 VESTÍVEL

ves.tí.vel /  
adjetivo masculino e  
feminino que é susce-  
tível de ser vestido;  
que se pode vestir  
ORIGEM DA PALAVRA |  
de vestir+-vel

fonte:  
meudicionario.org/

Nesse momento é feita a transição entre os termos 'roupa' e 'vestível' adotando o segundo como escolha projetual, que faça o leitor se distanciar das compreensões usuais do produto roupa – atrelado às contextualizações iniciais – e reflita a materialização como uma instalação que habita ou transita pela pele. O sentimento que se busca materializar em vestível surge da vontade de construir algo que representa ao mesmo tempo o limite do contato entre a pele e a roupa, que transita com símbolos entre esses dois meios e dá forma, cor e textura à subjetividade discutida.

Além de questionar as escolhas pelas matérias primas que lideram o mercado, a partir do viés da sustentabilidade e responsabilidade de consumo, o projeto também se propõe a provocar a cadeia de produção e os modos de execução, para assim dar ao consumidor/usuário o protagonismo com a presença ativa na elaboração do vestível, valorizando suas escolhas e a personalidade.

Ao longo da investigação, as questões macro sobre a indústria da moda e suas problemáticas foram afuniladas conforme a personalidade surge de forma espontânea a partir das respostas dos questionários, que motivam as fotografias e instigam a coleta dos relatos. Assim, as narrativas individuais conduzem até as questões micro, em que percebe-se a não linearidade da tese, onde cada repertório e narrativa influencia nas escolhas de consumo e nas relações que são criadas entre indivíduo e produto. É no subjetivo que se encontram as motivações pessoais e a grandiosidade das escolhas que levam às relações formadas.

A pesquisa também não é linear, e o trajeto que foi tomado foi escolhido a partir de cada etapa e resultou na vontade de criar uma materialidade que seja seu reflexo, que corrobore para o que foi escrito e fortaleça as provocações desejadas. Questionando a normalização dos modos de produção, das escolhas de consumo, do ciclo de vida da peça desde a produção ao descarte, das relações entre a vestimenta e quem a veste, e o impacto da roupa sobre o corpo e do corpo sob a roupa, que deixam suas marcas e histórias pessoais.

Figura 26  
Resultado biomaterial  
com textura granulada e  
diferentes tonalidades.  
Fonte: acervo pessoal





o que  
é essa  
materialização?

...reciprocidade da mensagem projetada e da digerida pelo outro existe um limite mutável e extremamente subjetivo, que se apresenta ao outro...  
> materializar esse limite subjetivo que também se encontra entre pele e vestível

> materializar a marca prolongada??

transitam entre imagem e sensações  
> como referência as marcas

a cumplicidade entre a pele e vestível, o elo entre o interior e o exterior

...Marcas que dão forma, cor e textura às sensações vividas, expõe o vulnerável do corpo durante seus ciclos de renovações simbólicas e celulares...  
> dar matéria para a discussões elaboradas?

...Quando se dá corpo a uma roupa, uma sensação é corporificada e é criada uma nova experiência de limite...

!!outros modos de criar

> dar forma ao texto?

consumir e digerir  
digerir e elaborar  
elaborar e significar  
significar e resignificar  
resignificar e biodegradar  
biodegradar e?



...camada protetora que cobre e acolhe partes escolhidas, se torna uma segunda pele vestindo o corpo...

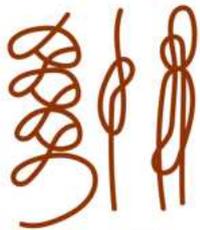
## 5.5 EXPERIMENTAÇÕES

Revisitando as colaborações feitas com relatos recebidos expostos no capítulo 3, muitos aspectos em comum se destacaram, e nas respostas em que diziam como ocorreram as marcas fotografadas sempre havia uma história descrita, que mostrava ter uma presença maior na memória do que a própria marca física exposta na pele. Lembranças nem sempre dolorosas – mesmo sendo resultado de uma dor física –, possuindo diversas camadas, desvios narrativos para contextualização da história na situação. Quando contavam suas vulnerabilidades para outra pessoa essas histórias ganhavam mais afeto na narrativa. Então aprofundando essas conversas e entendendo que as tramas que estão sendo construídas na pesquisa são feitas da coletividade, de múltiplas camadas e renovações, do trajeto tanto linear quanto curvilíneo e de muitas partes que se somam e formam uma criação própria, foram desenhados traçados e padrões para o vestível.

Os primeiros estudos iniciam as experimentações dispondo os pedaços do biomaterial já produzido e elaborando como essas partes poderiam ser unidas e habitar o corpo. Tendo como prioridade o melhor aproveitamento das características e dimensões do material e evidenciando seu protagonismo.



amarrações



nós



possível fecho



conectores



Figura 27  
Primeiros estudos.  
Fonte: acervo pessoal



Figura 28  
Teste de costura do colchete com linha e agulha sobre a película.  
Fonte: acervo pessoal

Assim, foram feitos testes no biomaterial para compreender como ele respondia a determinadas intervenções. A investigação se iniciou utilizando elementos já adotados como usuais e familiares no contexto de construção têxtil, através da técnica de costura e com aviamentos. Entretanto, a costura com linha e agulha não apresentou bom resultado, pois como o material não possui trama em si, a linha não tem onde se fixar o que ocasiona um rasgo no material, enfraquecendo-o, principalmente pela tensão criada pelo colchete empregado como aviamento, – inicialmente escolhido para o fecho pelos aspectos práticos, mas também conceituais uma vez que é frequentemente utilizado em lingerie.

Em seguida, foram testados cortes com furos feitos com ilhós, o que proporcionou um bom resultado, pois a precisão do corte criou bom acabamento e a forma circular apresentou baixas chances de rasgo. Para uni-los seriam usadas amarrações com fios de juta. A solução apresentou bom resultado prático, porém trouxe também o questionamento de se utilizar mais um novo material seria de fato necessário ou se apenas seguia uma construção padrão de vestuários.



Figura 29  
Primeiro teste de cortes, furos e trançados na película.  
Fonte: acervo pessoal

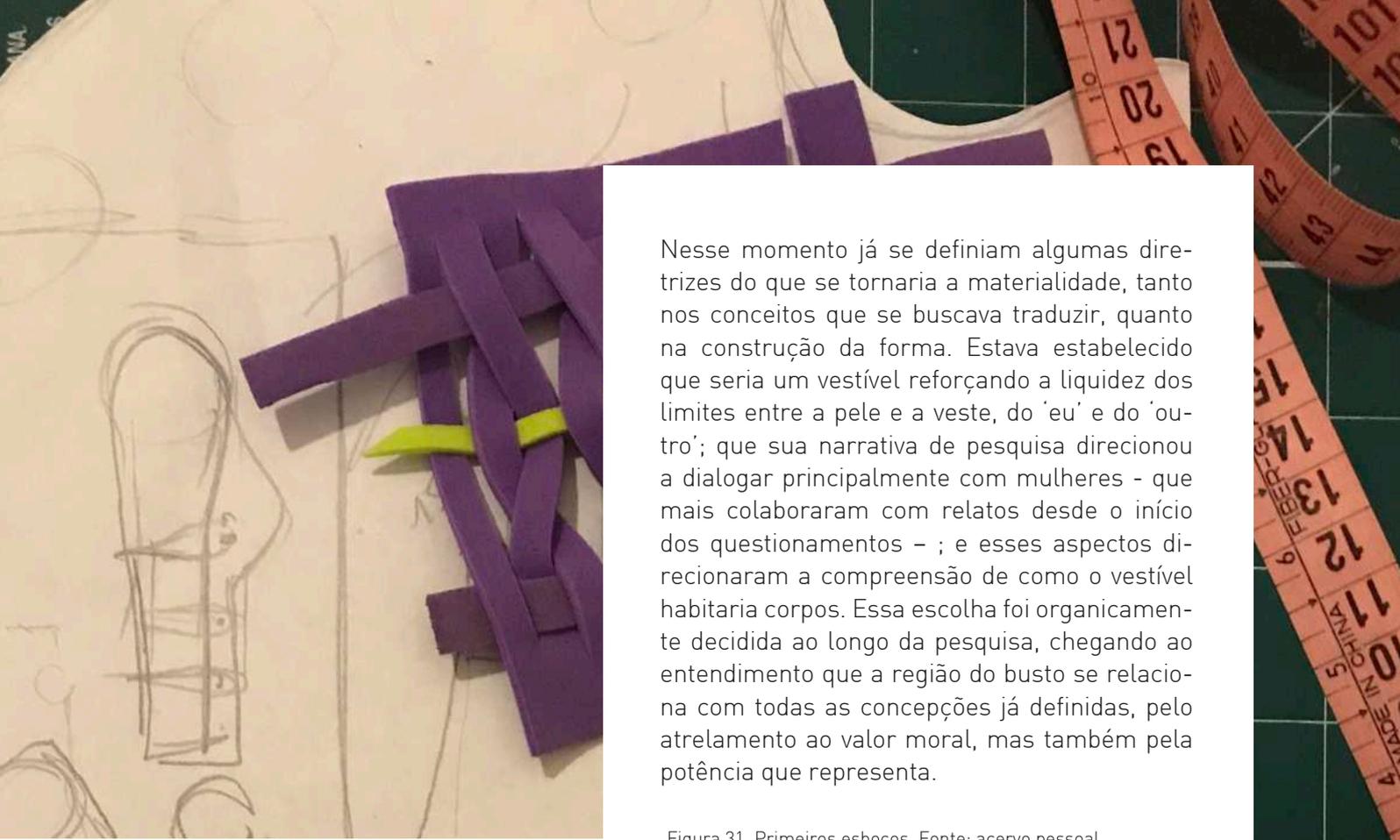


Era interessante conceitualmente, e pelos princípios sustentáveis apresentados, que o vestível fosse inteiramente biodegradável, e ao longo das produções e testes, o biomaterial se mostrou bastante versátil quando trabalhado com diferentes espessuras e dimensões. Assim, o objetivo tornou-se utilizar somente ele, e buscar formas de construir o vestível com a compreensão de que era necessário trabalhar com partes de dimensões limitadas devido às possibilidades de produção, já mencionados no capítulo 4 sobre as receitas. Além de se elaborar os encaixes e possibilidades de união das peças.

Os trançados estudados anteriormente já surgiam como alternativa e assim foram feitos esboços e testes para compreender na prática como seria a aplicabilidade dessa técnica. Devido ao biomaterial possuir textura irregular, apresentar rugas, granulações e desnivelamentos, pôde-se explorar o atrito entre peças e assim elaborar tramas com recortes e tiras que uniam as peças criando conexões resistentes.

Nesse momento foi decidido que era interessante buscar um material maleável para realizar as primeiras tramas e conexões, e percebeu-se a similaridade do biomaterial em resistência e espessura com o material EVA (Etil Vinil Acetato), que mesmo não possuindo o valor sustentável almejado foi escolhido para simular os estudos e testes em pequena escala, que depois seriam implementados no biomaterial. Assim, as experimentações de tramas, trançados e conectores foram iniciadas, buscando construir com elas uma representação dos aspectos subjetivos de: coletividade, camadas, renovações, trajetos e fluidez.

Figura 30  
Experimentações com  
tramas e trançados  
feitos em EVA.  
Fonte: acervo pessoal



Nesse momento já se definiam algumas diretrizes do que se tornaria a materialidade, tanto nos conceitos que se buscava traduzir, quanto na construção da forma. Estava estabelecido que seria um vestível reforçando a liquidez dos limites entre a pele e a veste, do 'eu' e do 'outro'; que sua narrativa de pesquisa direcionou a dialogar principalmente com mulheres - que mais colaboraram com relatos desde o início dos questionamentos - ; e esses aspectos direcionaram a compreensão de como o vestível habitaria corpos. Essa escolha foi organicamente decidida ao longo da pesquisa, chegando ao entendimento que a região do busto se relaciona com todas as concepções já definidas, pelo atrelamento ao valor moral, mas também pela potência que representa.

Figura 31. Primeiros esboços. Fonte: acervo pessoal





Era desejado explorar a similaridade da aparência do biomaterial com a pele, para isso partes com diversas texturas, colorações, relevos, volumes e padrões seriam usadas rente ao corpo. Para dar a sensação de fluidez entre a peça e pele, ela seria adaptável e ajustável com conectores que criam elos e espaços entre as diferentes partes.

Compreendendo as ideias de formas e modos construtivos, e para testar as alternativas, estabelecer as dimensões trabalhadas e definir conectores e tramas, foi elaborada em papel a primeira materialidade em tamanho real moldada/montada em um manequim.



Figura 32  
Primeira materialidade em tamanho real moldada e montada em um manequim e construída em papel.  
Fonte: acervo pessoal



Dessa etapa foi possível passar para testes em um material que respondesse de maneira mais similar ao biomaterial, e no EVA foram ajustados tamanhos e experimentou-se diferentes tramados para garantir a seleção das melhores possibilidades a serem aplicadas no resultado final.



Figura 33  
Testes feitos em EVA, material que responde de maneira mais similar ao biomateria.  
Fonte: acervo pessoal

A close-up photograph of a dark brown leather garment, possibly a vest or jacket. The leather has a textured, slightly worn appearance. Several metal studs or rivets are visible, some of which are partially obscured by a dark strap or piece of fabric. The lighting is warm, highlighting the texture and color of the leather.

6 . E N F I M ,

V E S T Í V E L

Após a elaboração dos desenhos iniciais, testes e protótipos, foram afinadas ideias experimentadas, o meio de materialização e sua imagem foi amadurecida com as técnicas escolhidas. Todas as partes do biomaterial já produzidas ao longo da pesquisa estavam reunidas e era possível executar a construção do vestível. O biomaterial, protagonista da materialização, se mostrou ainda mais coerente, com texturas e rugosidades interessantes, por isso se optou por não aplicar todas as tramas experimentadas, aumentando o protagonismo do material ao expô-lo sem intervenções em determinadas áreas.



Figura 34  
Processo de confecção  
dos vestíveis.  
Fonte: acervo pessoal



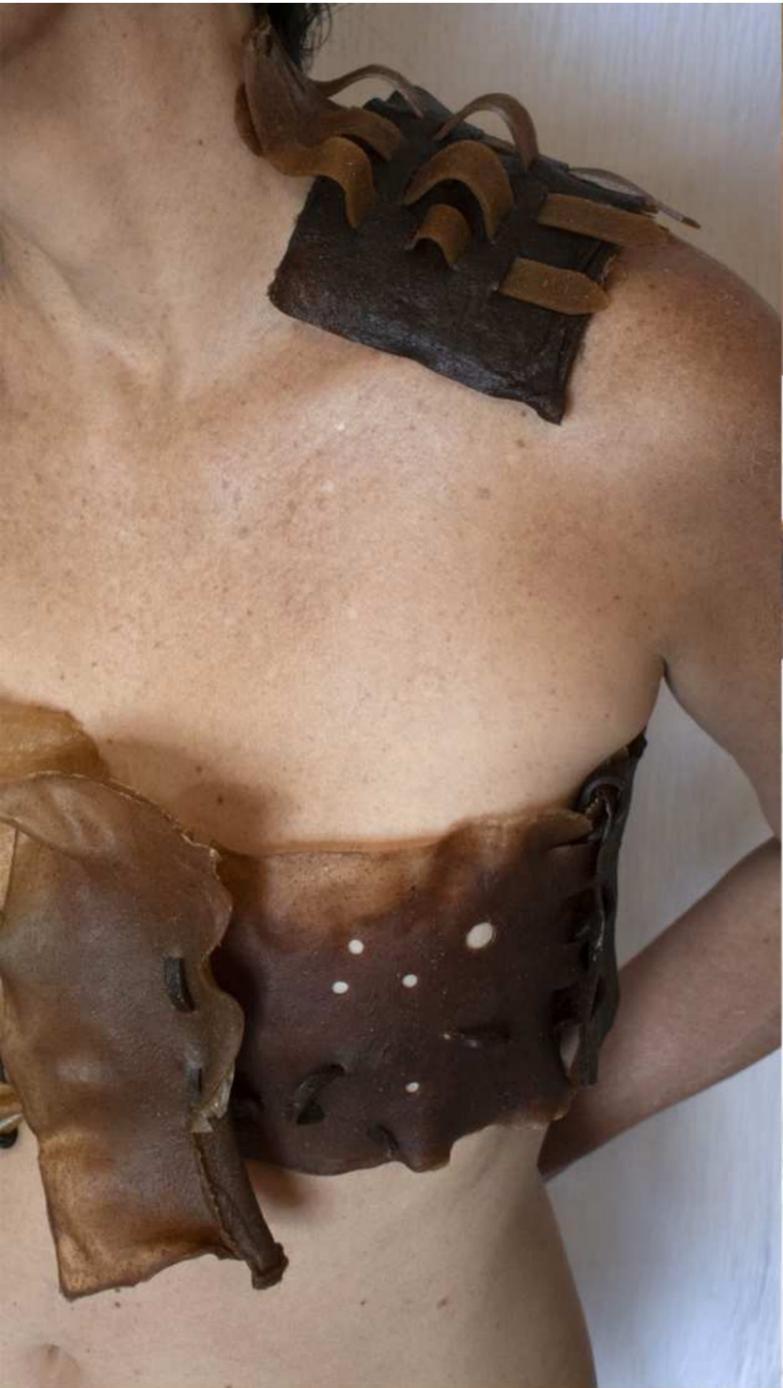


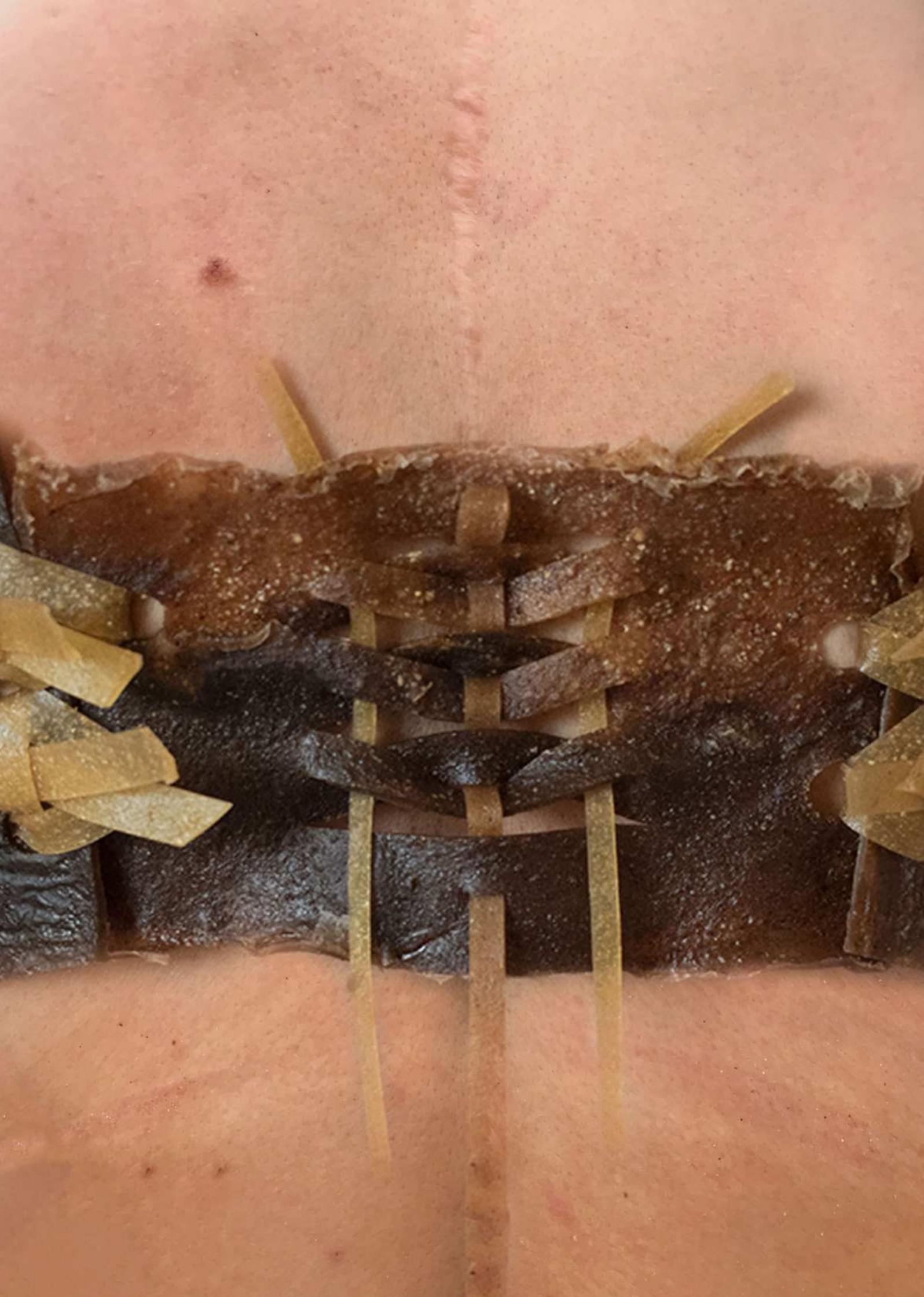
## 6.1 BIOMATERIALIZAÇÃO VESTÍVEL

Figuras 35 e 36  
Vestível materializado,  
em duas vistas possíveis.  
Fonte: acervo pessoal











## 6.2 OLHAR SOBRE DETALHES



1. Tramado composto por duas partes, o contraste das tonalidade do biomaterial – devido ao tempo de desidratação da casca de laranja - simboliza a pluralidade, destaca a composição que cria ondulações irregulares através do uso de passadores e cortes. O peso do biomaterial conectado à estrutura presa ao pescoço proporciona suporte para o vestível.



2. A estrutura de tira que conecta o vestível ao ombro é composta por duas partes fixadas por duas tiras finas que usam o trançado para fazer a amarração e garantir a sustentação. O contraste entre as tonalidades reforça sua presença e o desenho criado. O trançado surge representando os caminhos, que se cruzam de modo não linear, assim como ocorreu na narrativa da pesquisa.



3. A conexão entre a tira explicada no tópico 2 e a parte estrutural do vestível ocorre através de um passador criado com cortes que permitem a regulação de altura de acordo com o tamanho de tronco do corpo que habita o vestível. Ela se prende utilizando um recurso de gancho com desenho similar a uma "seta", que se aproveita da maleabilidade do biomaterial para passar através dos cortes; e com a tensão e o limite de dimensões se fixar. O contato entre as três partes descritas já demonstram o movimento que se busca criar com o vestível, que se molda, adapta e contorna o corpo.



4. Cadarços são utilizados para intervir na criação simbolizando dinamismo, e de forma sutil provocam a composição com dobras, revelando a pele. Essa região do vestível possui tonalidade mais clara e translúcida, conferida pelo modo de produção: desidratação das cascas de laranja de modo lento sem escurecê-las; trituração das cascas em pó feita em etapas; uso de peneira de metal de malha fechada; e disposição do biomaterial em camada mais fina para secagem. O resultado translúcido brinca e provoca, revelando sutilmente o corpo que o habita.



5. Entre a película lateral e a frontal a união é feita com referência aos pontos da costura tradicional, que prendem através de uma linha duas partes distintas. O conjunto é feito com três tonalidades que criam harmonia entre a composição.



6. Para criar textura ondulada e contorcida, concentrou-se material em determinada área da película e o processo de secagem foi feito em temperatura mais alta e em menor tempo. A diferença na concentração do material disposto também foi usada para criar o efeito "gradiente" entre tonalidades em uma mesma peça. O resultado transmite a sensação de expansão, movimento e fluidez, características diversas vezes encontradas quando explorava-se os conceitos da subjetividade do 'eu' com o meio externo.



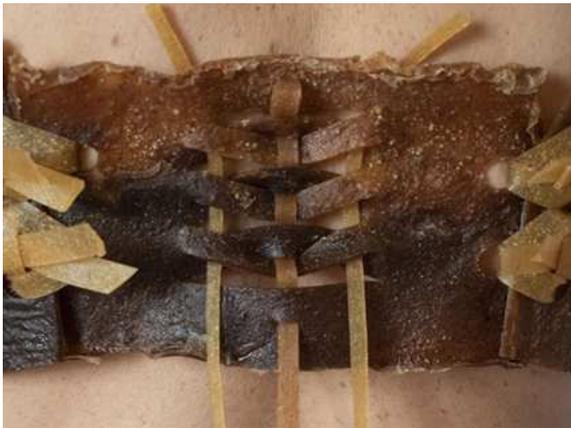
7. A película explora diferentes tonalidades e texturas, com granulados mais presentes e rugozidades obtidas no processo de secagem. Os recortes despadronizados revelam a pele com contraste de tons e textura. Como se quase aparecesse algo que não se deve se expor, o que revelar e o que cobrir? As tiras – muito presentes na construção dessa materialidade – passeiam pelos espaços, dão volume e criam camadas no vestível, assim como fazem as histórias relatadas anteriormente, cheias de profundidade.



8. A pele, também compõe o vestível e o dá corpo, sem ela ele não se materializa. Tem marcas singulares referentes ao seu processo. Diferentes tonalidades, volumes e texturas.



**9.** O biomaterial durante a etapa de secagem, posicionado sob o papel vegetal aderiu rugosidades e marcas próprias, criando imagens complexas que dialogam profundamente com a pele – que está em contato – tanto que as tramas que antes foram esboçadas para compor a região foram repensadas. É interessante considerar que com a temperatura, umidade e luminosidade do ambiente, o biomaterial pode sofrer alterações, e assim como a pele, essa película pode ganhar rugosidades e marcas.



**10.** Parte essencial do vestível, o ponto de onde se contorna o corpo. Quando posicionada sobre a coluna vertebral realça a verticalidade da construção da peça com trama torcida. Essa trama expõe dois lados do biomaterial, um mais brilhante e outro mais opaco, e representa na pesquisa os diferentes rumos e facetas presentes nas histórias contadas. Sua produção misturou duas confecções do biomaterial, uma com resíduo granulado e mais claro, e outra com resíduo mais fino e escuro, resultando em tonalidade e textura mistas. O acabamento impreciso, com a rebarba aparente no biomaterial trás para o vestível a sensação de 'descascar', brincando mais uma vez com os sentidos e características da pele. A tira central dá apoio para a criação da trama torcida e simboliza uma direção escolhida entre outras possibilidades.



**11.** A textura áspera e densa do biomaterial busca provocar uma sensação de estranhamento, não se assemelha a aparência 'costumeira' da pele, não é confortável e convidativa ao toque.



**12.** Para unir as partes nessa região, foi utilizada uma técnica de amarração com uma tira, que dá voltas pelos recortes feitos no biomaterial, cria camadas e fixa a construção. Para garantir a segurança de sustentação da amarração, foi utilizada película biomaterial flexível e ao mesmo tempo resistente. Sua tonalidade também cria contraste entre as partes que une, realçando sua presença e o desenho que é criado.



Figura 37  
 Construção  
 das partes  
 Fonte: acervo  
 pessoal

### 6.3 A CONSTRUÇÃO VESTÍVEL

A estrutura de encaixe ajustável permitiu o vestível abraçar o corpo se adaptando a ele. É interessante ver nas imagens como a peça se adapta, se molda e se relaciona com quem a habita. Para as fotos foi trabalhada a ideia de 'ser corpo para o vestível', criar um diálogo. Incentivando a que esse corpo se relacionasse com o vestível, compreendesse e despertasse as sensações daquele momento, o conforto ou desconforto gerado.

As diversas tonalidades desenvolvidas para o biomaterial, com texturas mais densas e mais finas, com espessuras que dão mais resistência, outras que trazem maior transparência, representam diferentes formas de criar e habitar um corpo. Sem limites pré-definidos, mas com objetivos específicos para sua elaboração, como: a importância dos conectores terem maior espessura e logo resistência e atrito; as partes maiores que circundam o corpo serem menos espessas e logo mais leves e maleáveis para que se moldem ao corpo; as tonalidades da película que criam contrastes realçando as tramas e se mesclam em diferentes tons com a pele; as bordas dos biomateriais que mais finas (menos material) criaram ondulações durante a secagem; cortes retos para passadores que necessitam de maior precisão, recortes vazados para passagens que usam da maleabilidade do material como exemplo da trama torcida; furos revelando o contato com a pele e ter um corte mais seguro e definido... Ainda, cada elemento de conexão entre as partes tem um desenho diferente de acordo com as necessidades para a união das partes, bem como com a subjetividade que gostaria de materializar.

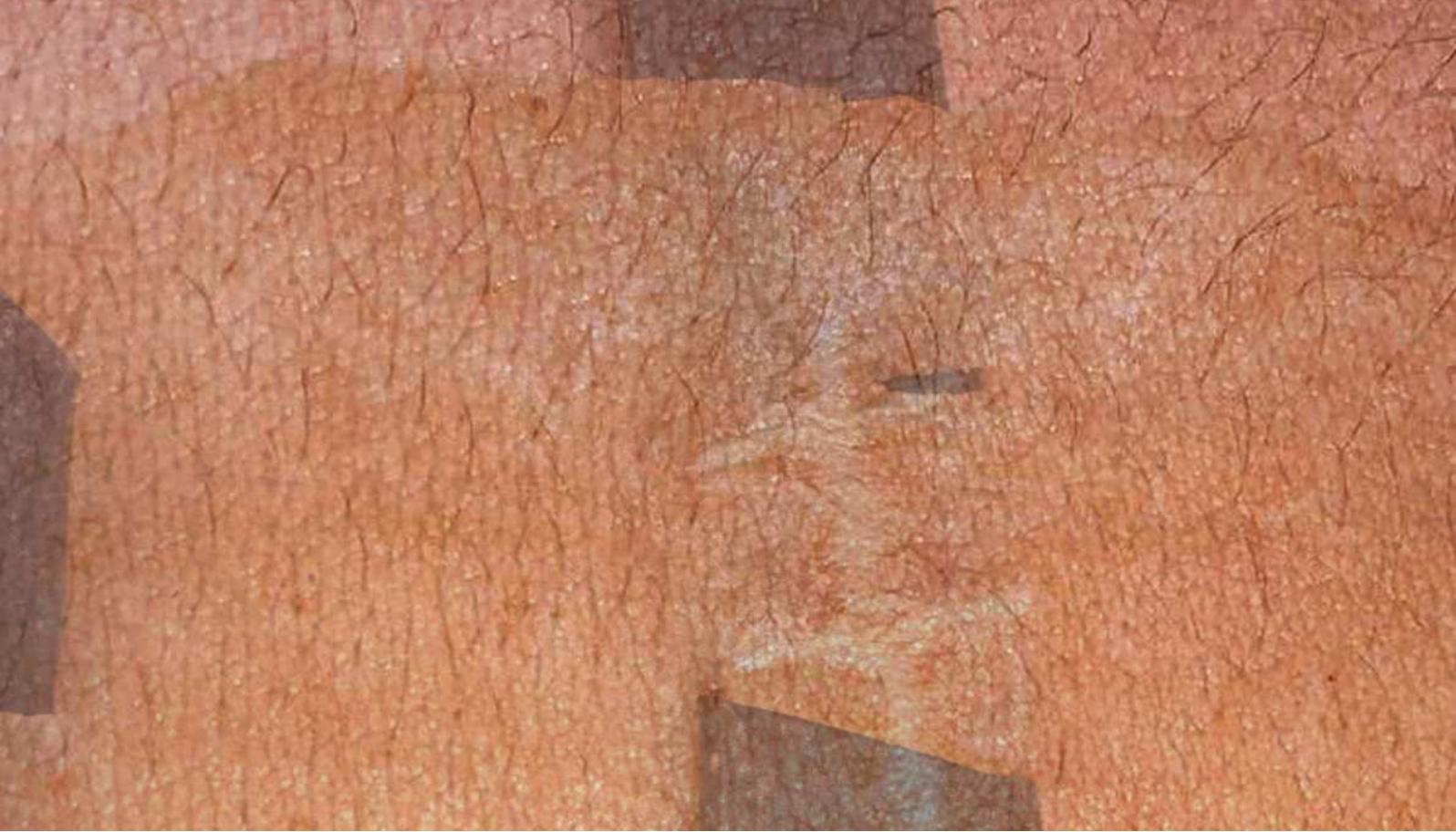
Ainda não se sabe o tempo estimado de duração, visto que até o momento da conclusão o biomaterial conservou satisfatoriamente suas características

O vestível existe de forma circular, parte de uma cadeia sustentável: fabricado a partir de um biomaterial que foi produzido utilizando matérias primas biodegradáveis sem deixar resíduos nocivos para o ecossistema; na criação a materialidade é elaborada sem resíduos ou desperdícios utilizando somente do biomaterial desenvolvido para confeccionar o vestível; ao passar do tempo irá sofrer degradação natural de acordo com sua composição orgânica, e como biomaterialidade compostável, fecha o ciclo retornando a terra como adubo.

Experimentações  
sobre as marcas e  
a biomaterialização











7. CONSIDERAÇÕES  
FINAIS

Ao longo da narrativa, é proposto refletir sobre as lógicas de consumo - a estética, os acessos e as relações sociais -; misturar modos e meios de projetar abraçando diferentes áreas de conhecimento que contribuem com interdisciplinaridade em relações multilaterais, para que se beneficiem entre si de forma circular; investigar outras formas de se relacionar com as materialidades, reinventando e ressignificando seus valores e seus símbolos - desde a composição a forma -; e assim experimentar materializar distintas sensações imagéticas e materiais - ou biomateriais -.

Um fazer design que não segue necessariamente trajetória linear ou busca objetivos resolutivos, mas cria com as ferramentas possíveis e observa com atenção os significados e significantes que orientam a abordagem. Utilizando de dinâmica de elaboração coletiva, em que o diálogo conduziu a pesquisa e instigou a elaboração de uma rede de pessoas que contribuíram para o projeto, respondendo às questões iniciais; registrando e enviando os relatos por fotos, e contando com detalhes suas histórias, o resultado é a materialização das tramas solicitadas, oferecidas e coletadas. Digerindo os diálogos e traduzindo os significados com a criatividade da inovação.

A trajetória da pesquisa revelou desdobramentos que de início não eram esperados, ocorre um amadurecimento das motivações, objetivos projetuais e entendimentos dos conceitos.

Se o texto se apresenta questionando a indústria, a moda, o consumo, provocando ações e engajando atitudes, ao longo do caminho, camadas revelam a profundidade e são confrontadas à complexidade das questões. Quando convida pessoas diversas para dialogar sobre as suas escolhas em contextos de magnitude macro - como a indústria da moda -, as relações que atravessam o 'eu' dos recortes em que estão inseridas tendem a vir à tona. Apontando ao contexto micro, subjetivo, que norteia para a compreensão de que as escolhas são complexas e individuais - o que é identificado nas respostas, percebido nas imagens e confirmado nos relatos. Compreendendo a subjetividade das personalidades que habitam o limite entre o 'eu' e o 'outro', e vendo riqueza nos detalhes de como elas são contadas através dos signos documentados de modos e com ferramentas distintas. Ainda mais importante se mostra o exercício de identificar esses símbolos em si, como se apresentam, impactam e se relacionam transitando entre o 'eu' essência e o 'eu' vestível.

A investigação desdobra-se a partir de questionamentos iniciais, mas são as não-respostas que instigam as mensagens encontradas e reflexões desenvolvidas através de diferentes ferramentas e meios. A trajetória da pesquisa foi traçada de forma fluida e não linear, porém com base em decisões, em escolhas conduzidas pelos resultados encontrados a cada etapa, assim os objetivos projetuais evoluíram fundamentados pelos interesses instigados no processo, em que não há respostas absolutas, e sim histórias pessoais que despertaram a investigação.

A pesquisa direciona sua conclusão com o desapego das provações iniciais que queria motivar aos outros, das expectativas quando queria materializar um desconforto – que talvez estivesse no próprio ‘eu’ e não necessariamente nos ‘outros’ –, compreende a contribuição do processo, entende que interpretações são individuais, e ainda, admira essa pluralidade de sensações que o vestível pode despertar. Admite o protagonismo que se apresenta de acordo com a subjetividade de quem o vivencia. Então, se apegua a multiplicidade de leituras – o vestível sim provoca algo, resultante da soma das subjetividades.

Enfim, a pesquisa despertou interesses que não se encerram na conclusão desse projeto. As motivações por alternativas sustentáveis se fortaleceram com o pensamento e comprovação dos possíveis novos caminhos que se está traçando – e individualmente quer prosseguir –, com a consciência coletiva dos impactos. Ainda, foi extremamente importante trabalhar com tantas subjetividades, que de modo singelo e inesperado reviraram o rumo da pesquisa de forma grandiosa, talvez as tantas pessoas que passaram por ela não tenham a dimensão de suas contribuições e da beleza que seus relatos carregam com tamanha personalidade e influência nas próprias narrativas.

Expresso mais uma vez agradecimento, por e com elas encerro essa trajetória mais otimista que entrei.

Figura 38  
Observando com  
biomaterial  
Fonte: acervo  
pessoal



## 8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERLIM, Lilyan Guimarães. *Transformações no campo da moda: crítica ética e estética*. 2016. 342 f. Tese (Doutorado em Ciências Sociais em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade) - Instituto de Ciências Humanas e Sociais, Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

CARDOSO, Rafael. *Design para um mundo complexo*. Curitiba: UTFPR, 2011. p.113

NODARI, Alexandre. *Limitar o limite: modos de subsistência*. 2014

OITICICA, Hélio. *Brasil diarréia*. 1973. p.4

MENDES, Thatiane. *Sob a pele e a roupa. Computação vestível como marca de intimidade e memória*. 2019

SIBILIA, Paula. *O show do Eu: a intimidade como espetáculo*. 2016.

FUNDAÇÃO ELLEN MACARTHUR. *Uma nova economia têxtil: redesenhando o futuro da moda*. 2017. p. 37.

ARAÚJO, Karoline de Lucena. *Consumo e meio ambiente: considerações acerca do direito do consumidor à informação, como instrumento de sustentabilidade*. In: CUNHA, Belinda Pereira; AUGUSTIN, Sérgio (org.). *Sustentabilidade ambiental: estudos jurídicos e sociais*. Caxias do Sul: EDUCS, 2014. p. 209–226.

KAWAMURA, Yuniya. *Fazendo Pesquisa em Moda e Vestuário: uma introdução aos métodos qualitativos*. Londres: Acadêmico de Bloomsbury, 2015.

MARCHETTO, Patrícia Borba; ROCHA, William Albano. *O preço da economia global: reflexões sobre o trabalho análogo à escravidão e o hiperconsumo*. In: ENCONTRO DE PESQUISADORES, 19., 2018, Franca. Anais [...]. Franca: Centro Universitário Municipal de Franca, 2018. p. 121–128.

OPAZO, Minga. *Fungal Threads*. Boston Art Review, 2022. Disponível em: <https://bostonartreview.com/reviews/fungal-threads-minga-opazo/>. Acesso em: 20 set 2023.

Carta Capital. *No debate sobre o clima, é preciso responsabilizar a indústria da moda*. Disponível em: <https://www.cartacapital.com.br/opiniao/no-debate-sobre-o-clima-e-preciso-responsabilizar-a-industria-da-moda/>. Acesso em: 16 agosto 2023.

BBC. *'Lixo do mundo': o gigantesco cemitério de roupa usada no deserto do Atacama*. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-60144656>. Acesso em: 16 agosto 2023.

Revista Fórum. *Impacto climático da indústria da moda é devastador*. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/cultura/2022/4/12/impacto-climatico-da-industria-da-moda-devastador-112916.html>. Acesso em: 14 agosto 2023.

UNFCCC. *Fashion industry steps up climate ambition with renewed charter*. Disponível em: <https://unfccc.int/news/fashion-industry-steps-up-climate-ambition-with-renewed-charter>. Acesso em: 14 agosto 2023.

Modifica. *Por uma moda sem veneno: ativistas, empresas e entidades do setor dizem não ao PL do veneno*. Disponível em: <https://www.modifica.com.br/por-uma-moda-sem-veneno-ativistas-empresas-e-entidades-do-setor-dizem-nao-ao-pl-do-veneno/>. Acesso em: 5 set. 2023.

Modifica. *Plástico: Braskem está na moda, mas não deveria*. Disponível em: <https://www.modifica.com.br/plastico-braskem-esta-na-moda-mas-nao-deveria/>. Acesso em: 5 set. 2023.

Global Fashion Agenda. *Why now?* Disponível em: <https://www2.globalfashionagenda.com/initiatives/fashion-on-climate/#/why-now>. Acesso em: 5 set. 2023.

American Scientist. *Setembro a outubro de 2022*. Disponível em: <https://www.americanscientist.org/magazine/issues/2022/september-october>. Acesso em: 20 de set 2023.

JORNAL DA USP. *Toneladas de alimentos das feiras de SP vão para o lixo*. Disponível em: <https://jornal.usp.br/ciencias/ciencias-ambientais/toneladas-de-alimentos-das-feiras-de-sp-vaio-para-o-lixo/>. Acesso em: 10 nov. 2023.

WAAG. *Bio Fabricating Materials*, 2020. Disponível em: <https://waag.org/en/lab/textilelab/>. Acesso em: 27 nov. 2023.

Refinery29. *Fashion Industry's Climate Change Effects On New Clothing*. Disponível em: <https://www.refinery29.com/en-us/2017/05/151618/fashion-industry-climate-change-effects-new-clothing>. Acesso em: 13 dez 2024.

Schachtschneider, Ali. *Ali Schachtschneider*. Disponível em: <https://www.alis-schachtschneider.com/>. Acesso em: 13 dez 2024.

Jeff Muhs Studio. *Museu Uncanny Valley*. Disponível em: <https://www.jeffmuhsstudio.com/copy-of-sculptor>. Acesso em: 13 dez 2024.

Art Jewelry Forum. *NAIZA KHAN E O ESPÍRITO DE FAZER Navegando pelos espaços criativos do Paquistão e o papel do gênero e da classe*. Disponível em: <https://artjewelryforum.org/articles/naiza-khan-and-the-spirit-of-making/>. Acesso em: 13 dez 2024.

Birgit Dieker. *All Her Colours 2022/23*. Disponível em: <https://www.birgit-dieker.de/de/>. Acesso em: 13 dez 2024.

Liana Nigri Art. *Folhas duráveis*. Disponível em: <https://liananigri-art.com/new-page-1>. Acesso em: 14 dez 2024.

SIBILIA, Paula. *A moral da boa forma e a impossibilidade do corpo perfeito. Entrevista especial com Paula Sibia*. Disponível em: <https://www.ihu.unisinos.br/categorias/159-entrevistas/37084-a-moral-da-boa-forma-e-a-impossibilidade-do-corpo-perfeito-entrevista-especial-com-paula-sibia>. Acesso em: 15 mar 2024.

Handred. *Trama das Deusas: costura e conto*. Disponível em: <https://handred.com.br/blogs/blog/trama-das-deusas-costura-e-conto-por-gabriela-caruso>. Acesso em: 16 mar 2024.

## 9. APÊNDICES

APÊNDICE I / RELATOS

APÊNDICE II / QUESTIONÁRIO

APÊNDICE III / FICHA TÉCNICA

## APÊNDICE I / RELATOS

“Quando eu fiz a cirurgia eu era muito nova e eu não tinha muita noção do que que era, do que eu estava fazendo, o risco, hoje eu olho e vejo o que aconteceu. A seriedade, a quantidade de horas, porque eu tinha um alto grau de escoliose, mas o meu corpo ele conseguiu se adaptar de uma forma que eu não tinha deformação como outras pessoas com esse mesmo grau já costumam apresentar. Eu tenho um ombro bem mais alto que o outro e essa era a grande questão, a operação foi por uma questão de prevenção. Só que eu era muito nova e não tinha noção do que era essa urgência. Lembro que o pós-operatório foi muito frustrante, fiquei um mês só em casa, basicamente sem poder sair e só recuperando. Depois disso eu não podia fazer educação física e isso era muito frustrante para mim porque eu era uma criança, não podia brincar correndo, pular... Mas tive uma boa recuperação apesar de ter sido chato, a memória mais forte que eu tenho pra mim é sobre é esses impedimentos, mas é claro que fica uma outra memória, a que fica marcada no corpo. A relação com a minha cicatriz é que lembro de não gostar principalmente nesses primeiros anos, porque eu lembro que muita gente ficava perguntando quando eu estava com uma blusa que expunha mais ou então eu estava de biquíni. Mais ao mesmo tempo por ser nas costas eu não confrontava com ela, então eu não via muito e não era algo que me incomodasse a ponto de criar qualquer tipo de aversão ao meu corpo, não gostava que ficassem perguntando e até deixei o cabelo crescer e usava geralmente solto para não aparecer a cicatriz e eu acho que com o tempo eu fui aceitando e fui entendendo que aquilo era uma marca da minha história e das coisas que eu vivi, estava tudo bem. Às vezes também quando estava meio sem paciência com as pessoas que perguntavam eu falava que ‘caí de moto e me ralei’ rs. Teve uma vez também que a Rafa que é a filha do marido da minha irmã, quando ela tinha uns 5 anos perguntou sobre e eu falei pra ela que eu tinha asas, e toda minha família comprou essa brincadeira. Hoje eu realmente não ligo, ela está bem suave, é nas costas, eu acho que ela é bem discreta e é uma parte de mim.”

“As marcas de espinhas nas minhas costas costumavam ser uma questão para mim, eu tinha muita vergonha de sair com uma blusa decotada nas costas ou até mesmo uma regatinha. Na época afetou muito a minha autoestima, eu não conseguia me sentir bem com essa parte do meu corpo, tentava esconder ela com as roupas e até mesmo com o meu cabelo. Com o tempo as marcas foram diminuindo e eu fui me libertando dessas amarras que me limitavam a um único corte de cabelo e ao uso de determinadas peças de roupas. Foi quando decidi cortar o meu cabelo mais curto, passei a usar roupas sem me importar tanto se mostrava as minhas costas ou não e a me sentir mais confortável com o meu corpo. Hoje entendo que essas marcas são normais, que não tem porque ter vergonha. Elas fazem parte de quem eu sou e refletem o meu crescimento ao longo desses anos e de como eu me relaciono com o meu corpo atualmente. Até hoje eu tenho espinhas que deixam marcas

no meu corpo, mas agora eu entendo melhor “o que elas querem me dizer”, pois afinal elas são um reflexo da minha alimentação e do meu humor, funcionando como um lembrete para eu me cuidar melhor.”

“Eu e minha mancha já tivemos altos e baixos, quando era criança não gostava dela porque eu me sentia diferente, quando a gente é mais novo acho que não queremos ser diferentes, e eu estava assim não a ponto de vestir uma roupa para esconder, mas me incomodava e também ocupava um espaço maior no meu corpo. Eu falava que ia fazer uma tatuagem em cima e eu não sei em que momento da minha vida eu comecei a gostar dela, mas também não reparo tanto no dia a dia, eu gosto dela pelo motivo de ser muito meu e da questão genética, na minha família cada um tem um lugar diferente. Também é legal porque ela muda de cor com o frio. A cicatriz eu não sei muito ainda por que ela é recente, nesses meses que está cicatrizando tá ficando com uma carinho de cicatriz como ela deve ficar o meu corpo. Mas sempre que eu ia no hospital falavam ‘nossa vai ficar uma marca horrível’, ‘vai ficar uma marca muito grande, muito feio’, falavam em reformas de cicatriz e não era algo que eu me importasse naquela situação. Agora que cicatrizou e perdeu a casquinha, eu estou conhecendo melhor e estou passando uma pomada cicatrizante, pesquisando, mas não me incomoda e não me vejo tampando-a ou escondendo ela, a situação está confortável. Mas se tivesse uma cicatriz em cima da minha tatuagem, por exemplo, eu iria me incomodar porque eu já tenho uma pequenininha que é imperceptível para quase todas as pessoas, mas pra mim me incomoda. Mas pensando sobre as marcas no corpo, podem incomodar esteticamente no corpo, mas acho que tem muito mais a ideia de histórias que contam sobre aquela pessoa, toda cicatriz tem uma história e isso é muito legal. São um lembrete, geralmente as pessoas também perguntam, querem saber como aconteceu...”

“A minha cicatriz no joelho me lembra ao momento que eu consegui ela. Me traz lembranças do meu avô. Quando eu tinha uns 5/6 anos, eu estava correndo pelo condomínio dos meus avós para ir para a casa deles com a moça que trabalhava aqui em casa. Eu estava bem feliz e do nada tropecei e caí. Chorei muito, estava sangrando. Meu avô logo veio me acudir. Ele era o síndico do prédio, e eu sempre achei isso muito importante, e, pela primeira vez, ele me levou na sala do síndico, que eu nem sabia que existia. Achei aquilo demais. Ele conseguiu cuidar do machucado e fazer com que eu me sentisse melhor. Eu ainda fiquei um pouco sem conseguir dobrar o joelho, mas depois passou rápido. Eu me lembro que a cicatrização foi um pouco mais chata. Como era criança, eu tinha aquela mania de começar a cicatrizar e eu já querer arrancar a casquinha. Então demorava e ficou um pouco marcado. Quando era pequena eu não gostava da cicatriz, achava muito grande para o tamanho do meu joelho. Mas depois foi suavizando e eu já nem percebo mais tanto, ficaram mais as histórias! Mas nunca deixei de usar algo por conta da cicatriz, nem quando ela me incomodava!”

“Minha infância foi marcada por um detalhe, uma “maldição” esquisita: quebrei o cotovelo 3 vezes, sempre num intervalo de 3 anos. Com 3, com 6 e com 9 anos de idade. Parte das minhas memórias de criança trazem imagens de brincar com o braço engessado, tomar banho com uma sacola de supermercado no braço, ter meus amigos disputando um pedaço para assinar e deixar a sua marca rsrs. Quando completei 13 anos sem nenhum acidente, suspirei aliviada: ufa, os 12 anos passaram intactos, a maldição dos 3 anos acabou! Bom, entre essas memórias caóticas, a que eu mais me lembro é a do momento que tive que operar o tal do cotovelo. A segunda quebra, com seis anos de idade em uma colônia de férias, foi a primeira vez do lado esquerdo. Esse foi mais grave, e foi necessário operar, colocando um pino dentro do meu braço, pra acelerar a recuperação. Lembro muito do medo ao entrar na sala de cirurgia com meus bichos de pelúcia, da sensação horrível da anestesia geral entrando no meu corpo e de como foi esquisito acordar depois e ser recebida pela minha família. Ocorreu tudo bem e a cirurgia, além de recuperar meu braço, me deixou com uma cicatriz que ocupa grande parte do meu cotovelo até hoje. Hoje, com 24 anos, sigo com a marca da operação. Tive a oportunidade de passar um creme para tentar fazer desaparecer mas, na hora que fui passar, desisti. A cicatriz, além de me lembrar esse momento da minha história, também teve uma função engraçada no meu desenvolvimento. Na época da cirurgia, com 6, 7 anos, comecei a aprender o que era o lado esquerdo e o que era o lado direito. No início, era uma dificuldade lembrar naturalmente. Assim, toda vez que precisava indicar uma direção, olhava para o cotovelo com a cicatriz e lembrava que aquele era o lado esquerdo, o lado do braço que operei. Mesmo depois de crescer e não precisar mais olhar, sinto minha mente reconhecer brevemente a cicatriz toda vez que vai indicar o lado esquerdo de algo. É engraçado como nosso corpo cria memória e mesmo que a gente cresça, amadureça e a vida mude por completo, parece que algumas coisas ficam ali no nosso inconsciente pra sempre.”

“Sempre me orgulhei de nunca ter quebrado nenhum osso, mas já tive cortes e queimaduras sempre colecionei. Aos cinco, queria pegar uma bolsa pendurada no alto para uma festa temática, árabe, acabei derrubando um espelho e adquiri um corte na mão esquerda, a lembrança é clara. Não ir na festa e quando minha mãe e irmã voltaram, comer muitos quitutes e docinhos, um consolo. Aos 9, virada de ano, quase 2010, escorreguei na escada de mármore e abri a cabeça. Aos 15, raspando a lata de leite condensado na casa de uma amiga, cortei a mão bem pequenininho e achei que ia desmaiar, ficou a cicatriz de lembrança. Nada levou ponto, mesmo que talvez precisasse e as marcas estão por aí. Aos 21 surgiu aos poucos manchas escuras pelo meu corpo e até hoje não foram diagnosticadas, mas com o tempo sumiram, ficaram as três marcas das biópsias inconclusivas feitas e os maiôs que usava para proteger e esconder o corpo. De resto permanecem) as marcas de sol, manchinhas, a linha clara que aparece no meu nariz quando pego muito sol, pintas, arranhões de trombar na minha cama e mexer com alfinetes, queimaduras da panela sem cabo que uso em casa e sambam na grade do fogão... Sei contar histórias de todas as marcas que habitam e já habitaram meu corpo.”

## APÊNDICE II / QUESTIONÁRIO

# Consumo de vestuário | TCC

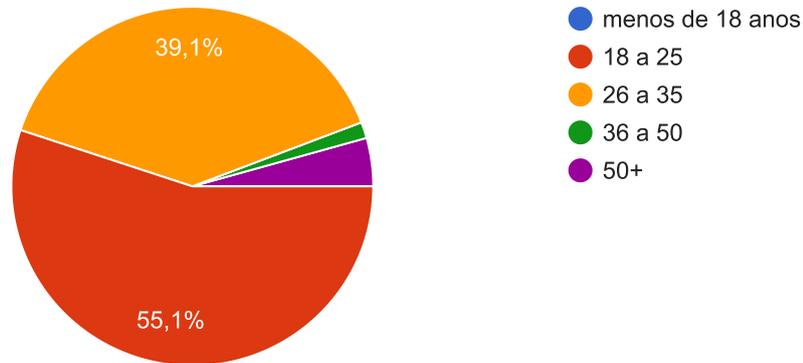
69 respostas

[Publicar análise](#)

## Qual a sua faixa etária?

[Copiar](#)

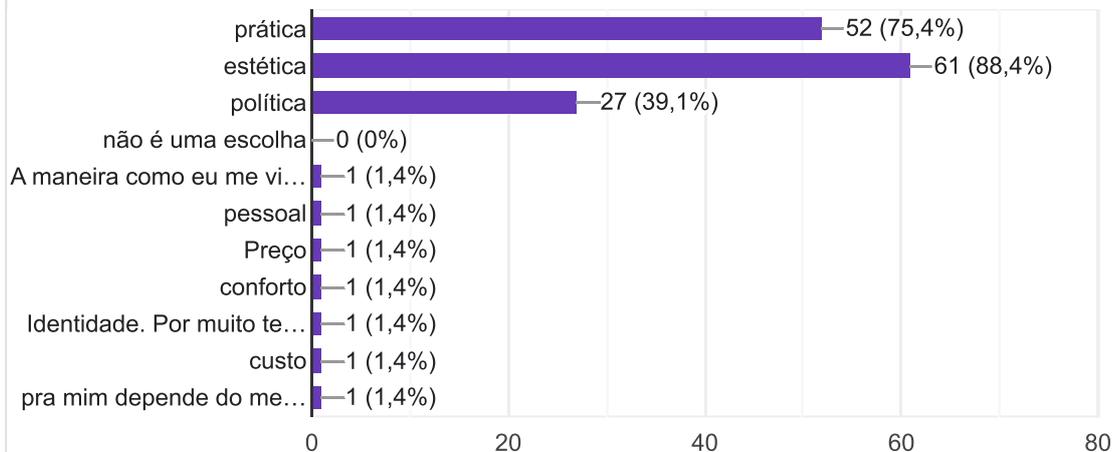
69 respostas



## Para você roupa é uma escolha: (marque todas que se identificar)

[Copiar](#)

69 respostas



## Nessa escolha, que te motiva a adquirir uma peça?

69 respostas

Origem, caimento, cores

compro pensando no meu gosto estético, se gostei da peça e se combina com o meu estilo

Valorize meu corpo e que eu esteja precisando no momento (sinto falta de ter uma peça como aquela no guarda roupa)

Ser bonita e combinar comigo, com meu estilo de ser e personalidade.

Me sentir bem e bonita

Usar o que eu acho que ficou bonito no meu corpo

marcas que estejam alinhadas aos meus valores e causas (sustentabilidade, condições de trabalho dignas, feminismos, a luta contra o racismo, etc.). acho relevante destacar que nem sempre é fácil confiar no que as marcas divulgam sobre si mesmas, mas é fácil evitar empresas da indústria que estão notoriamente desalinhadas aos meus valores.

Necessidade e estética

A falta de uma peça no meu guarda roupa que seria pratica e de muito uso no meu dia dia. Se eu gostei da roupa. Além das tendências, que não tem como não influenciar nas escolhas.

A qualidade do produto, a necessidade da compra e o caimento da roupa do corpo.

preciso e/ou acho bonita

Necessidade

O caimento da roupa, tecido e qualidade das costuras

Autoestima

Conforto

Necessidade e desejo

Normalmente comprar roupas novas é uma troca de ciclo

Principalmente necessidade (não desejo). Por vezes, desejo por algo e para me mimar

A estética, a sustentabilidade (país de origem, materiais, 2a mão), o preço, quem fabricou (artesão tem prioridade)



Beleza, identificação, preço

Design, modelagem, acabamento

Ser confortável, bonita, de acordo com meu estilo.

Se estou a precisar, depois se é confortável, se é bonita e se parece que vai durar um tempinho, ou seja, a qualidade.

Escolher uma roupa em que eu me sinta bonita.

Principalmente a estética da peça

Estilo e conforto

meu apego pessoal a peça, corte que me agrada, estampa que me agrada e preço

conforto, estilo, sentir que ela representa como me vejo.

Se é estilosa/ se combina com as peças no meu guarda roupa/ se é confortável de vestir e prática de usar

Conforto, facilidade de vestir e lavar

Uma aparência bonita

Preço, estética e qualidade

Estética da peça e necessidade da compra, devido à outras peças rasgando ou ficando pequenas demais.

Preço e estética

Estética e conforto

necessidade.

Caimento

Conforto e facilidade de manutenção

Qualidade

qualidade, caimento, função...

Estilo pessoal, necessidade e objetivo da peça



Para roupas que chamo de "andar em casa/dormir" eu prefiro a praticidade, no caso, o conforto e o preço mais em conta. Já para roupas que chamo "de sair" além de levar em conta o conforto, levo muito em consideração a estética dela, se me identifico com a roupa, se o caimento da peça em mim fica bom, nesse caso acabo gastando muito mais em uma única peça, quando comparado à minha outra categoria de roupa.

Gosto estético pessoal

Preço e qualidade

Se ela for mais básica e neutras, e atender a "peças que dão com qualquer outra roupa"

ser confortável, bonita e que veste bem ao corpo

Meu gosto e minhas atividades

Qualidade da peça, bons acabamentos e estilo

depende da ocasião. no geral, tento escolher aquilo que faz eu me sentir bem, o que acaba sendo um mix entre as opções que escolhi anteriormente.

Geralmente busco comprar peças somente se eu estiver precisando ou quando a roupa cai muitíssimo bem no meu corpo.

Conforto e estética

estilo, estampa, tecido, produtor

O estilo, como me veste, os lugares em que usarei

Preço e necessidade pra alguma ocasião

me sentir confortável e q me identifique com a peça de roupa

Conforto e necessidade de estar vestida

Diferencial

Preço, estilo, qualidade

conforto

peças que mais me identifico e que transpareça minha personalidade

O preço ainda pesa. Mas eu estudo o modelo, o tamanho, o valor que ela tem. Hoje prezo por marcas que tem sua identidade e estilo. Ex: Garage. A proposta da marca



e estilo me encantam. Então mesmo sendo um pouco caro, vejo que vale a pena comprar. O tecido e modelagem são de qualidade.

estética, autoestima e utilidade/necessidade

estar de acordo com meu estilo, minha condição financeira e que eu me sinta bem vestindo, tanto em termos de conforto quanto de imagem que estou passando

Conforto e praticidade

me sentir confortável e linda nsia

Busca por novos estilos

A moda

Acho que me sentiria bem usando e ela conversa com minha identidade

Custo benefício e versatilidade

Geralmente, para comprar uma roupa eu costumo necessitá-la para uma ocasião especial (ex. uma festa, uma viagem). Eu também gosto de me sentir muito bem com a roupa escolhida para o lugar que eu vou, então faço questão de estar que a estética me agrade.



Onde você as adquire? (especifique os nomes, de lojas, brechós, sites etc)

63 respostas

Feira da praça XV, enjoei, zara, dress to

loja 3, lojas que vejo no instagram aleatoriamente (ex: shanti store, daluz..), farm

Lojas de shopping (renner, C&A, Farm, Dress to Lizie, Zara, Garage,...)

Lojas que encontro no instagram de moda alternativa e algumas lojas fastshop tipo renner, c&a, riachuelo

Osklen, animale e algumas marcas de estilistas independentes

Renner, garage, Zara

brechós no centro de são paulo (fugaz e frou frou são exemplos), osklen, IDA, surreal são paulo (agora se chama love delivery), stutterheim e sandqvist.

AZ Sustentabilidade ou brechó da galeria da nossa senhora

Renner, cea, garage, zara, afghan

Cantão, Renner, C&A etc...

new look, h&m, doação de amigas, eclectic, zara, zille rio

Zara, H&M, Primark, Pull&Bear

Lojas variadas, brechó, sites

A maioria é em 2a mão, das amigas. Se compro, escolho Zara ou algum brechó..

sobretudo de familiares mais velhos, amigos, 2a mão, feiras...

Principalmente na Vinted e lojas de segunda mão. Calçado sobretudo em lojas portuguesas (fly london, shoevenir...) . Roupas para ocasiões específicas e pontuais (trabalho, casamentos ou eventos semelhantes) compro em lojas internacionais do género COS, CAROLL, Bimba y Lola, Benetton, Migacho.

Brechós, marcas de upcycling como a oficina muda. Marcas de shopping como farm, oh boy, cantão, sacada... Peças de camelô na rua, no saara...

Multimarcas (Novamente, Dona Coisa), lojas de departamento (Zara, H&M, Cos), brechó (Bazar das Acácias)



Brechós online (ex: acervo 021), brechós físicos (n sei o nome), feirinhas (do lg do machado, de Itaipava, feira hype), lojas físicas (ex: garage)

Brechós e lojas físicas, normalmente de fast fashion.

Farm, garage, c&a, Renner, urbanic, brechós de conhecidas,

Brechós diversos, lojas de departamento

Lojas virtuais

Lojas online como Shein, Shopee e lojas físicas como Renner e Leader

farm, brechos online, wqs, 55rj, off premium, lojas pequenas de slow fashion

Sites na internet como shein/ lojas grandes como C&A, Renner e Riachuelo e brechós

C&A e renner principalmente, também costuro algumas

Lojas mais acessíveis, como citicol, objetiva, entre outras.

Lojas no shopping próximo à minha casa e às vezes na internet em lojas que gosto

Só loja de empresário desgraçado, C&A e Riachuelo

não tenho lugares fixos para adquiri-los.

Aquamar

Polo Wear, Taco, Wöllner

Shein, farm, ashua, posthaus

Leader, renner, c&a e alguns brechós (não lembro os nomes)

Zara, Citycol, e brechós de bairro (não lembro os nomes)

lojas, brechós, internet

Cufa madureira e Riachuelo

Shein e lojas on-line/ normalmente não curto visitar lojas e ficar procurando

lojas de fast fashion como renner, leader, em brechós locais e em site como netshoes, dafiti e etc.



Shein, Nike, Centauro, Netshoes, Riachuelo

Renner, Aquamar e algumas são da minha mãe da época que ela tinha a minha idade (ela guardou vaaarias)

gosto de lojas independentes e que abracem todos os tamanhos, mesmo que eu não vista um tamanho grande, acredito em lojas que tenham opção para todes. bentz é minha favorita por que é assim e acessível, mas tem a ory que é sem gênero e eu gosto, bezzoura e feirinhas normais.

Geralmente compro em lojas de departamento, como renner e c&a.

Sites sugeridos no Instagram

marcas grandes e pequenas (renner, lojas online)

três, zara, dress to, garage, guardaroba

Fast fashion: Renner, shein, c&a, Riachuelo

lugares diversos, loja no instagram, zara, bazar, feirinhas, internet,

Brechó sempre que possível. Em lojas... Oslo, C&A, H&M, lojinha da minha mãe (lojinha de bairro).

Cea, Renner, loja 3, lizie

cea e renner

renner, cea e brechós

Por muito tempo comprei em brechós do Rio ou fazia minhas roupas. Hoje meu tempo é reduzido. Então compro em lugares que eu vejo que vale a pena. Minha marca preferida para roupas leves, é a garage. Para jeans, a renner. Tem uns jeans de melhor qualidade acessíveis. Peças intimas, biquines, ou ate mesmo bodys que uso muito, a shein online. Apesar de não gostar de comprar na shein, em muitos casos ainda compro lá. Mas eu prezo por marcas menores. Os jeans infelizmente nao é por querer nao tenho coragem de dar 300 reais em uma calça.

brecho, roupas de familiares ou lojas de instagram

feirinhas (estilo Carioca e São Salvador), lojas de departamento online (Renner porque tem entrega e coleta em caso de troca), promoção de marcas autorais que acompanho por redes sociais

Brechós diversos, feirinhas, herdadas, C&A, Riachuelo



Brechó e renner, sempre

Renner, Riachuelo e sites como Shein ou Shoppee

C&A, Feiras, Gogirl.com, Maria Modas

Yellow factory, sopa brechó, viés vintage, brechó cherry...

Loja 3, Farm, Renner, Zara, brechós, lojas slow fashion

Cantão, Loja3, Garage, Enjoei



## O que você faz com as roupas que não usa mais?

69 respostas

Doação

Faço doação

Doo

Doação

primeiro eu deixo elas acumularem kkkk até que eu percebo que elas estão ocupando muito espaço no meu armário, aí decido juntar tudo e doar. normalmente são doadas pra moça que trabalha aqui em casa

Algumas eu doo e outras vendo

Douo

doação para abrigos, asilos e outras instituições que façam trabalhos sociais.

Dou, coloco no sistema de troca ou vendo a preço simbólico para amigos próximos

Quando está em boa condição (que é a maior parte das vezes) coloco para doação ou passo para alguém conhecido. Quando esta com uma condição ruim, coloco para dormir ou jogo fora.

Faço doações para pessoas mais necessitadas

dou para pessoas conhecidas

Encontro algum lugar pra doar

Dou, doou ou transformo em algo útil (pano de limpeza, material para remendos, máscaras,...)

Ofereço. Idealmente gostaria de vender na Vinted, mas ainda não vendi

Guardo e muito raramente as repasso para primas mais novas

Doação e as vezes venda

Doo as roupas ou troco com amigues.

Doação ou venda

Revendo



Realizo doações

algumas busco customizar outras separo para doação

Tento trocar por outras em brechós, as que não consigo eu doou

corto e transformo em novas

Dou para familiares mais novos e/ou para a doação

Se elas estiverem rasgadas demais, acabo jogando fora, nos outros casos, envio para doação.

Levo para doação

Se estiver em boas condições, eu doo para alguém ou para venderem num bazar

caso esteja boa, doação, caso não esteja, vira pano de chão.

Guardo para doar

Doou

Geralmente elas são encaminhadas para doação, em orfanatos ou centros religiosos.  
Algumas outras destino à amigas que têm um estilo parecido com o meu.

Faço doações

Tenho dificuldade de desapegar, mas quando desapego dou pra minha vó levar pra Paraíba

geralmente faço doações, ou utilizo de outra maneira, como pijamas ou para usar no dia a dia em casa, quando estou bem desgastadas utilizo para panos de chão.

Uso até estragar

Faço doação na igreja

doo ou customizo de algum jeito ou utilizo o tecido pra criar algo.

Das roupas que não uso mais, faço doação pra igrejas.

Ficam guardadas

geralmente doo.

dou para doação



tento vender ou doou

Faço doações.

Doacao ou revenda

doou

repasso para quem vai fazer uso ou transformo é outras coisas

Dôo. Sempre dôo. Nao espero virar pano de chao.

doação

Levo para doação

Faço meu próprio brechó

Faço doação.

Sempre doo

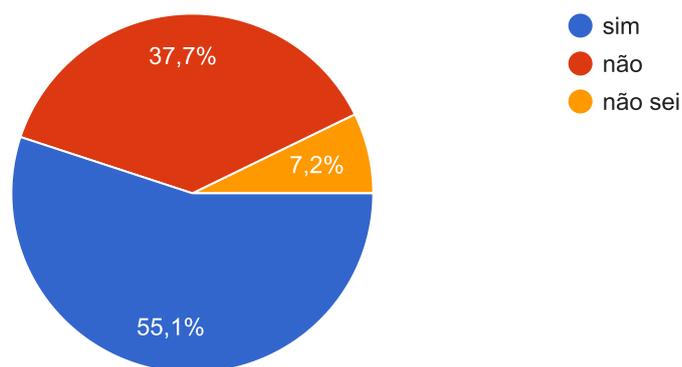
Vendo ou coloco para doação

Geralmente doou ou dou para minhas amigas/irmã

Você se considera apegada as suas roupas?

 Copiar

69 respostas



Se sim, de que forma? Me conta um pouco sobre? :)

38 respostas

me considero apegada em um nível tipo: não empresto uma roupa nova que eu nunca tenha usado. eu preciso usar ela primeiro pra depois emprestar kkkk mas aí depois que eu uso 1 vez já empresto de boa. também sinto que tenho certa dificuldade em me desfazer das roupas que não uso mais, tanto que demoro muito pra entender que aquilo só tá ocupando espaço no meu armário

Acho que é um apego materialista mesmo, eu tenho um apego muito grande pelas roupas que me fazem me sentir bem. Eu tenho dificuldade de me achar bonita em uma roupa, e quando eu acho uma que me faça me sentir bem eu me apego a ela por essa sensação que ela me passa.

Gosto do que adquirio e cuido da conservação delas

Uso durante muitos anos. Quando me canso paro de usar e meses depois volto a pegar nelas. Uso também roupa que a minha tia usava nos anos 80.

Com as memórias que tenho com elas e com a sensação que usar elas me causou

Tem roupas que eu tenho há mais de 10 anos pq gosto muito da peça e ainda está em bom estado. Algumas usei até já não estar mais em estado apresentável. Algumas que gosto muito e não estão boas viram pijamas. Normalmente é o tipo de peça que alguém ia parar e dizer "adorei".

Algumas.

Algumas pela origem emocional (vem de alguém querido), outras pela ressonância com as minhas emoções e identidade (as cores, corte, conforto, como me fazem sentir paz e alinhada)

Demoro muito a escolher uma peça de roupa. Quando escolho é porque refleti muito, gosto muito e acho que responde aos padrões éticos e que vai ser-me útil. Por isso cada roupa tem uma explicação e uma função específica insubstituível.

Tenho peças de muita estima que são difíceis de me desfazer. Sempre acho que vou ter uma oportunidade de usá-las novamente

Cuido bastante da manutenção, procuro comprar peças criativas, diferentes, que duram. Demoro a me desfazer delas.

Me sinto apegada às peças que uso, tenho um carinho por elas, as vezes lembro de momentos em que usei etc.

As roupas também fazem parte dos momentos da vida, trazem lembranças e guardam memórias. E também como não gosto muito se comprar roupas novas não gosto se me desfazer de roupas para o acaso de querer voltar a usar.



Memória afetiva de momentos em que usei as roupas.

Dedenvolvo um apego emocional, sentimento de necessidade delas

Roupas que marcam momentos específicos da minha vida, como blusas favoritas que usei por anos até elas acabarem

algumas peças eu tenho um apego específico mas geralmente é momentâneo

É triste reconhecer que não utilizo mais uma roupa e me desfazer delas. Roupas são lembranças de momentos que vivi usando elas

Todas parecem que ainda serão uteis um dia então so me desfaço das roupas que ja estao rasgando (e muitas vezes corto as partes rasgadas e reutilizo as boas)

Sou muito inseguro sobre meu corpo e sempre sinto que estou usando as roupas erradas kk então quando eu me sinto especialmente bem com uma peça, eu não consigo me desfazer mesmo quando não me serve mais.

São determinadas peças que chamo de "achados". Podem ser de lojas grandes como uma Zara, quanto de brechós. Esses "achados" são roupas que me identifico muito, como se eu pudesse ter conversado com o designer e ele fez justamente do jeito que eu imaginei, ou seja, acabo me apegando porque, de certa forma, a roupa transmite muito o que entendo como sendo minha identidade. Além disso, o caimento delas no meu corpo fica perfeito, sem precisar de ajustes. Por isso digo que são "achados".

Estou numa fase de ganhar corpo por conta da academia, e venho perdendo muitas peças. Eu crio muito apego com oq tenho, pq não sou de comprar qualquer roupa por impulso, eu compro o que realmente me interessa muito. E como eu falei lá em cima, eu sempre compro peças que dá pra diversificar e usar COM TUDO (fazer combinações). E quando essa peça deixa de dar em mim, eu choro rrsr. Acho que é por isso tanto apego

tenho ciumes de emprestar ela para amigos ou irmão por exemplo, mas nao me privo de fazer isso. mas é por conta de achar que minhas roupas nao serão tao bem conservadas como eu as conservo.

Não consigo me desfazer geralmente, uso até estragar, nem que tenha que usar só em casa quando em pior estado

Quando gosto muito eu guardo por bastante tempo, mesmo que a roupa nem caiba mais

Acabo gerando afeto pelas roupas pelas memórias que tive enquanto estavam sendo usadas, tenho dezenas de camisas que estão se desfazendo mas tenho pena de jogar fora

Tenho algumas roupas que não uso em determinadas situações com medo de sujar ou estragar, não gosto de emprestar roupas, repenso mil vezes antes de me desfazer de alguma roupa



por mais q eu esteja ha um tempo sem usar, sempre acho q vou usar um dia e acabo n me desfazendo dela

Normalmente por apego sentimental em algumas peças

não gosto muito de emprestar por que sinto que cada uma faz parte de uma fase e representa uma personalidade minha.

me preocupo com a história da roupa antes de chegar a mim, seja na produção ou de quem usou ela antes. Me preocupo com o uso e a história que vivo e crio com ela e as memórias que guardo.

Meu apego numero 1 sao os jeans. Eu amo jeans. Uso ate surrar e fazer dele

Um short alguma

Coisa do tipo. Existe um certo apego que eu nao sei se é apego, mas é

Talvez um apego coringa. Ex: tenho 1 terno ou calça social que nao estou usando ou um

Vestido chique atípico. As vezes fica anos no guarda roupas, sem usar. Penso em me

Livrar mas depois penso: posso ter uma ocasio no futuro e vou gastar muita grana se eu me

livrar. Entao eu guardo. Peças que eu amo eu uso muito, muito, com frequencia. Quando esta

velha eu mando embora. Mas ja aconteceu de eu usar ate ficar inutilizavel e eu jogar o tecido

fora e aproveitar o zipper, algo do tipo( pq eu costuro) mas eu tenho procurado me desapegar.

Muitas vezes doar te faz ver que vc nao era tao apegada assim.

Se eu gosto eu não consigo me desfazer, mesmo já estando bem velhinha

Sou zero apegada, empresto, doo, vendo

Gosto de usar ao máximo, apenas faço doação quando realmente já dei uma enjoada das roupas.

Uso várias vezes

As vezes acho difícil fazer a seleção para doação, mesmo que não use a um tempo, esperando

que talvez volte a usar, então guardo elas por um tempo e, se não usar novamente, aí doo!

Coloco muito valor emocional em peças que usei em certos momentos

Gosto de cuidar e tomar cuidado com as peças para que durem mais

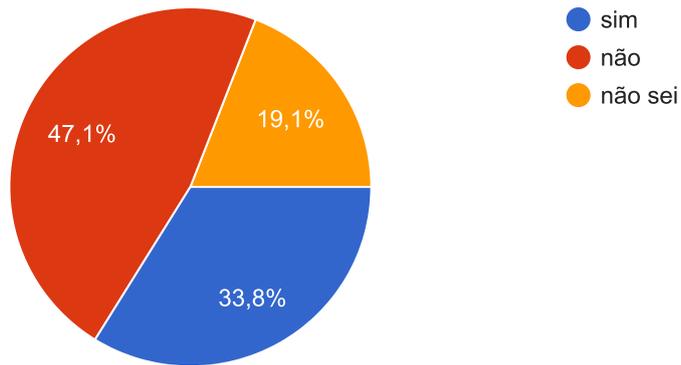
As roupas simbolizam momentos para mim. É difícil, mesmo que eu saiba que a peça não faz mais meu estilo, me desapegar, pois ela representa fases e situações que foram vividas no passado. Parece que posso me sentir da mesma forma que me sentia antigamente ao usá-las.



### Consome roupas de origem animal? (ex.: couro, seda...)

 Copiar

68 respostas



## Pensando na indústria de vestuários, o que te incomoda sobre ela?

69 respostas

Os ciclos ultrarrápidos de tendências, que além de causarem grande impacto ambiental, criam desejos passageiros no consumidor e saturam o mercado, tornando muito difícil pra uma pessoa construir um estilo pessoal autêntico

acho que o fato de tudo ser produzido em larga escala, sem a preocupação de como é produzido. só que esse incômodo não me faz deixar de comprar um produto.

Roupas para pessoas magras, mas que considerem um corpo magro tendo silicone.  
O fato de tornarem moda e todo mundo se vestir igual

Ainda não ter tantas coisas legais e bonitas para plus sizes, embora já tenha melhorado consideravelmente. Outra coisa: só agora está havendo abertura para modelos indígenas na moda. A moda precisa ser mais inclusiva!

A velocidade de lançamentos

Custo alto e não ser justo no pagamento dos seus funcionários

todas as marcas e lojas que mencionei são pouco acessíveis. por ter um contexto financeiramente privilegiado, consigo fazer escolhas ao comprar roupas e ser mais sustentável - essa certamente não é a realidade da maior parte dos brasileiros. fico especialmente incomodada com a discrepância absurda entre as margens das grandes marcas e os baixos salários das pessoas que trabalham na confecção das roupas.

Produção em massa, descarte rápido, uso de mão de obra barata e não valorizada para uma peça depois que os mesmos não conseguirão comprar

As trocas constantes de coleções, a qualidade do tecido, roupas que duram pouco, o modo de produção de algumas marcas.

A falta de senso da realidade, ou seja, não produzirem roupas para todos os corpos. O estímulo ao consumismo e os preços exorbitantes de peças simples.

muito poluente, falta de escolha - lojas diferentes vendem roupas muito parecidas

Preço

Falta de qualidade

O impacto ambiental, como consumo de água.

A produção em grande escala



As lojas fastfashion terem possivelmente mão de obra escrava e, ao mesmo tempo, serem mais acessíveis

O quão descartáveis muitas roupas são. O fato de como em tudo do capitalismo existe algum nível de trabalho escravo e infantil envolvido na produção em massa.

- O impacto ecológico (consumo de água, cultivo em monoculturas e seus impactos nefastos no solo, na biodiversidade,..);
- o impacto social e económico (as pessoas exploradas para trabalhar, as pessoas que lhes foram tiradas a terra para viver, e por consequência, a sua forma de subsistência, a saúde destes trabalhadores pela falta de condições de trabalho,...)
- a psicologia de incentivo ao consumo nas massas, a desconexão que isso cria nas pessoas na sua relação com os recursos naturais, alimentando a mentalidade de crescimento infinito, de disponibilidade de recursos infinito, de que as nossas ações não têm impactos,...)
- o facto de a produção industrial de vestuário tirar força e espaço às produções artesanais e todos os ciclos, ecossistemas e modos de vida substancialmente associados a isso
- a falta de apoios e visibilidade a produções inovadoras mais sustentáveis e éticas, por influências políticas de grandes entidades/corporações económicas

A pegada ecológica, a falta de transparência de grandes multinacionais, o exagero de globalização

O desperdício e a facilidade que as roupas são descartadas

Quantidade de água usada na fabricação, exploração da mão de obra, especialmente feminina, relação custo x benefício, má qualidade das peças.

Forma como as roupas são descartáveis e feitas pra não durarem (tanto fisicamente quanto em relação a moda e tal), forma como a origem dela é invisibilizada e toda como menos importante, acabamos consumindo produtos de trabalho escravo de grandes empresas com um valor mais acessível. Produtos de origem animal e toda a problemática disso.

Não saber se o trabalho das pessoas é bem remunerado, a rapidez em que as roupas saem e entram na moda, e a baixa qualidade das peças, o que aumenta o consumo e prejudica o meio ambiente.

Consumismo excessivo, poluição e descarte elevado de roupas de má qualidade.

A imensa variedade e a velocidade com que coisas novas são lançadas, gerando o sentimento de necessidade de coisas novas nas pessoas e aí o consumo exagerado

Origens trabalhistas, a produção não consciente e ecológica, qualidade e preços

Incentivo ao consumismo desenfreado estabelecendo padrões de temporadas e coleções

produção em excesso, poluição, exploração

O lixo absurdo que ela gera. Mão de obra escrava ou mal paga.



Roupas que parecem feitas para serem usadas só 1 vez, o fato de venderem tão caro peças que não pagaram nem 1/200 do valor pra quem fez

A mão de obra barata nas confecções e roupas de qualidade estarem ficando inacessíveis à uma classe mais baixa economicamente

A presença de trabalho análogo à escravidão em algumas empresas e o impacto negativo que a indústria estética no geral pode ter sobre a visão de um indivíduo sobre si mesmo.

A exploração animal

Fast fashion

Como hoje em dia a indústria foca em peças cada vez mais frágeis, com um tempo de consumo muito mais reduzido em relação a peças de outras décadas.

A variação dos tamanhos de uma loja para outra

Não é sustentável

Grandes marcas não serem acessíveis a corpos gordos e quando são na verdade vestem corpos midsize.

Toda cadeia de consumo e produção. É caro ter uma peça sustentável e muito fácil corroborar com a exploração da mão de obra.

Principalmente a quantidade de roupa excedente que é produzida e não será utilizada

Se eu pudesse, pagaria mais caro para consumir roupas mais duráveis, ou seja, sem ser de lojas de departamento, como a Zara. Lojas que não utilizam mão de obra escrava, e que sejam mais duradouras. É claro que isso pode ser evitado de certa forma comprando em brechós. Mas como não saio tanto do local onde moro, os brechós (ao que conheço 2) são pequenos demais, e acabam sendo roupas que não possuem o meu estilo. E brechó não é sinônimo de roupa mais barata. Determinados brechós, principalmente alguns online, possuem roupas que acho lindas. Mas acabam saindo pelo mesmo preço de uma loja como a Zara. E adquiri o hábito de experimentar a roupa antes de comprá-la. Então roupa, pro meu orçamento, acaba sendo investimento. Tanto ao examinar o tecido e a costura para deduzir sua durabilidade, quanto ao caimento dela "natural" sem necessidade de ajustes.

Trabalho análogo a escravidão

A enorme fabricação de excedentes e poluição química

Não é meu caso, mas vejo muitas amigas reclamando de lojas que não tem tamanhos diversificados.

o desgaste e a quantidade de produção em massa, o que hoje está em alta amanhã já não mais e muitas vezes ocorre o descarte indevido das peças. além do mais o preço absurdo que



é para produzir.

Super valorização de alguns produtos em contraste com a valorização da mão de obra

Os grandes desperdícios, a mãos-de-obra injusta e os preços exorbitantes por peças de má qualidade.

geração de resíduos, falta de acessibilidade, produção em massa sem responsabilidade.

O que me incomoda na indústria de vestuários é a produção das "fast fashion", que utilizam mão de obra barata, produção de peças de baixa qualidade que em pouco tempo saem de moda e são jogadas fora. Mas o que mais me incomoda é a utilização de animais na produção de roupas.

Exploração dos menos favorecidos na cadeia produtiva

falta de diversidade, parece tudo mais do mesmo.

os preços e as alternativas que estão sempre ligadas a exploração de trabalho ou ambiental

Poucas opções de tamanho

fast fashion, exploracao, insustentabilidade na produção

Trabalho escravo e descompromisso com as questões ambientais.

Uso de materiais que prejudicam o meio ambiente, exemplo: poliéster

Que tudo sai de moda muito rapido e aquilo vira « lixo »

consumo de água, desperdício de materiais e exploração de mão de obra

a dificuldade de encontrar tamanhos e modelagens que se adequam a corpos fora do que se entende como padrão

Me enoja a quantidade de roupa que o mundo nao precisa e acaba virando montanhas de lixo. Eu nao acredito que isso seja resolvido mas esse consumismo bárbaro me incomoda. Inclusive estou consciente de que eu faço parte disso ( shein e outos) e quando compro peças pq estao mais baratas ou em promo na loja que eu gosto.

rapidez, mudanças constantes, propaganda, desinformação ao cliente sobre descarte, padrão estético, superficialidade

Poluição que provoca, a super exploração do trabalho e a descartabilidade das peças, seja por questão de moda ou por qualidade mesmo.

Consumo em excesso



PRA ONDE VAI TODA A ROUPA NÃO VENDIDA OU NÃO MAIS ÚTIL? tadinho do meio ambiente

A exploração da mão de obra para confeccionar produtos

A fixação por entrar na mente das pessoas

Me incomoda a produção num aspecto geral, sabendo como o fast fashion gera impactos ambientais e sociais, mas também as vezes é a única alternativa para peças mais baratas agora que brechós estão apresentando preços muito mais altos que antigamente.

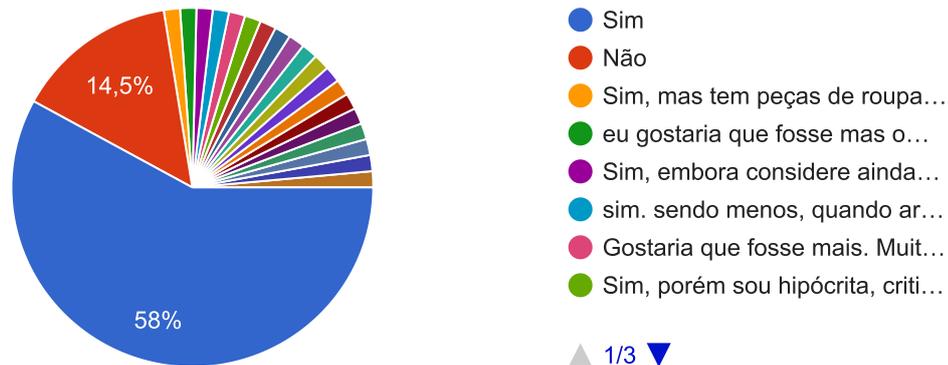
Roupas desnecessariamente caras, falta de representatividade e excesso de "fast fashions"

A forma como a indústria do vestuário homogeniza a moda e a forma de se expressar.

Para você, a forma de produção é uma preocupação e/ou critério para adquirir um produto?



69 respostas



▲ 1/3 ▼



## Como as tendências digitais influenciam no seu consumo de moda?

61 respostas

Muito mais do que eu gostaria

influenciam bastante. eu comecei a me preocupar mais com o jeito que eu me vestia depois de começar a consumir conteúdos de moda, tipo "get ready with me", pegando referências e entendendo o que eu gostava/não gostava. claro que não são somente as tendências digitais que me influenciam, mas são grande parte.

Influenciam pq colocam na vitrine virtual marcas que não conhecemos. Acabamos indo nos links e comprando.

Propagandas

Não influencia

não saberia dizer exatamente porque não tenho redes sociais, mas tento acompanhar matérias sobre as marcas de que gosto.

Racionalmente não muito, mas acredito que há a influência indireta

Acho que as tendências vão influenciar de acordo com o contexto que a pessoa está inserida, mas eu sempre tento escolher o que está de acordo com o que faz sentido na minha rotina, no meu estilo de vida e gosto pessoal.

Não influenciam muito.

tento encontrar roupas que quero em lojas do instagram especialmente lojas que estão começando

Acredito que pouco, observo mais na rua

Não influencia muito

Novas abordagens ao look

Como inspiração

Quando há uma tendência que eu me identifico, me sinto influenciada a adquirir.

Acaba sendo impossível ser agnóstico aos tipos de estilos que são atuais, acho que as redes sociais acabam virando esse lugar que muitas pessoas estão fazendo propaganda pra certas marcas de graça

A Vinted influencia muito. Facilita o consumo em 2a mão.



Me inspiro nas tendências mas dificilmente adquiero peças da moda, nunca comprei em sites de fast fashion como shein, prefiro criar looks com as peças que ja tenho

De forma moderada. Acompanho mas, busco manter uma identidade

Não sei dizer muito como, mas sinto que acaba influenciando, as vezes não tão diretamente, mas se influencia as pessoas ao meu redor tbm influência noq eu vejo no dia a dia, oq passo a considerar bonito etc

Não tem assim muita influência. Não gosto se comprar peças que não vou usar por muito tempo.

Tenho vontade de consumir muitas vezes pelo fato de ver outras pessoas utilizando.

Influenciam bastante

A gente é bombardeado por informações e com certeza nos impacta de alguma forma

Dificilmente me influenciam

algumas sim

.

Me sinto desconfortavel de usar algo que é constantemente criticado esteticamente, por outro lado crio coragem quando alguem influente usa

Influenciam apenas na forma de recombinar minhas roupas ja existentes, encontrando um novo arranjo de como utiliza-las, pois não compro roupas com muita frequência.

Quase de forma nenhuma

Não me influenciam

Diria que tem pouca influencia sobre mim, já que não compro roupas com muita frequência, e as mídias digitais estão sempre se atualizando.

Não influenciam

A maioria das roupas que compro é porque vejo em corpoa.iguais aos meus, por meio de influencers. Indicação delas me deixa mais confiante para comprar.

Pouco. É difícil correr o risco de comprar tendência, as peças precisam ser versáteis e duráveis, por uma questão financeira eu não posso arriscar, preciso ser assertivo.

Não acho que influenciem



Particularmente, não consigo perceber uma grande influência. Pelo menos não a ocidental. Consumo muito mídia da Coréia do Sul e Japão, então acabo por me identificar mais com tendências de lá. Digo que não consigo perceber grande influência em mim, porque o que eu gostaria de consumir "tendenciosamente" acabo não encontrando por aqui. Ou quando encontro não cabe no orçamento.

Influenciam demais! Eu amo a moda e ela tá sempre mudando. As lojas virtuais vão seguindo o mesmo ritmo, e como costume comprar online, também me adapto a isso

confesso que não me influenciam tanto. até utilizo algumas referências, mas como me considero bastante básico não é algo que afete diretamente em mim e também não me privo de usar algo que gosto só por não estar numa bolha de tendência.

Acabo adquirindo gosto pelo o que está na moda e normalizando

Fazem as pessoas comprarem roupas por impulso e que logo "saem de moda" e ficam jogadas de lado.

me sinto julgada e pressionada ao escolher minhas roupas e como as uso.

As tendências digitais às vezes me mostram que meu corpo pode ficar bonito em alguns tipos de estilo que eu não imaginaria sozinha e provavelmente nem tentaria provar.

Pouca influência

totalmente. por mais que a gente possa ter uma preocupação política e com a procedência da peça, acaba sendo quase impossível se anular da influência digital e de propagandas. já comprei em marcas com fabricação duvidosa e com polêmicas de uso de mão de obra escrava como zara e shein, por exemplo. por serem "de massa", acaba sendo muito difícil escolher por outras marcas alternativas pela falta de visibilidade delas.

Muito. Compro o que vejo na internet

nem tanto, demoro para adentrar à moda do momento

Nem sei quais são as tendências digitais.

Um pouco

acabo aderindo algumas influências no dia a dia, desde que elas façam sentido para mim (sejam confortáveis e no meu estilo)

gosto de seguir as tendencias que fazem sentido pra mim e pra meu corpo, penso nã atemporalidade delas também

Não influenciam. Sabe a questao da minha identidade nas roupas que compro? Ela é mais forte do que tendências.



bastante principalmente em referencias de looks pra eventos/ocasioes especificas

Acho que não influenciam muito. Mas a indústria da moda influencia porque acaba ditando o tipo de produto que se encontrar no mercado, porque a maior parte das lojas segue a lógica da indústria e a não ser que vc compre somente em brechó, acaba sendo difícil escapar.

Não acompanho

não influenciam, ou eu tento não deixar influenciar

Através de anúncios ou fotos no instagram principalmente, acabam motivando a compra de muitos produtos.

Quero comprar tudo oq elas usam

mesmo que meu estilo não tenha mudado muito durante os anos, me sinto com vontade constante de comprar peças para meu guarda roupa. Creio que o algoritmo na verdade me ajuda a encontrar mais facilmente lojas que realmente conversem mais com a minha identidade e isso me facilitou bastante sair do ciclo de comprar em fast fashion, pelo menos.

Se algum tipo de peça entra na moda, e eu gosto, eu fico querendo consumir também, ainda mais sendo uma peça acessível e versátil

Muito. Acredito que as tendências impulsionam a minha vontade de comprar. Sempre penso no que faz sentido para mim e o que gosto de verdade. No entanto, acho que as tendências digitais também se esgotam rapidamente e se torna cansativo ver a mesma coisa sempre. Todo mundo se vestindo igua.



## Pense na moda brasileira atual, como a descreveria?

52 respostas

Colorida

olha, eu pensei e não consigo decifrar uma moda especificamente brasileira. eu vejo a moda brasileira sendo totalmente influenciada pela moda exterior, principalmente por conta de marcas como a shein. são produtos muito acessíveis e que são influenciados por toda essa tendência que cresce nas redes sociais (principalmente no tiktok) e são reproduzidos na moda brasileira. mas isso também é só um recorte do que eu vejo atualmente

Ainda muito cópia da estrangeira. Gostaria que a moda fosse mais descolonizada.

A moda brasileira está se preocupando mais com o meio ambiente

Casual

difícil sintetizar, mas acho que reflete bastante o problema social da concentração de renda: "é para poucos". importante fazer um destaque positivo para iniciativas bem legais de sustentabilidade de algumas marcas brasileiras.

Ainda incapaz de atender um público maior

Com muitas estampas, cores, texturas, poucas camadas e tecidos confortáveis .

Uma moda desconectada com o perfil da população brasileira.

colorida, estampada, esvoaçante

Divertida, colorida e bem estruturada

Não sei muito sobre, mas acho que extravagante

Dentre os jovens: moderna, sexy

Não sou do Brasil

Sou portuguesa

Original, quente e ousada

Criativa, com excelente uso de estampas e cores, ousada.

Sinto que as tendências estão se apresentando como menos universais, com diferentes tendências em diferentes nichos (mas sei lá, pode ser uma percepção temporal minha por hj perceber mais nichos doq antes)



Sempre em movimento no processo de reconhecimento e descoberta

Não sou capaz de opinar

muito plural

.

No verão: cores vibrantes, roupas frescas, leves, estampadas e lisas em tons vibrantes e/ou pastéis. No inverno: uma paleta de cores mais fria, mais escura, com muitas calças jeans, jaquetas, tênis, botas e etc.

Boa? Não acompanho tanto o cenário, mas sinto que a tendência por roupas mais coloridas e que carregam o semblante de "brasilidades" continua se fazendo presente. Particularmente, eu gosto disso.

Bem mais libertador se comparar com as tendências anteriores, apesar de despertar raiva nas gerações anteriores (o que é muito bom), além dela estar se adaptando às necessidades locais também.

Não tenho opinião

Diversificada e elitista. Só tem acesso a moda quem possui dinheiro para comprar. Pois até lojas de departamento estão com preços inacessíveis.

Indústria jovem, comparado a indústria estrangeira. Vejo uma crescente, principalmente de designers e marcas apostando ou buscando uma estética nacional.

Um pouco de tudo? (não sei kkk)

Como em todo lugar, dividida entre classes sociais e também raciais. A experimentação de se expressar sendo você mesmo está cada vez mais se popularizando

Despojada

acredito que as produções brasileiras tem tido uma preocupação com questões de uso, descarte e produção porém ainda acredito ser passos pequenos, mas com o surgimento de diversas marcas independentes tem fortalecido o pensar nessas problemáticas.

Brasil core / street wear

Uma moda mais sexy, com roupas decotadas e fresquinhas para aguentar o verão.

instagramável.

Estampas coloridas, blusa de botão, chinelo e tote bag.



Busca por originalidade e representatividade

diversa

se espelha mt na moda globalizad

Não sei descrever.

Diversa e muito colorida

Diversa

crescente

Eu acho que o que é brasileiro talvez ainda seja desvalorizado. Quando penso em raízes, penso nas rendeiras do nordeste, no crochê. Não foi originário no Brasil, mas é algo forte que traz um pouco de história de vida, sobrevivência e ainda não é valorizado. Nas feiras de artesanato ou são vendidas muito baratas, ou se são vendidas a preço mais caro, o preço é retrucado. Existem marcas brasileiras como a Farm que estão levando a cara do Brasil lá para fora. Mas isso representa o Brasil? Estampas? Somos muito influenciados pela estética de fora. Em questão de roupas, eu não consigo dizer se existe uma marca brasileira que representa isso com força. Tem a Catarina mina que faz bolsas e roupas em crochê e trabalha com mulheres para gerar renda em cima disso. Talvez seja uma representação brasileira. Mas as peças são caríssimas.

irreverente

Não acompanho, não sei opinar

sensual e política

Bem diversa, com muita originalidade e ideias super criativas, porém em alguns pontos uma cópia da moda de países desenvolvidos.

Possui influência da moda gringa, mas acho que ainda aplicamos vários aspectos nossos em acessórios e estamparia mais viva.

Não tanto brasileira e mais baseada na moda "mundial"

Eu entendo a moda brasileiro como plural. Por estarmos em um país tão extenso e vasto, entendo que as pessoas precisam adaptar as tendências e as formas de se expressar para fazer sentido em seu território. A moda é também territorializada. Acho que ela nasce de todo lugar. Há a moda da passarela, mas também a que nasce a partir da marginalização. Acho que elas se encontram em um lugar, na forma de se expressar.



De forma subjetiva mesmo, o que você diria que suas roupas contam sobre você?

69 respostas

Minhas roupas fazem parte da minha imagem, acredito que antes mesmo de eu chegar e falar algo em algum ambiente novo, minhas roupas chegam antes de mim, elas são a primeira impressão que as pessoas vão ter de mim. Por isso pra mim é importante a historia que elas vao contar sobre mim

acho que minhas roupas passam a minha personalidade

Basica e direta

Contam sobre minha vibe, atitude, personalidade, modo de pensar

Estilo, conforto e praticidade

Praticidade

acho que elas contam como eu gosto de subverter a feminilidade estereotipada.

Não sei

Não sei, olhei horas para o meu armário e não consegui responder kkk

Que sou uma pessoa prática e objetiva

menininha, delicada, prática e alegre

Minimalismo e praticidade

Da minha maneira de ser

Simples e prática

Que eu me visto de acordo com o meu humor e que ele muda bastante

Acho que falam sobre a minha identidade e bolha social.

Creio que acabam sendo um indicativo de diversos gostos : musical, filmes, eventos sociais. Existem uma série de estereótipos e se enquadrar neles podem te fazer ser imediatamente mais aceito ou rejeitado por um grupo. Podem definir se alguém vai te achar mais ou menos atraente. A nível pessoal diria que dizem muito sobre o meu estado emocional.

Falam sobre a minha identidade, como me sinto, a minha maneira de estar no mundo, as minhas energias



Em termos éticos, dizem muito porque são escolhas políticas. A estética também traduz uma vontade de pertença e uma expressão social, até inconsciente.

Gosto de roupas de boa qualidade e quero sempre estar bem vestida, acho que minhas roupas mostram que meu estilo é feminino, divertido e leve

Tenho estilo, sou criativa e independente

Ai difícil, gosto de como da pra eu me vestir pra diferentes situações, com estilos diferentes mas podendo manter o meu estilo geral

Quando estou com o uniforme do trabalho contam que gosto muito de futebol (o que engana as pessoas haha) quando uso as minhas roupas do dia a dia não faço ideia do que contam, nunca pensei sobre isso. E quando vou a festas acho que mostram uma versão mais extrovertida de mim, com roupas mais divertidas.

Gosto de me sentir bem com roupas bonitas, mas básicas. Sinto que elas passam essa imagem de que posso ser estilosa sem grande esforço.

Boa parte da minha personalidade

Elas trazem um pouco da minha personalidade

Minhas roupas falam sobre o que me agrada, o que eu gosto ou acho bonito. Expressam um pouco da minha personalidade e meus sentimentos

vibe alto astral, estilo e afins

.

Algo entre preguiçosa e pratica

Minhas roupas atuais não representam muito minha personalidade. Se eu pudesse renovar todo o meu guarda roupas acredito que as roupas poderiam ter um pouco mais a minha cara e representar minha personalidade.

Talvez o tipo de pessoa que sou, a forma com a qual me relaciono com outros em ambientes coletivos. E um pouco sobre as coisas que gosto (como música, livros, filmes, etc...)

Talvez que eu sou uma pessoa padrão sem medo de arriscar

Ainda estou tentando descobrir isso, antes eu tinha uma questão com minhas roupas pois achava que ela não me representavam mais, então tenho buscado entender e mudar isso aos poucos

Que eu sou simples e calma (?), não sigo um padrão de roupas então às vezes as pessoas podem pensar que tenho um estilo sombrio (?) por usar muito preto e justo, mas também uso bastante roupas largas e claras (calor do rj é terrível).



Que eu estou 100% confortável

Não, é só um acessório, é supérfluo dizer que a roupa reflete seu interior

Elas sempre representam o meu humor do momento, por meio das cores. Também ajudam a complementar a minha personalidade e a minha postura. Se quero parecer mais séria, roupas mais elegantes. Se quero mais despojada, roupas mais casuais.

Uma pessoa objetiva com picos de criatividade.

Pessoa básica

Além de mostrarem minha personalidade, sinto que elas têm o poder de transmitir meus sentimentos naquele dia x. Se estou alegre, fico mais disposta a sair das cores de minha zona de conforto, e uso, alguma cor que não gosto muito, mas que me chamou atenção naquela peça de roupa e acabei comprando.

Minha forma de expressão externa no mundo

Cansada e pobre

Ah, tenho minhas fases. Geralmente quero parecer mulherão (mas sem usar roupas coladas), mulherão que digo é me vestir elegante. Mas tb tenho fases que gosto de parecer menininha. Depende mto kkkkk

acho que passa uma e imagem de alguém de personalidade e autêntico. por mais que não use roupas mais fora de um "comum" eu sempre priorizo mais em como a roupa fica no corpo e em como eu me sinto a usando. se sinto que me valorizou de alguma maneira eu uso. e isso acredito que reflete no meu comportamento

Confortável e as vezes diferente e esquisito

Que eu não tenho um estilo determinado, vou me vestindo de acordo com oq eu tenho vontade naquele dia, mas acabo com uma vibe mais retrô.

acho que sou tranquila, não gosto de me destacar, mas que me importo.

Que eu sou meio trevosa, porque uso muito preto, e que sou minimalista porque sempre uso as mesmas cores (preto, cinza, branco e verde musgo) e estampas (listras e bolinhas).

Simples e apegado

estilo, narrativa, história. quando uso algo mais minimalista, por exemplo, passo uma mensagem. se uso algo com uma estampa mais divertida, passo outra. as cores também interferem muito no mood, na aparência: o preto pode ser algo mais fechado, mais sério; enquanto o verde pode ser algo mais alegre, aberto.

minha personalidade, meu estilo, meu posicionamento



Contam um pouco do meu humor

posso peças mt específicas que me representam, quem me conhece reconhece. porém ao mesmo tempo sinto que não carrego mt identidade da forma como me visto. priorizo conforto e praticidade. tento sempre passar um pouco da minha personalidade na forma como me visto

Um brechó ambulante

Criativa

Minha área

acho que mostra que sou uma pessoa básica e direta

acho que mostram uma pessoa prática e divertida, que liga pouco para o padrão da silhueta feminina e gosta de desconstruir isso

Traz um pouco da minha identidade tanto nas cores como no estilo. Quando a pessoa vê x cor, ela diz que lembra de mim e que essa cor combina comigo. Hoje prezo por conforto. Então busco coisas despojadas.

meu gosto, relações familiares, preguiça, autoestima alta e baixa, correria, sei lá

despojada / atitude

Prática e simples

Que eu raramente ligo pra opinião dos outros, e que talvez eu não pense muito antes de me vestir

Algo mais discreto, sem chamar muita atenção.

Sobre meu estilo de ser, de ouvir música etc

Gosto de pensar que elas contam sobre meu interesse em fantasia, colorir mais meu dia a dia

Me visto de acordo com meu humor e vontade, então as roupas acabam refletindo como eu estou me sentindo no dia.

Eu entendo as roupas como uma forma de se expressar. Acho que minhas roupas me ajudam a me sentir mais confiantes nos lugares que vou. Quando não me sinto bem com o que estou vestindo, automaticamente me fecho e não estou 100% entregue ao que estou vivenciando. Sobre mim, acho que elas transmitem o que eu quero passar e não necessariamente o que de fato estou sentindo.



## Pra finalizar, como é sua relação com moda e vestuário?

59 respostas

atualmente é uma relação bem ativa, na qual me preocupo com o que vou usar, me preocupo em me sentir bonita, me preocupo com a opinião dos outros em relação ao que eu visto

Bem conflitante. As vezes me importo, outras nao. As vezes vejo a moda como algo pra se expressar, a forma quq alguém se veste diz sobre a pessoa. Ao mesmo tempo, as vezes acho superficial julgar alguém pelas roupas, uma vez que esta ligado a questoes econômicas tambem. Nao sei definir minha relacao

Amor e ódio rs

Sou consumista, gosto de estar atualizada

Normal, sem exageros

eu gosto muito de moda, adoro pensar nas roupas que vou usar, comprar roupas novas (ainda que sejam usadas, muitas vezes). o que me incomoda é uma sensação de hipocrisia ao perceber o quão restritos são meus hábitos em relação à moda e vestuário.

Ambígua

Uma relação de autoestima e prazer, a roupa me passa confiança e me faz me sentir bem, desde a compra de uma roupa até a hora de me vestir e compor um look.

Bom, não sou muito atendida nas últimas tendências da indústria da moda. Visto roupas que me caem bem, que me sinto bem e práticas.

no dia a dia bem prática - calça jeans e camiseta. mas gosto de inventar roupas/combinções diferentes pra ocasiões especiais e de sentir que minhas roupas comunicam algo sobre quem eu sou/me agradam esteticamente. sei peças que gostaria de ter mas ODEIO comprar roupa principalmente em lojas com vendedoras individuais. muitas vezes não encontro as peças que gostaria

Difícil, normalmente presto atenção nisso quando é mesmo necessário

Boa

Péssima, não perco muito tempo.

Tranquila, muitas simples

Eu gosto de me arrumar e pôr uma roupa que me sinto bem e bonita. Mas quando tenho dificuldade nesse processo, me sinto frustrada e desanimada, acho que por vezes até afeta a auto-estima.



Acredito que hoje em dia seja saudável baseado em como eu consigo consumir. Felizmente uma situação financeira melhor me permite adquirir itens de maior qualidade e com métodos de produção mais ecologicamente corretos (com certeza ainda carregam os problemas sociais em algum nível, a menos que seja uma produção artesanal local).

Isso me faz comprar roupas só quando é necessário ou quando realmente vejo algo que me agrada muito. E sempre doar o que não uso ajuda a ter uma rotatividade e aumentar a vida útil daquela peça.

Não sei o que responder. É uma pergunta um pouco vaga...

Sinto que me expesso através da maneira que me visto, eventualmente vejo notícias do mundo da moda. No entanto, me angustia ver a moda ser quase sempre sobre consumo

Gosto muito de moda. As roupas me definem.

Gosto de me vestir e de poder me expressar tbm pela forma de me vestir, mas as vezes da preguiça tbm.

Gosto de poder me expressar com a roupa em momentos especiais brincando com as peças, no dia a dia vou por um lado mais prático, escolhendo peças que acho diferentes, bonitas e confortáveis. Não me importo muito com as tendências, mas obviamente sou influenciada por elas.

Tranquila, não sou muito consumista

Uma relação pessoal, não costumo me guiar pela moda mas sim pelos meus gostos na hora de buscar por um vestuário

.

Eu gosto muito de ver e me imaginar mas geralmente quando me visto nunca fica o esperado e fico triste vestindo o de sempre (muitas vezes também fico com medo de estar exagerando e deixo de montar um look mais divertido)

Gostaria de poder ter uma relação melhor de consumo consciente, além de brechós, mas também conseguindo me identificar com estilo, qualidade e economia ao escolher minha vestimenta. Visto roupas que me agradam e que principalmente sejam viáveis economicamente.

Bastante pragmática.

Normalmente visto o que me agrada

Tenho começado a me interessar pelo tema

Tenho pra mim que é uma forma de arte tão linda quanto as demais, apesar de eu não saber muito sobre todos os detalhes, acho que contam histórias e transmitem ideias para todos de



forma silenciosa.

Completamente alheio

Sou apaixonada! Pesquisa tendências, bons tecidos, roupas de qualidade etc

Ferramenta indispensável pra minha autoestima e auto afirmação.

Não sei

Eu sou fascinada pela moda, inclusive, tentei fazer faculdade de moda, mas vi que não era bem o que eu queria. Sou mais consumidora, poderia dar pitacos aqui e ali, mas é uma indústria pesada demais. Em vários sentidos. Mas sigo, principalmente no instagram, artistas que me inspiram, tanto pessoalmente quanto no aspecto do vestuário.

Não é boa

Terapia, eu amo e tô sempre comprando roupas. Meu cartão de crédito só Deus. Mas é uma forma de terapia pra mim

eu gosto bastante de roupas e moda de modo geral, embora não seja tão antenado nas tendências e etc, é um conteúdo que me interessa. e gosto de me vestir bem e me sentir bem usando algo. acho que moda é um acessório importante de reforço da identidade.

Gosto bastante de moda me interessa embora nunca tenha me aprofundado no assunto e estudado tendências

Gostaria de ser mais estilosa, porém a grande maioria das roupas que fogem do padrão muito casual são bem mais caras e com tecidos ou acabamentos ruins na maioria das vezes. Não costumo mudar muito o número do meu manequim, então prefiro peças com boa durabilidade para que eu possa usar por muitos anos (tô usando um short que comprei em 2014 e ele tá praticamente inteiro, eu tinha 12 anos).

não sigo muito a moda no tempo certo, visto p que faz sentido pra mim naquele momento. isso não significa que eu não goste das tendências, mas não gasto o tempo todo pra acompanhar.

Complexa. Às vezes eu acho alguma roupa bonita e até posso desenhar roupas diferentes, mas nunca acho que é pra mim. Gosto de moda mas acho que não usaria nada muito designer de moda, sabe?

Gostaria de ser mais expressivo mas acabo sendo básico demais

é complicada pelo cuidado das roupas. sinto que as roupas duram pouco, mancham fácil, rasgam, esticam, encolhem. minha dificuldade é em fazer a roupa durar.

gosto de me sentir vestindo bem, porém não dedico tanto de mim para isso. procuro alinhar meu consumo de roupa aos meus ideais, porém nem sempre isso acontece. mal ou bem quando falamos sobre roupa falamos sobre corpo, e se sentir confortável em uma peça. e é nesse



ponto q mts vezes acabo-me de deixando levar a financiar marcas que nao concordo com o meio de produção (principalmente nesse cenario de fast fashion).

Me preocupo e tento comprar o mínimo possível. Vou primeiro ao brechó quando preciso de algo e caso não encontre, mas julgo ser uma peça necessária, aí então recorro à uma loja física. Não sou adepta de compras online. E por conta da minha classe social, muitas vezes não consigo comprar peças de boa qualidade por conta do preço. Calça jeans por exemplo, é um item que não acho no brechó do meu tamanho. Mas tento então, cuidar bem do novo item adquirido.

Gosto mas não invisto muito dinheiro porque enjojo fácil de roupas

Complexa

sou uma grande admiradora da moda e dos impactos dela socialmente e individualmente, busco sempre estar atenta no que acontece nessa área.

Ja fui muito mais consciente do que hoje. Não ter condições de comprar roupas novas me fez ir a brechós: Mas ir a brechós nao quer dizer que vc faz uso da moda consciente, pq vc pode viciar em comprar em brechós. Mas chega um momento que vc fica cansada de ter "roupas velhas" e se da o direito de ter algo novo. A sensação é diferente no momento da compra. Ate telefone eu sempre comprei usado. Quando minha condição melhorou eu precisei me vestir melhor. Entao comecei a comprar roupas. Mas todo mês eu via que estava comprando algo novo. Eu olhei meu guarda roupas e disse: hoje vc nao precisa de coisas novas. Vc precisa parar. Ja tem o suficiente. Entao entendi oque eu tinha e calculei com oque eu usava e oque eu precisava, voltando a ser consciente novamente. Mas entendi que a quantidade de coisas que comprei é pq eu estava acostumada a nao ter.

de boa

Me expresso pelo vestuário, mas não me considero consumista.

Dificuldade de combinar roupas, prefiro peças simples e únicas (como vestidos, macacão)

lembro de quando a minha principal característica era ser estilosa, sinto falta disso. Hoje minha relação é mais prática mesmo, mas tem dias que tento

Gosto do tema, quero pensar mais sobre mas gosto de ser prático e dificilmente paro para refletir nele.

Normal, não sou muito louca por moda tb

Acho importantíssimos para quem eu sou, como me apresento ao mundo e como me sinto em relação a ele.

Eu amo montar looks, pensar e repensar e criar um look que eu goste.

Não me sinto uma pessoa super engajada na moda ou com uma forma super livre de me expressar por meio dos vestuários, mas sempre tento me vestir da forma que gosto. As



roupas, na verdade, são peças super importantes na minha autoestima e na forma como me porto nos lugares.



Algum comentário extra? toparia conversar mais sobre o tema? ( se sim, deixe seu contato por favor :) muito obrigada!

32 respostas

Sim ~~hisaferain10@gmail.com~~

claro, pode falar comigo! ~~(11) 94878-5527~~

claro, vc ja tem meu contato ;) biazinha

Parabenizo pela pesquisa e interesse no assunto.

Adorei refletir sobre esse tema!

Sim. Contato: ~~netrainho@gmail.com~~

Vc mentiu pra mim, muito difícil isso haha se quiser me entrevistar dia 21 de fevereiro chego. Beijinhos me liga

.

Se quiser conversar mais: ~~(21) 992775815~~ (whats)

Boa sorte no seu TCC! :)

~~tranevsvetlora@polsk.dfi.jp~~

Interessante ver a moda crescendo dentro do nosso curso! Eu tenho grande interesse, acho que muitos também tem. Enfim, qualquer coisa que eu puder te responder a mais é só chamar. ~~\*kaka\* 21-99849-4910~~

~~(21) 991855166~~

Claro que topo! Qualquer coisa me chama no zap: ~~(21) 986584985~~. Tudo de bom pra vc!

Pode ser ~~21-998945529~~

só para registrar que estou achando incrível o seu tema e estou torcendo pra que dê tudo certo! se precisar de algo a mais estou a disposição. meu número é ~~984724878~~ bjo!!

Sim, moda me interessa bastante embora não pareça ~~(21) 995049701~~, Rodrigo aqui

Arrasa no TCC!

claro, ~~gabrielcklton@gmail.com~~ ou ~~(21) 99013-5544~~



claro lupiene. ctt: sua amg mari

Ok. \*8510\*2208\*

Toparia! follyananda@gmail.com

converso sim miga chama no zap (sula aki bjs

Amei a pesquisa. Infelizmente estou sem tempo para conversar mas desejo que vc arrase nesse tcc

De sugestao acho que vale vc perguntar pq voce compra roupas em x lugar.

Sim!

bibianaosora@gmail.com

Júlia 99976694

SIMMMMMMMMM, sempre que quiser. Você já sabe onde me encontrar amiga. Ps: amiga de trampo/que já dormiu na sua casa 🤪

Arrasa nesse Tcc xuxuzin 🌸

Simm, Kleice 96845969

Acho esse assunto muito interessante, te desejo muita boa sorte no seu trabalho :-> Posso conversar sobre, mesmo não tendo muito conhecimento sobre além dos aspectos pessoais! Aqui é a Cibilla, pode me chamar pelo wpp se quiser 2199229559

Amooo esse assunto de moda e vestuário, super topo conversar mais sobre o tema se precisar ;)

(21) 999028327

Claro! (21) 981678584 - espero q ja tenha o meu numero bjs

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pelo Google. [Denunciar abuso](#) - [Termos de Serviço](#) - [Política de Privacidade](#)

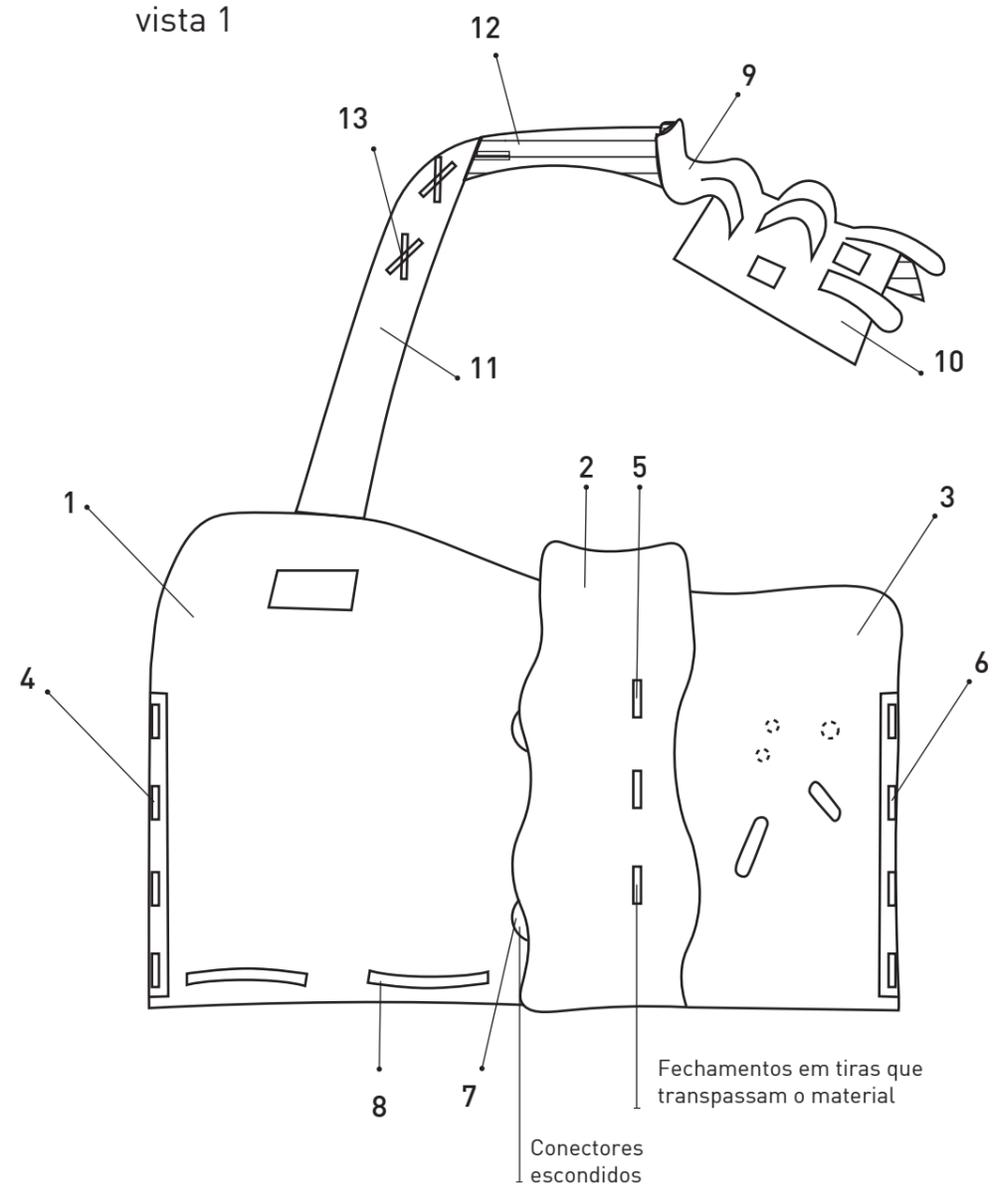
Google Formulários



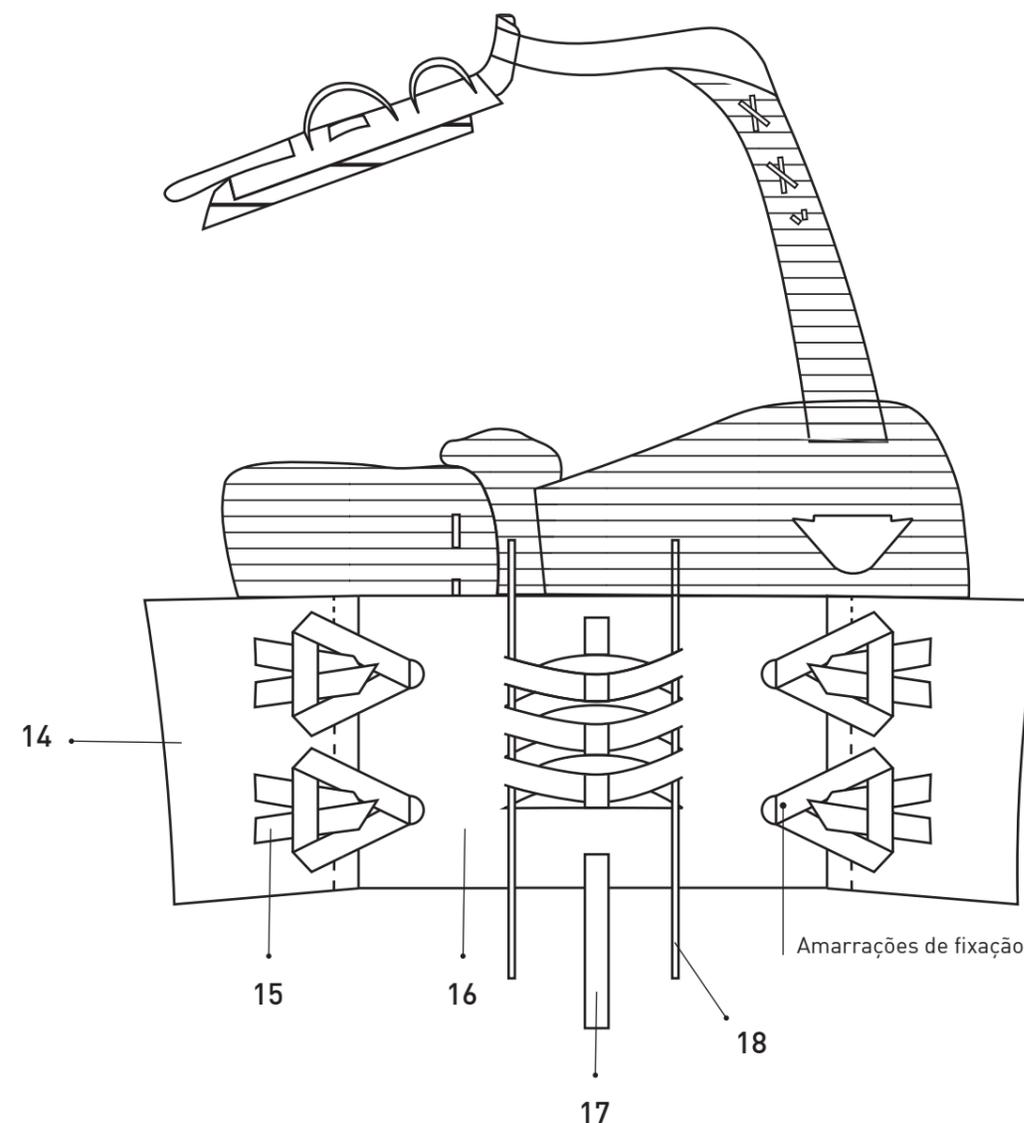


APÊNDICE III / FICHA TÉCNICA

vista 1



vista 2

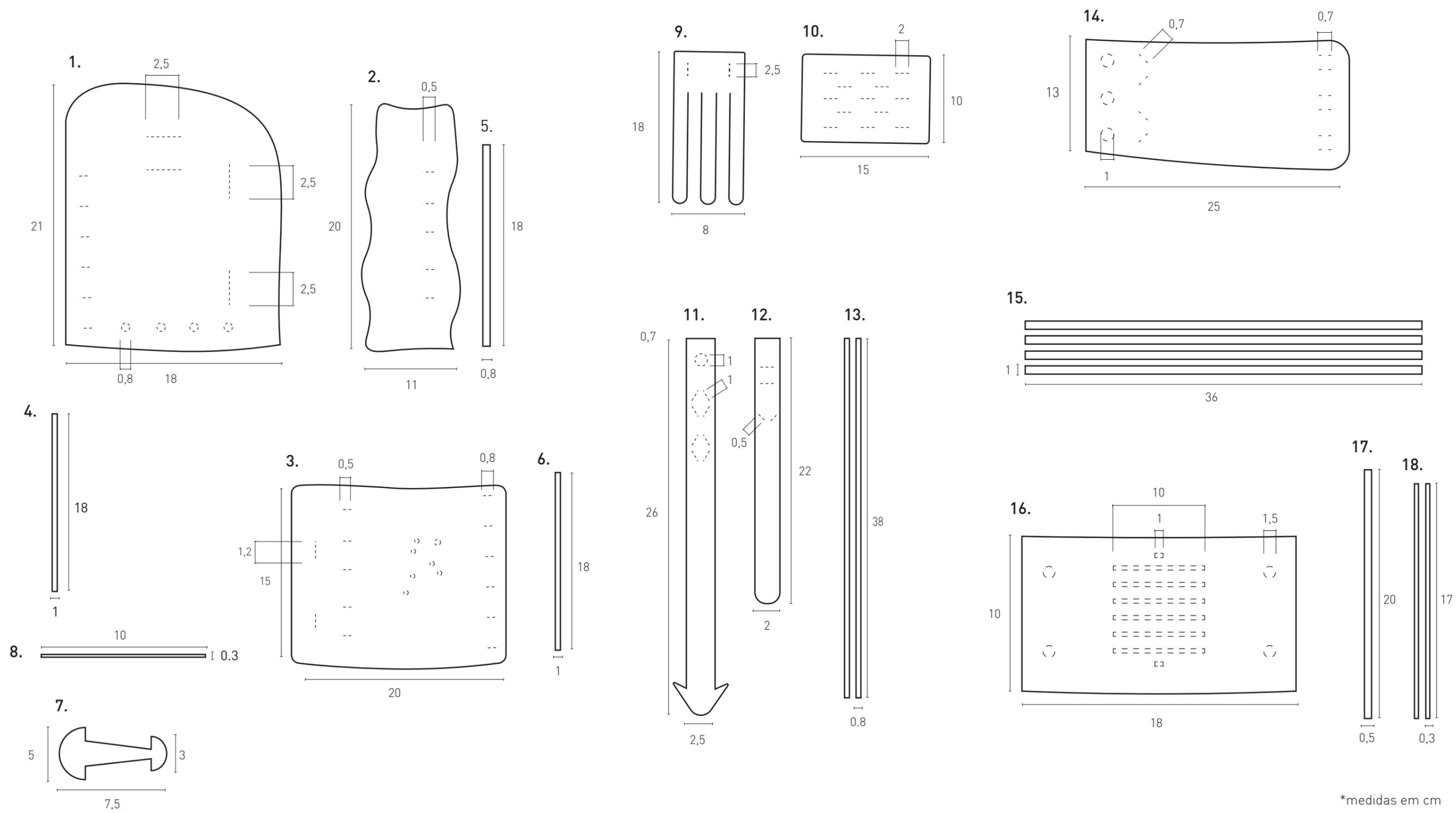


Material: Biomaterial de resíduo orgânico

Composição: Resíduo casca de laranja, água, alginato de sódio, óleo vegetal, glicerina

Descrição: vestível composto pela reunião de peças unidas entre si com conectores e amarrações

Observação: o processo de fabricação dos biomateriais pode gerar pequenas variações nas medidas, assim os valores são aproximados



\*medidas em cm

Material: Biomaterial de resíduo orgânico

Composição: Resíduo casca de laranja, água, alginato de sódio, óleo vegetal, glicerina

Descrição: vestível composto pela reunião de peças unidas entre si com conectores e amarrações

Observação: o processo de fabricação dos biomateriais pode gerar pequenas variações nas medidas, assim os valores são aproximados